

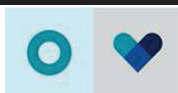
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Tânia Filipa Queirós Tavares

fevereiro 2014



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Tânia Filipa Queirós Tavares

Sob Orientação de: Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira |
Mestre Ana Maria Ambrósio Serapicos de Borda Cardoso

fevereiro 2014

RESUMO

O presente relatório explicita o processo de formação profissionalizante realizado no âmbito das unidades curriculares *Estágio I* e *Estágio II*, inseridas no 2º e 3º semestre no *Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico*, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Com estes estágios procuramos vivenciar uma experiência de prática pedagógica próxima de uma futura atividade profissional. Para tal realizámos um estudo de natureza qualitativa, descritiva, exploratória e empírica que proporcionou uma intervenção educativa regulada pela gestão e deliberação docente, visando a promoção de experiências de aprendizagem ativas, diversificadas, integradas, significativas e socializadoras.

Este relatório resulta da reflexão crítica acerca de toda a experiência de estágio, referindo os contributos deste para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional, com o intuito de tomarmos consciência das especificidades de cada contexto, de forma a construirmos a profissionalidade enquanto docentes portadores de uma dupla profissionalização.

Para a realização da construção deste relatório, foi necessário conhecer, com algum detalhe, os normativos legais provenientes do MEC, as Metas de Curriculares e alguns pressupostos teóricos de vários autores que pensam a Educação.

Palavras – chave:

Educação; Educação Pré-Escolar; Educação no 1º Ciclo; Docente Generalista; Professor Investigador; Professor Reflexivo; Intervenção Educativa.

ABSTRACT

This report explains the process of professional training undertaken in the course units Internship I and Internship II, inserted in the 2nd and 3rd semesters of the Master in Preschool Education and 1st Cycle of Basic Education, of Higher School of Education Paula Frassinetti.

With this internship we try to live an experience of pedagogical practice close to a future professional activity. To this end we carried out a qualitative nature study, descriptive, exploratory and empirical which provided an educational intervention regulated by teacher's management and deliberation, aiming to promote active learning experiences, diversified, integrated, meaningful and socializing.

This report results from critical reflection on the entire training experience, referring the contributions of this for our personal and professional development, with the aim of become aware of the specifics of each context, in order to build the professionalism as teachers carrying a double professionalization.

To carry out the construction of this report, it was necessary to know, in some detail, legal regulations from the Ministry of Education and Science, the Curriculum Goals and some theoretical assumptions of several authors who think the Education.

Keywords:

Education; Preschool Education; Education in the 1st cycle; Generalist Professor; Research Professor; Reflective Professor; Educational Intervention.

AGRADECIMENTOS

*“Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...” e o que vejo são os meus sonhos.*
Alberto Caeiro (heterónimo de Fernando Pessoa)

Depois de uma grande luta, é com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que me acompanharam durante todo o meu percurso académico e que tornaram possível a concretização deste meu sonho.

Contudo agradeço de uma forma particular, do fundo do meu coração:

Aos meus pais, Bernardino Tavares e Rosária Queirós, à minha irmã Mariana Tavares e à minha madrinha Susana Tavares que tudo fizeram, fazem e farão pelo meu bem-estar e felicidade. Um grande obrigado, pois sem vocês não seria possível concretizar este meu sonho.

Ao meu namorado Mauro, por sempre acreditar em mim e me acompanhar neste percurso desde o início da Licenciatura até ao Mestrado, pela paciência, perseverança, pelo apoio, pelos conselhos. Por partilhar as minhas alegrias e os meus desesperos, sempre me apoiou incondicionalmente e me acarinhou.

Aos meus orientadores, Mestre Pedro Ferreira e à Mestre Ana Maria Serapicos de Borda Cardoso, pela amabilidade, disponibilidade, confiança, incentivo e todos os momentos de aprendizagem.

A todas as crianças de ambos os estágios, pelo carinho, pelas experiências, pelos desafios, pelas alegrias que ajudaram a conhecer-me melhor quer ao nível pessoal quer ao nível profissional.

À professora Cristina Costa, professora orientadora da valência 1º CEB, que sempre me apoio, ensinou e incentivou.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, compreendendo a minha ausência, mas reconfortando-me sempre.

E a todos aqueles que sempre acreditaram em mim e nunca me deixaram de apoiar neste caminho.

UM MUITO OBRIGADO A TODOS!

Índice

INTRODUÇÃO.....	10
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
1.1 Conceção de Educação.....	12
1.2 Conceção de Educação Pré-Escolar e do 1º CEB.....	13
1.3 O Papel do Educador de Infância e do Professor do 1ºCEB.....	15
1.4 Organização do Ambiente Educativo.....	16
1.5 Algumas Metodologias Pedagógicas no Pré-Escolar e 1º Ciclo.....	18
1.6 Diferenciação Pedagógica.....	20
1.7 Intencionalidade Educativa.....	22
1.8 A Importância da Motivação.....	24
1.9 O Envolvimento Parental é também, uma variável a considerar na escola e na complementaridade de esforços que é suposto existir com o trabalho escolar.....	25
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	27
2.1 Tipo de Estudo.....	28
2.2 Participantes do Estudo.....	28
2.3 Instrumentos, técnicas e procedimentos de recolha e análise de dados.....	29
3. INTERVENÇÃO.....	33
3.1 Caracterização dos contextos educativos em Educação Pré-Escolar e do 1º CEB.....	33
3.2 Caracterização do grupo de crianças do Pré-Escolar e do 1ºCiclo.....	38
3.3 Intervenção Educativa.....	42
3.3.1 Observar/preparar.....	42
3.3.2 Planear/planificar.....	43
3.3.3 Agir/intervir.....	46
3.3.4 Avaliação.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	65
ANEXOS.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB: Ciclo do Ensino Básico

EPE: Educação Pré-Escolar

ESEPF: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

IGE: Inspeção Geral da Educação

LBSE: Lei de Bases do Sistema Educativo

OCEPE: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PAA: Plano Anual de Atividades

PAT: Plano de Atividades da Turma

PCG: Projeto Curricular de Grupo

PEA: Plataforma de ensino assistido

PE: Projeto Educativo

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE DE ANEXOS

- ANEXO 1 – Grelha de observação de 19 de fevereiro de 2013.
- ANEXO 2 – Grelha de observação de 21 de maio de 2013.
- ANEXO 3 – Registo de incidente crítico de 19 de março de 2013.
- ANEXO 4 – Registo de incidente crítico de 4 de junho de 2013.
- ANEXO 5 – Registo de incidente crítico de 16 de abril de 2013.
- ANEXO 6 – Registo de incidente crítico de 8 de maio de 2013.
- ANEXO 7 – Registo de incidente crítico de 29 de maio de 2013.
- ANEXO 8 – Registo contínuo de 29 de maio de 2013.
- ANEXO 9 – Amostragem de Acontecimentos da permanência nas áreas.
- ANEXO 10 – PIP ao nível do ambiente físico.
- ANEXO 11 – Registo do Portefólio da Criança.
- ANEXO 12 – Início do Projeto Lúdico.
- ANEXO 13 – Rede Curricular.
- ANEXO 14 – Registo de incidente crítico de 22 de maio de 2013.
- ANEXO 15 – Registo da aula de motora de 2 de abril de 2013.
- ANEXO 16 – Registo de incidente crítico de 10 de abril de 2013.
- ANEXO 17 – Planificação do início do projeto “A casa de lousa”.
- ANEXO 18 – Planificação da vista do personagem “Sr. António”.
- ANEXO 19 – Planificação da visita do personagem “Sr. Pedro”.
- ANEXO 20 – Planificação da hora do conto “*O pai mais horrível do mundo*”.
- ANEXO 21 – Planificação da hora do conto “*O menino que aprendeu a ver*”.
- ANEXO 22 – Registo de um incidente crítico 12 de março de 2013.
- ANEXO 23 – Registo de observação de 5 de Junho de 2013.
- ANEXO 24 – Registo de teatro de fantoches de 23 de maio de 2013.
- ANEXO 25 – Registo de avaliação das crianças sobre o PGC.
- ANEXO 26 – Registo de avaliação dos pais sobre o PGC.
- ANEXO 27 – Avaliações das atividades.
- ANEXO 28 – Grelhas de parcerias e o trabalho a desenvolver.
- ANEXO 29 – Grelha com os pontos fracos e ações de melhoria (IGE).
- ANEXO 30 – Grelha com as áreas a melhorar do agrupamento.

ANEXO 31 –Tabela da organização do Conselho Pedagógico do Agrupamento.

ANEXO 32 – Imagem da disposição das carteira da sala de aula.

ANEXO 33 – Registo de incidente crítico de 12 de novembro de 2013.

ANEXO 34 – Planificação dos trabalhos de grupo.

ANEXO 35 – Grelha de verificação dos T.P.C

ANEXO 36 – Planificação de uma aula do 1ºCEB

ANEXO 37 – Planificação de uma aula do 1º CEB

ANEXO 38 – Atividade planeada para pequenos grupos no 1º CEB

ANEXO 39 – Atividade planeada para cooperação ativa no 1º CEB

ANEXO 40 – Planificação do comboio das classes no 1º CEB

ANEXO 41 – Carta para a direção no 1º CEB

ANEXO 42 – Criação dos cartazes “perigos das drogas, tabaco e álcool”

ANEXO 43 – Planificação do dia de Reis

ANEXO 44 – Imagem da construção do livro “Os três porquinhos”.

ANEXO 45 – Grelha de auto e hétero avaliação das leituras

ANEXO 46 – Horário com as áreas curriculares no 1º CEB

ANEXO 47 – Planificação da área de Apoio ao Estudo

ANEXO 48 – Grelha de presenças e atrasos no 1º CEB

ANEXO 49 – Planificação de uma aula com questões a colocar à turma 1º CEB

ANEXO 50 – Reflexão sobre a aula improvisada no 1º CEB

ANEXO 51 – Imagem da construção do calendário de outono

ANEXO 52 – Imagens com as atividades do dia da alimentação

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estágios inseridos no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) foi-nos proposto a realização do presente relatório de estágio.

O estágio I decorreu entre o dia 14 de Fevereiro de 2013 e o dia 7 de Junho de 2013, sendo orientado pelo Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira; o estágio II começou no dia 23 de setembro de 2013 e terminou no dia 8 de janeiro de 2014, orientado pela Mestre Ana Maria Serapicos de Borda Cardoso docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF).

O primeiro estágio foi realizado no âmbito da Educação Pré-Escolar, tendo decorrido numa instituição particular e cooperativa, com um grupo de crianças com 4/5anos, enquanto que o segundo estágio decorreu numa instituição de rede pública, concretamente numa turma do 3º ano do 1º CEB.

Em ambos os estágios, os objetivos consistiam em caracterizar os estabelecimentos de ensino mediante a análise de documentos dos regimes de autonomia, administração e gestão; atuar em conformidade com as regras e princípios da instituição; fundamentar a observação com a articulação entre a teoria e a prática; aplicar de forma adequada e integrada os conhecimentos necessários à concretização da intervenção educativa; participar em situações de envolvimento da comunidade educativa, da equipa pedagógica, das crianças e dos pais; recorrer a metodologias de investigação em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB para poder compreender e analisar as práticas educativas e com o intuito de conhecer as crianças, de onde vinham, quais as suas características e o seu meio familiar. “Traz vestido a tua história e aquilo que és; para calçar dois sapatinhos de luz com cores de alegria e de esperança; e principalmente dois braços abertos para receber um Mundo de emoções e experiências novas” (projeto educativo do EPE, 2008:19).

A elaboração deste relatório visa compilar experiências vividas durante os estágios, assim como refletir sobre determinadas questões tais como o

portefólio reflexivo e o caderno de registos que contêm reflexões relativas ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem, leituras realizadas e avaliações das atividades.

Este relatório, cujo intuito é apresentar todo o percurso dos estágios, está organizado em três grandes capítulos que se subdividem nos seguintes subcapítulos: no primeiro capítulo, o Enquadramento Teórico, reflete-se sobre as perspetivas teóricas que sustentaram a prática educativa em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB. Neste capítulo, são abordados temas que foram importantes para a minha prática pedagógica tais como, a Conceção de Educação, Conceção de Educação Pré-escolar e 1º Ciclo CEB, O Papel do Educador de Infância e do Professor do 1º CEB, A Organização do Ambiente Educativo e das Aprendizagens, Algumas Metodologias pedagógicas no Contexto Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, Diferenciação Pedagógica, Intencionalidade Educativa, A Importância da Motivação e por fim, O Envolvimento Parental.

No segundo capítulo, Metodologias de Investigação, é apresentado o tipo de estudo, os sujeitos de estudo, os instrumentos utilizados e quais os procedimentos que foram seguidos. No terceiro capítulo, aborda-se a Intervenção, que está dividida em duas partes. A primeira parte dá a conhecer o contexto organizacional e a caracterização da instituição e do grupo. A segunda parte tem o intuito de analisar a intervenção educativa evidenciando o essencial do processo: observar/preparar, planear/planificar, agir/intervir, e avaliar.

Por fim, surgem as Considerações Finais, onde se apresenta o culminar de todo o trabalho, onde está refletido os aspetos mais significativos da prática pedagógica, todas as limitações e os obstáculos ultrapassados, as semelhanças e diferenças das duas valências e a importância da dupla habilitação – o professor generalista.

No final são elencadas as Referências Bibliográficas com todas as obras pesquisadas a fim de sustentar toda a intervenção educativa e os anexos que contêm evidências referenciadas ao longo do relatório.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Conceção de Educação

A palavra “educação” provém do latim *educare* e *educere*. Numa forma mais ampla, *educare* significa «alimentar, criar» e *educere* significa «extrair de, conduzir para fora», ou seja, preparar o indivíduo para o mundo.

Falar do caminho da educação é falar do desenvolvimento do ser humano em direção ao futuro. Ao dar lugar ao caminho educativo, o sujeito abre-se ao mundo, alcança novas qualidades isto porque não se limita apenas a interiorizar o saber, mas a implementar traços de criatividade que o projetam para a vida, obtendo originalidade e singularidade em si mesmo, adquirindo a sua própria visão do mundo.

A educação é um conceito bastante complexo, podendo ser considerada como: “[...] o espelho de todas as contradições que se abatem sobre as nossas sociedades “porém” é sobre ela que repousam todas as esperanças de melhoria da sociedade futura”. (Carneiro 2003:11). No seu sentido mais amplo, educação significa o meio pelo qual os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transmitidos de geração em geração. A educação vai se desenvolvendo através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

A educação é um processo simultaneamente intra ativo e interativo, implicando sempre comunicação e interação entre o sujeito e o meio social. A educação é um fenómeno sociocultural, pois o processo de socialização garante a adaptação do indivíduo às normas vigentes. Por outro lado a educação como transformação social, promove a modificação da cultura vigente, contribuindo para o progresso, um “processo contínuo que dura toda a vida.” (Maturana, 2002:29). É da responsabilidade de todos educar, mas é no seio familiar que se inicia a grande responsabilidade da educação. A escola tem o papel secundário de assumir essa tarefa, embora por vezes tenha de assumir essa tarefa em primeiro lugar. O ideal é que haja um trabalho em equipa e em colaboração entre a família e a escola para que possam “[...] ajudar o aluno a descobrir e desenvolver ao máximo as suas potencialidades”.

(Estanqueiro, 2008:13). Educar é um conceito e uma prática inacabada porque também o homem é um ser inacabado e em busca de maior completude.

1.2 Conceção de Educação Pré-escolar e Ensino 1º CEB

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, cap I, art 1º) “ [...] estabelece o quadro geral do sistema educativo.”, onde se, definem os objetivos esperados para o ensino que é universal, obrigatório, gratuito e é unicamente da responsabilidade do professor. Para o 1º ciclo do Ensino Básico os objetivos têm como finalidade desenvolver nos alunos os seus interesses, a capacidade de raciocínio, a memória, o espírito crítico, a criatividade, o sentido moral, a sensibilidade estética. É fundamental que a formação seja equilibrada e inter-relacionada, ou seja, acreditamos que haja uma ligação entre o saber e o saber fazer, aliando sempre a teoria com a prática especialmente com o seu quotidiano. As expressões, quer sejam elas, motora, plástica, dramática ou musical devem ser desenvolvidas de modo a estimular as aptidões dos alunos, tal como, desenvolver o conhecimento e o respeito pela Língua, História e Cultura Portuguesa. A escola deverá proporcionar aos seus alunos, experiências que promovam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, para que eles tenham “[...] atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.” (Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, cap I, art 7º). Outro objetivo da escola é desenvolver a autonomia e responsabilidade cívica nos alunos para que possam intervir democraticamente na vida comunitária. O Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro, refere que qualquer instituição de ensino (EPE, Ensinos Básicos ou Secundários) quer seja pública ou privada, deve garantir que todas as crianças com NEE, usufruam de condições adequadas ao seu desenvolvimento e aproveitamento das suas capacidades. Assim,

“ [...] a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional [...]”(Decreto-Lei n.º 3/2008 artigo1, alínea 2, cap I).

De acordo com a Lei - Quadro n.º 5/97, de 10 de Fevereiro e as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), determinam o princípio geral da EPE como:

“[...] a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Ainda pela Lei - Quadro, no artigo 3º, a educação pré-escolar destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos de idade e o ingresso no ensino básico sendo de frequência facultativa. Neste período espera-se que os serviços sejam vocacionados para o desenvolvimento da criança e que proporcionem atividades educativas e atividades de apoio à família. O número de crianças por cada sala deverá ter em conta as especificidades dos grupos condições demográficas de cada localidade.

De acordo com as OCEPE e articulado com a Lei - Quadro, os objetivos gerais pedagógicos definidos para a EPE devem promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas; contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem; estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais; desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo; despertar a curiosidade e o pensamento crítico; proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva; proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança; estimular a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

1.3 O Papel do Educador de Infância e do Professor do 1º CEB

Segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, foi definido o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância. Cabe ao educador de infância desenvolver o currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, assim como as atividades e projetos curriculares, com o intuito de desenvolver/proporcionar aprendizagens integradas.

Relativamente ao professor do 1º CEB, espera-se que desenvolva o currículo através “ [...] de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos” (Decreto-Lei 241/2001, de 30 de agosto, cap II, anexo nº2). Segundo este Decreto-Lei, espera-se que o professor do 1º CEB, construa e avalie o Plano de Atividades da Turma (PAT) e colabore no projeto curricular da escola, que desenvolva aprendizagens integradas com os saberes científicos relacionadas com os conteúdos, que saiba organizar, desenvolver e avaliar o processo de ensino nomeadamente a diversidade de conhecimento e as capacidades individuais dos alunos. Deve ter em conta os conhecimentos prévios dos alunos, bem como as suas dificuldades. O professor deve integrar e articular todas as aprendizagens do 1º CEB com as da EPE e com as do 2º Ciclo. Terá de promover a autonomia dos alunos com o intuito de os preparar para o futuro deve avaliar as aprendizagens por eles conseguidas de forma a garantir a sua monitorização, e esperando-se ainda que desenvolva nos alunos o interesse e o respeito por outros povos e culturas. É também importante que, com os educandos elabore regras de convivência e respeito e, que tenha um relacionamento positivo com eles, com as famílias e com toda a comunidade educativa, estimulando-os para as aprendizagens.

As metas curriculares permitem que os professores se focalizem no que é essencial e ajudam a delinear as estratégias de ensino. Segundo o Ministério da Educação e Ciência (MEC), estas metas surgiram da necessidade de haver uma aproximação de políticas educativas. Deste modo, as metas curriculares é

uma opção estratégica que pretende que todos os alunos aprendam o que é essencial em cada disciplina, sentindo que as metas curriculares “ [...] são únicas, devendo, nessa medida, ser alcançadas por todos os alunos, permitindo, assim, uma igualdade de oportunidade” (DGE, metas curriculares, ensino básico, pág. 1). Para construção do documento anteriormente referido, seguiram-se algumas linhas orientadoras fundamentadas em teorias da aprendizagem e da instrução.

No que concerne às teorias de aprendizagem, estas baseiam-se na importância do conhecimento, da memória, na compreensão e na resolução de problemas. Enquanto as teorias da instrução preconizam a necessidade de organizar as aprendizagens em [...] sequências coerentes que respeitem a ordem de aquisição das capacidades e dos conhecimentos [...]” (DGE, metas curriculares, ensino básico, pág. 2). Em suma, as metas curriculares orientam e apoiam os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver nas crianças, respeitando sempre a ordem de progressão e o desenvolvimento que é suposto fazerem.

1.4 Organização do Ambiente Educativo e das Aprendizagens

A organização do ambiente educativo pode ser ou não potenciadora de maior ou menor desenvolvimento e aprendizagens por parte da criança. Esta organização é, não só, o reflexo do tipo de trabalho como também das pedagogias usadas, importantes para o desabrochar e fazer crescer as competências individuais. Relativamente à Educação Pré-Escolar, o educador de infância:

“ a) Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; b) Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança; c) Procede a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças; d) Mobiliza e gere os recursos educativos, nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação; e) Cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.”. (Decreto-Lei n.º241/2001, de 30 de Agosto).

É importante que o educador crie um ambiente acolhedor, o que, implica aspetos internos relacionados com a cordialidade, o bom trato, e principalmente que cada um se sinta como se estivesse na sua própria casa, por isso:

“ O educador deve preparar um lugar em que todos e cada um sintam que podem estar a seu gosto, em que os objectos (mesas e armários, instrumentos, jogos, cartazes e utensílios) não sejam mantidos à distância, não metam medo, pelo contrário, mereçam amor e respeito; um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver em serenidade [...]”(Alliprandi, 1984:281).

As OCEPE, aprovadas no Despacho n.º 5220/97 (2.ª série), 4 de Agosto, apresentam princípios gerais que orientam os educadores para opções educativas e práticas pedagógicas mais adequadas ao contexto e ao grupo de crianças com quem trabalhem. No que diz respeito à organização do ambiente educativo, ele deve ser:

“[...] um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças; [...] deverá proporcionar ocasiões de formação dos adultos que trabalham nesse contexto. Esta organização diz respeito às condições de interação entre os diferentes intervenientes – entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos – e à gestão de recursos humanos e materiais que implica a prospecção de meios para melhorar as funções educativas da instituição.” (Orientação Curricular para a Educação Pré-Escolar 1997:31).

No que diz respeito ao 1º Ciclo, a disposição da sala de aula é bastante diferente ao Pré-Escolar. Neste tipo de ensino o professor escolhe, normalmente, o lugar onde cada aluno se irá sentar bem como a disposição das carteiras na sala. A escolha destes dois aspetos é de grande importância, sabendo-se que as escolhas do professor deverão responder ao tipo de trabalho que vai ser desenvolvido. Existem vários tipos de disposições que o professor poderá adotar. A disposição em “U” é a mais adequada para o contacto visual entre os alunos; se a intenção é o trabalho de grupo, a disposição em ilhas será o mais adequado; para as aulas mais expositivas, a disposição em assembleia será a mais eficaz. Durante o estágio do 1º Ciclo, a disposição escolhida foi o trabalho em grupo, visto que um dos principais objetivos e uma das necessidades da turma era o saber trabalhar em conjunto, trabalhar em equipa, respeitar a opinião e perspectiva do outro (ver anexo 32).

Cardoso (2013) alerta que o professor nunca se deve esquecer que o principal objetivo da disposição dos lugares é a comunicação. A disposição

deverá facilitar a comunicação quer entre o professor e os alunos, como entre os pares. Caso o professor queira modificar a disposição da aula, ela deverá ser feita previamente à aula para que não haja indisciplina e favorecer o início do trabalho sem perda de tempo.

De acordo com Jean Piaget “ [...] as crianças aprendem mais fazendo e depois pensando no que fizeram.” (in Cardoso 2013: 211). O trabalho de grupo ajuda os alunos a desenvolver competências sociais indispensáveis à vida democrática e respeitadora das diferenças de opinião. Durante o estágio pudemos observar e registar que uma das dificuldades do grupo é a liderança (anexo 33). Nem sempre as crianças são capazes de ouvir sem impor a sua vontade. Este é um exercício a ter em conta, proporcionando tarefas que desenvolvam o hábito do saber ouvir, do saber intervir e do saber condescender. É importante que nos grupos se clarifiquem opiniões, se partilhem soluções se desenvolva o sentido de responsabilidade, de liderança e de trabalho partilhado. Para tal, é fundamental que nos planos de aula os trabalhos de grupo estejam previstos e planificados (ver anexo 34).

O docente deve pensar e planificar atividades de grupo quer entre pares quer em grande grupo. Aprender é “ [...] uma atividade mais eficaz quando tem lugar dentro de um grupo que pretende realmente aprender.” (Cardoso, 2013: 210). Nos dias de hoje através das transformações sociais, culturais e económicas e da revolução tecnológica e digital a sociedade contemporânea é cada vez mais exigente com os seus cidadãos, requerendo um nível de educação cada vez mais elevado. Isto tudo faz com que a escola repense no seu papel e no modo de ensino. Ao pensarmos no currículo é pensar quais são os saberes que achamos fundamentais e necessários a todos, para que possamos garantir a todos e a cada um a sua sobrevivência e integração social, “sendo que todos são cada vez mais diferentes.” (Roldão, 1999).

1.5 Algumas Metodologias Pedagógicas na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A escolha do método pedagógico, sendo de grande importância para o sucesso escolar, depende de variadíssimas circunstâncias, nomeadamente das

características dos alunos, da sua faixa etária e dos objetivos que se pretende atingir.

A metodologia da pedagogia de projeto visa a participação e envolvimento das crianças no processo de ensino – aprendizagem. Para Eric Many e Samuel, o projeto “[...] parte de uma ideia, de um sonho, de uma vontade, cuja realização será planificada.” (2006:10). Assim o projeto parte dos interesses das crianças, das suas curiosidades e motivações. Já Edwards (2005) defende que o trabalho de projeto, enquanto ação concebida e desenvolvida por um grupo transpõe-se no conceito de agência relacional. O autor chama agência relacional à:

“ [...] capacidade de trabalhar com os outros, de expandir o objecto que o sujeito está a trabalhar e tentar transformar reconhecendo e tendo acesso a recursos que outros trazem[...] é uma capacidade que envolve reconhecer que a outra pessoa pode ser um recurso e que precisa de ser feito um trabalho para obter, reconhecer e negociar o uso desse recurso para melhor o sujeito se poder alinhar em acção conjunta com o objeto”. (Edwards, cit Vasconcelos, Teresa, 2013:13).

Nesta lógica, a “agência relacional”, é o reconhecer que as crianças são recurso uma das outras e o educador também se torna um recurso quando orienta o grupo para a descoberta de outros recursos para a continuação do projeto. Segundo Vasconcelos (2013) o trabalho de projeto assenta em quatro fases. Na primeira fase formula-se o problema, as questões a serem descobertas. Espera-se que as crianças partilhem os saberes, quais as suas dúvidas, o que desejam descobrir, para tal as crianças desenham, esquematizam e escrevem. A isto, Helms (2010) chama o “conhecimento de base”, normalmente é elaborada uma “teia inicial”, que irá ficando mais completa à medida das descobertas.

Uma segunda fase, diz respeito à planificação e desenvolvimento do trabalho. Nesta fase, o importante é que formulem hipóteses daquilo que poderá acontecer, formular experiências adaptadas às necessidades e interesses das crianças. A execução é a terceira fase; as crianças partem do processo de pesquisa para as experiências diretas que, segundo Vasconcelos, “ esta forma de trabalhar implica uma sala de atividades não organizada em “cantinhos” estáticos, mas em “oficinas” de criação e experimentação” (Vasconcelos, 2013:16).

A última fase é a divulgação e a avaliação que consiste na divulgação de todo o trabalho à comunidade educativa, à família, a comunidade envolvente, “[...] é uma espécie de celebração, um meio simbólico de reconhecer o que foi conquistado e aprendido pelo grupo durante o projeto” (Edwards, cit Vasconcelos 2013:17).

Relativamente ao 1º ciclo os modelos construtivistas são aqueles que apostam na aprendizagem pela ação. Neste sentido Cabanas diz-nos que “[...] a mente, para conhecer, tem de construir os seus próprios conhecimentos” (Cabana, 2002:282), sendo importante que o aluno construa e interiorize determinado conhecimento para que o possa compreender. Assim sendo, o papel do professor passa por “organizar o ambiente e o de escutar, observar para entender e responder” (Oliveira Formosinho, 2011:100). Espera-se que o professor, não seja apenas um mero transmissor de conhecimentos, mas que promova aos seus educandos oportunidades de eles próprios construírem ativamente o seu conhecimento.

1.6 Diferenciação Pedagógica

Embora os professores/educadores se orientem por documentos institucionais publicados pelo MEC, o profissional de educação deverá ter em conta as diversidades e as especificidades de cada aluno/criança: “[...] diferentes formas de aprender conteúdos, processar ou entender diferentes ideias e desenvolver soluções de modo a que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz.” (Tomlinson, 2008:13).

Por volta da década de 60 é que se deu o início à progressiva abertura à diversidade, primeiramente, em termos políticos e sociais e depois em termos educativos. (Ainscow & Ferreira, 2003).

Inicialmente o conceito de inclusão foi associado ao campo da educação especial, e só mais tarde este conceito se alargou e se tornou mais abrangente a partir do momento em que os alunos/crianças com NEE foram integrados no ensino regular, deixando de estar isolados. Para tal foi fulcral a participação da UNESCO com a seguinte declaração em Salamanca, de junho de 1994:

“ [...] todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir-se crianças com deficiência ou sobredotadas, criança da rua ou crianças que trabalham, crianças

de populações remotas ou nômadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais”. (UNESCO, 1994:6).

Outros documentos foram produzidos pela UNESCO, sempre com o intuito de alargar o conceito de uma educação inclusiva. A mais recente é a Conferência Internacional da Educação da UNESCO, realizada em Genebra, em Novembro de 2008, refletindo sobre o tema “Educação Inclusiva: o Caminho do Futuro”:

“Reconheçam que a educação inclusiva é um processo contínuo que visa oferecer uma educação de qualidade para todos, embora respeitando a diversidade e as diferentes necessidades e capacidades, as características e as expectativas de aprendizagem para os alunos e as comunidades.” (UNESCO, 2008).

Hoje em dia, apesar de algumas ambiguidades ou descontinuidade das políticas educativas, a verdade é que as “tentativas de renovação vão claramente no sentido da democratização do ensino e das pedagogias diferenciadas.” (Perrenoud, 2000:40).

O importante é que o professor/educador tenha a preocupação constante de utilizar estratégias diversificadas, quer para com as crianças com mais dificuldades, quer com as crianças com maiores capacidades. Segundo Cadima (1997), as crianças com maiores dificuldades deverão ser acompanhadas individualmente enquanto as restantes realizam trabalho autónomo. Tomlinson (2008) sublinha que as crianças com maiores capacidades deverão ser cada vez mais estimuladas. Segundo Canavarro (2001), o docente deverá conhecer o nível de desenvolvimento de cada aluno/criança, os seus interesses e necessidades para que possa adequar os processos de aprendizagem às características individuais de cada um. Tal como refere Tomlinson, “[...] enquanto esculpimos turmas, damo-nos conta de que os alunos aprendem de maneira diferente – uns ouvindo, outros fazendo, alguns sozinhos, outros na companhia de colegas, alguns num ritmo acelerado e outros à custa de alguma reflexão.” (2008:7). O fundamental é que o profissional de educação, reflita sobre a sua prática pedagógica diferenciada, sobre as suas estratégias, sobre os conteúdos e sobre a avaliação.

1.7 Intencionalidade Educativa

O processo educativo é um processo que deve ser dotado de intencionalidade, que emergirá de um processo constituído por etapas que estão todas interrelacionadas, sendo elas observação, planificação, intervenção e avaliação. Segundo o perfil específico de desempenho do educador (Decreto-Lei n.º241/2001 de 30 de agosto), o educador

“ [...] concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, anexo n.º1).

Ainda no mesmo documento, mas no papel específico do professor do 1º CEB,

“Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens.” (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, anexo nº 2).

Neste sentido, a intencionalidade educativa “ [...] decorre do processo educativo reflexivo [...] de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças.” (OCEPE 1997:14).

O professor/educador deve ter em conta a continuidade educativa como processo “ [...] que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes.” (OCEPE 1997:14). Contudo para que o professor/educador possa dar esta continuidade deverá primeiramente observar os alunos/crianças, para que possa a partir dos seus conhecimentos planear, dando continuidade às aprendizagens anteriormente adquiridas. Para tal o professor/educador:

“ Observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades e projetos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objectivos de desenvolvimento e da aprendizagem” (Decreto-lei 241/2001 de 30 de agosto anexo I, alínea a) cap II).

Após a observação o professor/educador parte para a planificação. Segundo Clark e Petersons a planificação é uma atividade mental interna do professor: “[...] um conjunto de processos psicológicos básicos, através dos

quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções." (in Zabalza, 2008:48).

A planificação deve ser realizada de acordo com o grupo e com cada criança em particular, pois é para eles que a intervenção se destina. Sendo assim, ao planificar o educador deve procurar "[...] nos alunos pontos de apoio em que assentar as suas intervenções." (Morissete & Gingras, 1994:158), partindo sempre dos seus interesses, motivações e dos saberes já adquiridos.

O educador ao planear de acordo com o que o grupo e com o que cada criança sabe, cria condições para que se proporcione um ambiente estimulante e propício para a aquisição de aprendizagens significativas e diversificadas,

"Cabe assim, ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de autoestima." (OCEPE 1997:26).

No 1º CEB, o professor ao planificar pretende "desenvolver aprendizagens, mobilizando integradamente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem". (Decreto-Lei 241/2001 de 30 de agosto anexo 2, alínea b) cap III).

Depois da planificação, é o momento de se por em prática tudo aquilo que anteriormente foi estruturado. Segundo o Ministério da Educação e Ciência o educador deve:

"Concretizar na acção as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas. A participação de outros adultos – auxiliar de acção educativa, pais, outros membros da comunidade – na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interações das crianças e de enriquecer o processo educativo. (OCEPE 1997:27).

Espera-se por parte do professor/educador uma pedagogia funcional, ou seja, uma intervenção ao nível dos " [...] interesses mais profundos das crianças". (Rocha, 1988:106). Os interesses dos alunos/crianças não podem ser ignorados e devem ser aproveitados para que haja uma intervenção mais adequada.

É importante que o professor/educador reflita e avalie sobre toda a sua prática educativa, desde a observação até à finalização da atividade proposta. Segundo o Ministério da Educação e Ciência:

“A avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução.”. (Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011).

A avaliação está estritamente relacionada com a observação, pois ambas levam a que o professor/educar determine em que nível se encontram os seus educandos, permitindo assim uma melhor planificação e consecutivamente uma melhor prática das intervenções seguintes.

1.8 A Importância da Motivação

A motivação dos alunos é determinante da implicação nas tarefas e sucesso na aprendizagem. Contudo, as teorias da motivação dizem-nos que o aluno liga-se a outros fatores que excedem a motivação e esses fatores podem passar pela pressão familiar ou até mesmo pela necessidade do próprio aluno em querer aprender.

Na perspetiva de Arends, a motivação aborda e distingue a motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca é quando o comportamento tem origem “[...] no interesse e curiosidade próprios da pessoa [...]” (Arends, 2008:138) enquanto que a motivação extrínseca é quando “[...] as pessoas são influenciadas por factores externos ou ambientais [...]” (ibidem:138). Estes dois tipos de motivações são imprescindíveis em qualquer contexto educativo, o que importa é criar todas as condições necessárias para que o educando retire todo o aproveitamento possível.

Segundo Jorge Cardoso “[...] umas das grandes virtudes da motivação é o reforço que faz da atenção e da própria concentração.” (Cardoso, 2013:241). Neste sentido, a motivação é a força que nos move para realizarmos qualquer atividade. Se estivermos motivados temos vontade de fazer algo e conseguimos manter esse esforço e esse empenho para atingir o objetivo que

temos em mente. A motivação deve ser considerada pelos professores como uma forma de mobilizar as capacidades e potencialidades dos seus alunos.

Nesta lógica, alguns estudantes movem-se pelo desejo de saber, de aprender, pela curiosidade, outros estão preocupados pela obtenção de boas notas, recompensas, aprovação dos pais e dos professores. Segundo Maria Ferreira “ [...] para que o estudante se sinta motivado por aprender os conteúdos de forma significativa é necessário que a situação de aprendizagem seja atrativa e interessante e que tenha utilidade, de modo a que o estudante se envolva ativamente no processo de construção do conhecimento.” (in Cardoso, 2013: 242).

Neste sentido, Roldão defende que o professor/educador deve ter claro o conceito de estratégia e como tal, refere que são “[...] etapas de desenvolvimento curricular.” (Roldão, 2010:25). Estas estratégias deverão estar inseridas nas planificações. Assim, uma estratégia deve obedecer “[...] a uma lógica de organização do processo de ensino que, partindo da análise da situação de partida dos aprendentes e orientando-se para os objetivos de aprendizagem pretendidos, os operacionaliza através do desenvolvimento de estratégias de ensino [...]” (ibidem 25). Os jogos, a construção de materiais, a escrita criativa, entre outros são estratégias que o profissional de educação pode utilizar durante a sua prática. Machado fala das diferentes estratégias e abordagens alertando, que, por vezes “ [...] temos de ir mais além e proporcionar momentos mais descontraídos [...] ” (Machado 2011:109), tendo sempre a consciência que estas estratégias são uma forma “ [...] de aproximação aos alunos e uma forma de os seduzir a estar atentos ao que se lhes quer transmitir” (ibidem 110).

1.9 O envolvimento parental é, também, uma variável a considerar na Escola atual e na complementaridade de esforços que é suposto existir com o trabalho escolar

De acordo com o perfil específico do desempenho profissional do educador de infância, ele deve “ Envolver as famílias e a comunidade nos

projetos a desenvolver.” (Decreto-Lei.º241/2001 de 30 de agosto, anexo n.º2 alínea d). Relativamente ao perfil específico do desempenho profissional do professor do 1º CEB, este,

“Relaciona-se positivamente com crianças e com adultos, no contexto da especificidade da sua relação com as famílias e com a comunidade, proporcionando, nomeadamente, um clima de escola caracterizado pelo bem-estar afectivo que predisponha para as aprendizagens”. (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, anexo n.º2 alínea l).

Quer isto dizer que a família e a instituição são dois contextos sociais que contribuem mutuamente para a educação da mesma criança, por isso é crucial que haja uma relação entre estes dois sistemas.

Os educadores percebem que a família e a comunidade “ [...] têm efeitos marcantes nas atitudes das crianças e dos jovens em relação à escola e à aprendizagem.” (Arends, 2008:493). Assim, o envolvimento parental exige por parte dos educadores estratégias que ajudem a incentivar a participação dos pais junto da comunidade educativa.

Não sendo uma tarefa fácil envolver todos os pais na vida escolar das crianças, é importante que o educador/professor se esforce por um trabalho cooperativo, pois “[...]sucesso gera sucesso e confiança, e como resultado disso eles (pais) estarão motivados para participar mais.”. (Diogo, 1998:29). Este trabalho cooperativo “[...] aumenta a motivação dos alunos. Ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores [...] ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis [...] estimula os professores a serem melhores professores.” (Ramiro marques, 2001:20). O importante é que estes dois lados, a família e a comunidade educativa, trabalhem em conjunto em prol de um bem maior, a criança.

Segundo Anne Henderson (in Diogo, 1998:22), “ [...] os programas concebidos com forte envolvimento parental produzem estudantes com melhor aproveitamento que os programas idênticos, mas sem envolvimento parental”. Infelizmente, por vezes, as relações entre professor e família, não se tornam fáceis, pois nem todos os pais se mostram disponíveis para trabalhar em equipa. No entanto, o professor não pode desistir, pois criar uma relação de confiança entre a escola e a família é um trabalho que exige por parte do professor cuidado, paciência e confiança.

2. Metodologia de investigação

Neste capítulo está apresentado o tipo de estudo que foi realizado, os sujeitos de estudo, os instrumentos, técnicas e procedimentos de recolha e análise de dados. Para a elaboração deste estudo foi inevitável perceber qual o método mais apropriado e eficaz, para alcançarmos a informação pretendida, para tal, foi necessário uma apropriação das metodologias de investigação.

Durante os estágios, adotamos uma postura de educador/ professor reflexivo,

“O desejo de compreender o que acontece à sua volta, leva o ser humano a usar a sua inata capacidade de refletir. Podemos, assim, entender a prática reflexiva como o questionamento da realidade em que está inserida. Em educação de Infância, a reflexão consiste numa acção que leva à reestruturação de práticas educativas para o melhor atendimento e desenvolvimento global da criança.”. (Caderno n.º6 do Educador:130 Pinheiro, Ana et.al).

A busca constante da atualização e da reformulação da prática educativa, tendo em vista a melhoria das aprendizagens do educando, leva ao Educador a ter uma atitude reflexiva. Ao longo deste processo, estão implicados valores e crenças que defendemos, ou seja, refletir implica que o docente repense sobre a sua prática, de uma forma dinâmica e construtivista, tendo sempre em conta o contexto onde está inserido. Como refere Nunes, “para que o professor possa assumir o papel de solucionar os seus próprios problemas da ação concreta [...] é necessário que o professor assuma um processo de reflexão crítica sobre a sua prática docente.” (Nunes, 2000:21). Esta reflexão crítica deve ser realizada antes, durante e após a ação, tendo em vista uma avaliação formativa que, ao longo do percurso, o docente se esforçará por ir melhorando os aspetos que considera terem corrido menos bem. Neste sentido, para além de adotarmos uma postura de professor reflexivo é importante que o professor seja, professor/investigador. Seguindo este pensamento, e na perspetiva de Oliveira-Formosinho, “o professor passa de objeto de investigação [...] a sujeito da sua própria investigação.” (Oliveira-Formosinho, 2008:10). Esta postura pretende o aumento de compreensão e consciencialização do próprio sujeito e da sua prática educativa. Assim sendo, o professor deverá ter uma postura de abertura à mudança através do questionamento e interpretação constante da sua intervenção educativa. O

portefólio reflexivo, construído ao longo dos estágios, ajudou a estagiária a refletir e a consciencializar-se sobre a sua ação e a descobrir alternativas mais adequadas às situações-problemas com que se deparou.

2.1 Tipo de Estudo

Com estes estágios procurámos vivenciar uma experiência de prática pedagógica próxima de uma futura atividade profissional. Para tal, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, descritiva, exploratória e empírica que proporcionou uma intervenção educativa regulada pela gestão e deliberação docente visando a promoção de experiências de aprendizagem ativas, diversificadas, integradas, significativas e socializadoras. Desta forma, procurámos “[...] compreender os mecanismos, o como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções”. (Sousa, 2009:31). Segundo Bogdan & Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave.

Segundo os autores Kemmis e McTaggart, e Cohen e Manion, a investigação – ação caracteriza-se por ser:

“ Participativa e colaborativa, no sentido, em que práticos e investigadores trabalham em conjunto na concretização de um projeto; situacional, pois preocupa-se com o diagnóstico de um problema, num contexto específico e tenta resolvê-lo nesse mesmo contexto; cíclica já que a investigação envolve um conjunto de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte e por fim auto-avaliadas uma vez que as modificações são continuamente avaliadas e monitorizadas, numa perspectiva de flexibilidade e adaptabilidade, com vista a produzir novos conhecimentos e a alterar a prática.” (in Revista Onis Ciência, Braga, V.1, Ano 1 N° 2, setembro / dezembro, 2012: 20).

Este estudo tem características próximas de uma investigação – ação, pois pesquisarmos, aprendemos e investigamos sobre os contextos educativos da EPE e do 1º CEB onde atuámos em concordância com as características das instituições, com o intuito de proporcionar situações de aprendizagens significativas, cooperando para o desenvolvimento das crianças.

2.2 Participantes do estudo

Nesta investigação refletimos sobre a prática pedagógica nos contextos de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Os sujeitos de estudo

do contexto de jardim-de-infância foi um grupo de 25 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos de idade. Este grupo é constituído por 15 crianças do sexo masculino e 10 do sexo feminino. No contexto do 1º ciclo do ensino básico, os sujeitos eram uma turma do 3º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos de idade, constituída por 18 alunos, 12 rapazes e 6 raparigas. Em ambos os contextos, a grande parte dos grupos vive no concelho onde está inserida a instituição.

Os pais e a educadora cooperante, em jardim-de-infância, também foram sujeitos de estudo, uma vez que tiveram participação ativa durante o projeto lúdico “Viagens pela Nossa Terra”.

No capítulo 3, onde se caracteriza e analisa o Contexto Organizacional da Instituição encontra-se uma descrição mais pormenorizada sobre os participantes de estudo.

2.3 Instrumentos, técnicas e procedimentos de recolha e análise de dados

Numa primeira circunstância, e com a finalidade de conhecer, compreender e adequar a ação, recorreremos a instrumentos e técnicas de investigação tais como a análise documental, as grelhas de observação, grelhas de verificação, observação participante, os registos de observação, instrumentos de avaliação da instituição (PIP), portefólio da criança, o caderno vai e vem “Viagens pela nossa Terra”, o registo de projeto lúdico e a rede curricular, produções orais e escritas das crianças.

Começámos por fazer a análise documental do regime de autonomia, administração e gestão das instituições e dos grupos através de normativos legais, do PE, PAA, PCG e RI.

Estas análises também incidiram sobre os documentos oficiais orientadores da prática educativa em EPE e 1º CEB, tais como, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, as Metas de aprendizagens para o Pré-escolar, as Metas Curriculares para o 1º CEB, a Lei - Quadro da Educação Pré-Escolar, decretos de lei, normas e circulares.

A observação direta acompanhou toda a nossa ação educativa, tornando-se numa ferramenta fundamental nesse processo. Para além de permitir a compreensão dos acontecimentos, também foi um facilitador de integração na medida em que íamos conhecendo o grupo tendo em atenção os seus interesses e necessidades e como ferramenta de avaliação, através das grelhas de observação (ver anexo 1 e 2). Sendo assim “[...] a observação em educação destina-se essencialmente a pesquisar problemas, a procurar respostas para questões que se levantem e a ajudar na compreensão do processo pedagógico”. (Alberto Sousa, 2009:109). As grelhas de observação possibilitaram um registo imediato e rápido e de fácil preenchimento e compreensão leitora. Outro instrumento utilizado foram as grelhas de verificação, que proporcionam, o registo das atividades realizadas pelos alunos, sendo os trabalhos de casa um exemplo disso (ver anexo 35).

De forma a poder registar algumas aprendizagens significativas, utilizámos os registos de incidentes críticos, de modo a registar as aprendizagens significativas das crianças. (ver anexo 3).

Estes registos, entre muitos aspetos ajudaram a verificar demonstrações de caráter de responsabilidade (ver anexo 4), de liderança (ver anexo 5) de ajuda entre pares (ver anexo 6), de consciência ambiental (ver anexo 7). Os registos críticos são “[...] breves relatos narrativos que descrevem um incidente ou comportamento considerado importante para ser observado e registado. Apresentam os acontecimentos de forma factual e objetiva, relatando o que aconteceu, quando e onde, bem como o que foi dito e feito.”. (Parente in Formosinho 2002:181).

Ainda nas observações, achamos pertinente a utilização do registo contínuo, este trata-se de um “[...] relato narrativo e detalhado de um comportamento ou acontecimento registado sequencialmente tal como ocorrem. O observador tenta registar tudo o que sucede durante um determinado período [...]” (Parente, 2002:183). Este registo permitiu-nos observar comportamentos complexos no seu ambiente natural, proporcionando a observação e registo de comportamentos das crianças, (ver anexo 8).

A amostragem de acontecimentos foi outro instrumento de observação utilizado (ver anexo 9). Segundo Cristina Parente, (2002) é uma forma de observação útil para determinar a frequência de comportamentos. Neste caso o nosso objetivo foi documentar quais as áreas que eram mais e que eram menos frequentadas pelas crianças.

As produções orais e escritas elaboradas pelas crianças foram inúmeras; deste modo, a utilização destes trabalhos foram registados de múltiplas formas, sentindo que “ [...] é uma ferramenta metodológica, passível de utilização com crianças que dominem a escrita. E ainda os desenhos, como elementos simbólicos, através dos quais as crianças reescrevem plasticamente o mundo.” (Ferreira e Sarmiento, 2008:24). A utilização dos registos fotográficos são importantíssimos na recolha e análise da informação, ao mesmo tempo é uma forma de apresentar aos encarregados de educação os trabalhos realizados pelos seus educandos.

Pusemos em prática o PIP – Perfil de Implementação do Projeto – é um instrumento que a fundação High-Scope desenvolveu para medir a implementação da qualidade das salas que praticam o modelo High-Scope (Oliveira – Formosinho, 2002). O PIP está organizado em quatro partes, sendo elas o espaço físico, a rotina diária, a interação adulto – criança e a interação adulto – adulto. Ele é apresentado através de uma escala com uma estrutura simples, lógica e clara. “ [...] é um instrumento que permite analisar o contributo, quer das dimensões estruturais, quer processuais para a qualidade das práticas de educação de infância.” (Formosinho, 2002:154). Utilizámos o PIP em relação ao ambiente físico, (ver anexo 10), pois sentiu necessidade de avaliar e refletir sobre o espaço no qual estava inserida. Após ser posto em prática, caso houvesse autorização, poderia ser reorganizado o espaço face às necessidades do grupo.

O portefólio da criança foi mais uma fonte de informação e de avaliação. É sem dúvida uma forma de conhecimento e de avaliação individual de cada criança. Sabemos que existe uma fase de preparação e questões importantes a serem colocadas e ponderadas, para tal é essencial explicitar objetivos; determinar os tipos de itens a ser reunidos, destinar em que momentos: reunir

com as crianças para selecionar e rever itens; para análise dos portefólios; para reunir com os pais e partilhar informação; em que são realizados relatórios narrativos/sínteses de desenvolvimento.

O portefólio da criança é “[...] definido como uma coleção de itens que revela, conforme o tempo passa, os diferentes aspectos do crescimento e do desenvolvimento de cada criança.” (Shores e Grace, 2001:43). À medida que o portefólio ia sendo construído, apercebemo-nos da evolução da criança (ver anexo 11). O portefólio é um álbum do crescimento, da aprendizagem e do desenvolvimento individual de cada criança, ou seja, as suas conquistas. “Um portefólio conta a história das experiências, dos esforços, progressos e realizações de uma criança e revela as suas características únicas” (Parente, 2004:60). Para a elaboração do portefólio podemos considerar que “ a criatividade é a única limitação imposta ao conteúdo de portefólios de crianças”. (Shores e Grace, 2001:45). Segundo Grubb e Courtney, (1996) para que seja um bom portefólio, o processo de coleção deve implicar as crianças a serem elas a selecionar as evidências e a refletir sobre elas.

Outro dos instrumentos utilizados foi o registo do projeto lúdico (ver anexo 12). Através do registo do projeto lúdico conseguimos perceber quais as aprendizagens alcançadas pelo grupo, na medida em que as atividades foram descritas e fotografadas. Os registos, e posteriormente a divulgação ao restante grupo são uma forma de avaliar as aprendizagens apreendidas pelas crianças.

A rede curricular faz igualmente parte do registo do projeto lúdico. Ela tem como objetivo, apresentar o trabalho desenvolvido numa sala ao longo de um ano letivo. Este tipo de instrumento permite uma leitura integral do trabalho desenvolvido, compreendendo o carácter sequencial e articulado do projeto que foi desenvolvido, sendo a interdisciplinaridade rápida e facilmente aferida.

Nesta rede curricular (ver anexo 13), não consta apenas as atividades realizadas sobre o projeto, contém também outro tipo de atividades, não só elaboradas por nós e pela educadora, mas também o trabalho desenvolvido no âmbito da instituição, da comunidade e até o envolvimento parental.

3. INTERVENÇÃO

3.1 Caracterização dos contextos educativos em Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Com o Decreto – Lei n.º 75/2008, de 22 de abril foi aprovado o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré – escolar e dos ensinos básico e secundário. Esta autonomia veio criar um desafio para as escolas, o desafio de obterem uma identidade própria.

O estágio do 1º CEB concretizou-se numa escola da rede pública, inserida num agrupamento de escolas. Por agrupamento de escolas entende-se “ [...] uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino [...] ” (Decreto – Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, cap I, art 6º) e que, tem como objetivos, promover o sucesso escolar, promover a equidade social ao criar condições de igualdade de oportunidade para todos, assegurar a estabilidade e transparência na gestão e administração escolar e proporcionar condições para a participação da comunidade educativa.

No estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico, o Projeto Educativo do agrupamento refere que é um dos maiores agrupamentos da cidade do Porto. É constituído por sete Jardins de Infância, seis escolas EB1 e uma Escola Básica e Secundária. Relativamente às valências, esta escola abarca a valência da Educação Pré-Escolar e o Ensino do 1º CEB. Situa-se, ao lado de um bairro social estando inserida numa zona de forte concentração de população carenciada a nível socioeconómico e cultural. Estas carências socioeconómicas e sociais tornam-se “[...] propiciadoras de desequilíbrio familiar, de desemprego, de desinserção social e de marginalidade.” (Projeto Educativo do Agrupamento, 2012: 8). A maior parte dos alunos provém dos bairros sociais existentes na freguesia, residindo um número significativo de crianças fora da área onde o agrupamento está inserido. Contudo, frequentam

as escolas do Agrupamento por estarem em ATLS da zona ou à guarda de familiares. Este agrupamento beneficia de protocolos estabelecidos, de cooperação institucional de entidades públicas e privados (ver anexo 28).

Neste agrupamento, a última avaliação externa por parte da Inspeção Geral da Educação (IGE) foi em 2009. No entanto, continuaram a praticar a autoavaliação pela “ [...] constante necessidade de monitorização e acompanhamento [...] ” (PE do agrupamento, 2012:18). No relatório da avaliação interna foram elencadas algumas ações de melhoria para darem resposta aos pontos fracos apontados pela IGE, sendo eles: os resultados insuficientes dos alunos, a indisciplina em contexto de sala de aula e a violência escolar em algumas escolas do agrupamento, a reduzida participação ativa dos alunos e das famílias na vida escola, a inexistência de uma Plataforma de Ensino Assistido (PEA) que exprima uma visão integrada do desenvolvimento do agrupamento, a débil articulação e sequencialidade, a inexistência de um plano de formação contínua para os assistentes operacionais, a ausência de acompanhamento direto da prática letiva, reduzida incorporação da componente prática da aprendizagem das ciências em contexto de sala de aula/laboratorial e, por fim, a incipiente cultura de autoavaliação numa perspetiva abrangente e participada. Para estes pontos fracos a IGE colocou algumas melhorias de ação (ver anexo 29).

O agrupamento defende que “ [...] a prática educativa exige uma constante adaptação e reformulação de estratégias [...] ” - para tal, foi elaborado um Plano de Melhoria, onde estão descritos as áreas a serem melhoradas (ver anexo 30). O agrupamento estabeleceu algumas metas a alcançar e tem como objetivo alcançar um nível melhor de desempenho quer ao nível de melhorias das aprendizagens, da prevenção do abandono, absentismo e indisciplina, da relação escola – famílias – comunidade e ainda na monitorização e autoavaliação. Este agrupamento apoia-se na ideia de que “O futuro constrói-se com os pés assentes no presente sem esquecer a herança do passado” (PE do Agrupamento 2012:21). O PE do Agrupamento é reformulado anualmente, no início do ano letivo, e tem em atenção, as metas

definidas em Conselho Pedagógico, as recomendações da avaliação externa e a da equipa de autoavaliação.

No que concerne ao espaço físico, a escola conta com: oito salas de aula; uma sala dos professores; dois polivalentes onde são lecionadas as aulas expressão de motora; duas casas de banho, um recreio com um campo de futebol e uma cantina.

No site do Agrupamento podemos encontrar a organização do Conselho Pedagógico (ver anexo 31).

O Plano Anual de Atividades (PAA) é um documento orientador das atividades escolares que decorrem ao longo do ano letivo. É um documento de planeamento elaborado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão das escolas. O PAA do agrupamento em questão rege-se pelo valor intrínseco representado “ [...] não no número de atividades que promove, mas no contributo real para aprendizagens efetivamente conseguidas” (PAA do agrupamento 2012:1). Este documento tem como função, articular e organizar atividades em função da sua exequibilidade e do seu interesse científico e didático – pedagógico, tendo sempre em atenção os recursos que são disponíveis.

O estágio em Educação Pré-Escolar teve lugar numa instituição particular e cooperativa, que abarca as valências de Creche e Educação Pré-Escolar. Esta instituição promove a formação e o desenvolvimento integral da criança com a colaboração da família e da comunidade. Acredita que uma escola não pode ser apenas um espaço físico e sem personalidade, mas sim um “lar de afetos com janelas aberta ao mundo” (Projeto Educativo 2008:19) e, como tal, defende sete pilares: o da responsabilidade, do amor, da liberdade, da criatividade, da imaginação, da justiça e do saber.

Defende uma escola cultural e cidadã, onde cada um possa contribuir com o que tem de melhor: “Traz vestido a tua história e aquilo que és; para calçar dois sapatinhos de luz com cores de alegria e de esperança; e principalmente dois braços abertos para receber um Mundo de emoções e experiencias novas.” (projeto educativo 2008:19). É uma instituição aberta à comunidade, pois acredita que tal possa proporcionar às crianças experiências

significativas e diversificadas, que promovem a aquisição de competências pessoais e interpessoais indispensáveis ao seu desenvolvimento global.

Este estabelecimento de ensino ao inspirar-se nos “4 pilares da educação”, (UNESCO, 1996), pretende desenvolver alguns princípios orientadores, apresentados na seguinte citação:

“[...] para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, durante toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver em comum, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes” (Projeto Educativo 2008:12).

Aprender a conhecer implica compreender o que nos rodeia, ter prazer em saber mais, aprofundar os conhecimentos, possibilita melhorar o desempenho e ampliar as capacidades sejam elas profissionais ou de relação com os outros.

Aprender a fazer, não significa preparar alguém para uma determinada tarefa mas sim evoluir com as aprendizagens e com o desenvolvimento de competências que tornam possível o agir.

Aprender a ser, ou seja, cada ser humano deve ser educado para ser livre e autónomo não deixando de lado os valores morais, para que possa atuar conscientemente perante as eventualidades da vida.

A instituição defende a “Aprendizagem pela Ação”, para tal, deve-se proporcionar às crianças, atividades que partam dos seus interesses pessoais e das suas intenções, que escolham materiais e decidam o que querem fazer com eles, explorem ativamente os materiais com todos os sentidos, que descubram relações através da experiência direta com os objetos. A aprendizagem pela ação proporciona às crianças a possibilidade de escolher e aprender com as suas experiências precoces.

O Regulamento Interno (RI) desta instituição explica quais as condições à admissão de utentes, assim como estes estão organizados nos devidos grupos, os documentos que deverão ser apresentados, os serviços obrigatórios e facultativos, as condições dos pagamentos, as regras que implicam a rotina da alimentação, os procedimentos ao nível da saúde, as regras de higiene e

vestuário, as normas de segurança, as condições das atividades extracurriculares e das férias e, ainda, o preçário dos serviços prestados.

No PAA consta, o mês, dia e hora previsto para a realização da atividade, bem como as suas intenções pedagógicas, estratégias e recursos humanos e materiais.

No que diz respeito aos recursos humanos, a instituição possui uma equipa de quatro educadoras de infância, sete auxiliares de ação educativa, uma psicóloga, uma terapeuta da fala e quatro professores de atividades extracurriculares.

Esta instituição segue modelos pedagógicos como a metodologia da pedagogia de projeto, o modelo curricular High-Scope, o modelo pedagógico Reggio Emilia e o modelo curricular do Movimento da Escola Moderna (MEM).

Ao utilizarem a Metodologia da Pedagogia de Projeto: partem da visão da própria criança como um ser capaz e motivado pela pesquisa e pela descoberta e conseqüentemente para a resolução dos problemas. “ O projeto deverá corresponder a uma iniciativa das crianças, tendo como ponto de partida os seus interesses ou decorrendo de uma situação imprevista que desperta a sua curiosidade”. (Projeto Educativo 2008:35)

Com o Modelo curricular High-Scope: “defendem uma aprendizagem ativa e motivadora e que principalmente promova a autonomia das crianças” (Projeto Educativo 2008:35).

Pelo Movimento da Escola Moderna, permitem que as crianças construam o seu conhecimento num ambiente de multiplicas interações, (pares, equipa pedagógica, família e comunidade). Assim procuram estabelecer parcerias com diversas entidades, com o intuito de proporcionar às crianças inúmeras situações, atividades e experiencias diversificadas. “Através deste modelo criamos situações para promover a solidariedade e a cooperação.” (Projeto Educativo 2008:35).

O grande objetivo é educar as crianças para os valores democráticos tais como: a responsabilidade, a partilha, o respeito e o diálogo para que se tornem cidadãos autónomos e conscientes.

3.2 Caracterização do grupo de crianças do Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com a gestão do currículo na EPE, o percurso educativo da criança/aluno deve ser “[...] documentado de forma sistemática no processo individual que a acompanha ao longo de todo o seu percurso escolar, de modo a proporcionar uma visão global da sua evolução, facilitar o seu acompanhamento e intervenção adequada.” (Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007). Deste modo, é igualmente importante e necessário conhecermos as características do grupo ao nível do domínio cognitivo, da linguagem, sócio afetivo e psicomotor.

Segundo a gestão do currículo na EPE, na elaboração do Projeto Curricular de Turma e do Projeto Curricular de Grupo (PCT/PCG) devemos ter em atenção as características do grupo, as suas necessidades e interesses; escolher a metodologia; a organização do ambiente educativo: do grupo, do espaço, do tempo, da equipa e do estabelecimento educativo; descrever as intenções de trabalho para o ano letivo: opções e prioridades curriculares, os objetivos a que se pretendemos chegar, as estratégias pedagógicas de apoio à família; previsão de procedimentos de avaliação: quer com as crianças, a equipa pedagógica e com a família; deverá constatar a relação com a família e outros parceiros educativos e a planificação das atividades.

O estágio em 1º CEB foi realizado numa turma do 3º ano de escolaridade, composta por 18 alunos, tendo havido a desistência de uma aluna. Estes alunos têm idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos, sendo 12 rapazes e 6 raparigas. Neste grupo encontra-se, um aluno com NEE, e quatro alunos repetentes, um aluno é repete uma vez, dois alunos são repetentes duas vezes e uma aluna é repete pela terceira vez. Através das fichas de anamnese, recolhemos algumas informações importantes para um melhor conhecimento do grupo. A turma é constituída por, quatro alunos de etnia cigana e um aluno de raça negra. A grande parte dos alunos reside no concelho onde está inserida a escola e em bairros sociais. São alunos a quem foram atribuídos escalões, doze no escalão A e um no escalão B. A maior parte das crianças vive integrada na sua família nuclear, pai, mãe e irmão. No que

diz respeito às idades dos pais, estão compreendidas entre os 24 anos e os 45 anos. Verificámos que só uma mãe de um aluno é licenciada, os restantes pais fizeram o 4º ano de escolaridade e o 12º ano de escolaridade. De acordo com PAT, os alunos apresentam alguns problemas ao nível comportamental, é um grupo “ [...] agitado e conversador com um elemento muito desestabilizador (...) ao nível do comportamento das normas da escola/sala”. O ritmo de trabalho da turma é “ [...] muito lento”, “ [...] demonstram “dificuldades em se concentrarem no trabalho”, cinco elementos da turma não são pontuais nem assíduos. Segundo este plano de atividades de turma, é um grupo de “ [...] alunos que não têm hábitos de trabalho e estudo em casa e pouca autonomia”. (PAT, 2012)”. No início do ano letivo, foram diagnosticadas algumas lacunas em duas áreas curriculares, na Língua Portuguesa e na Matemática. Ao nível da Língua Portuguesa, os alunos apresentam dificuldades na leitura, interpretação e produção de textos e ortografia. Em relação à área da Matemática, os alunos apresentam lacunas na resolução de problemas, na leitura de números até 999, nas operações da adição com transporte e subtração simples e de uma forma geral, os alunos não têm as tabuadas memorizadas.

Relativamente ao estágio em EPE, a estagiária recorreu ao PCG, e fez uma análise socioeconómica e cultural do grupo. O grupo de crianças de 4/5 anos é constituído por 25 crianças, sendo 15 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Das 25 crianças da sala 12 têm 5 anos e as restantes têm 4 anos. Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa.

A maior parte das crianças reside no concelho onde está inserida a instituição. Segundo o que me foi permitido averiguar a maioria das crianças reside em apartamentos, tendo quarto próprio. A grande parte das crianças dispõe de espaços exteriores, onde podem brincar e apenas um número reduzido indica não ter espaços por falta de existência dos mesmos. Foi possível sabermos que a maioria destas crianças vive integrada na sua família nuclear sendo na sua grande maioria filhos únicos. Das poucas crianças que têm irmãos, a maioria destes frequenta a instituição.

Relativamente à idade dos pais destas crianças, a maioria apresenta idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos. Sabemos que as mães têm

um grau superior ao dos pais, sendo que na sua maioria são licenciadas. No que diz respeito à situação profissional dos pais, a maioria trabalha por conta de outrem. Em relação ao seu local de trabalho sabemos que a grande parte trabalha perto da área escolar dos filhos.

Em relação às profissões elas são bastante heterogêneas: Agente da PSP, Bancários, Enfermeiros, Farmacêutica, Gestor, Professora.

Ao nível dos horários dos pais a maior parte tem horário fixo, embora os horários das mães sejam mais flexíveis, o que permite um maior apoio às crianças em situações mais difíceis.

Posto isto, achamos pertinente fazer uma caracterização teórico real do grupo. Para exercermos uma prática pedagógica correta, é indispensável um conhecimento profundo e real do grupo de crianças, transformando atitudes e propostas e atividades adequadas aos interesses e necessidades do grupo. É importante conhecermos o meio em que a criança se insere e o seu contexto socioeconómico e cultural.

Numa primeira abordagem podemos considerar que o grupo é “[...] dinâmico, curioso, simpático alegre, carinhoso e extrovertido. Pelo facto de ser um grupo maioritariamente masculino torna-se bastante barulhento necessitando várias vezes da intervenção do adulto [...]”. (Projeto Curricular 2012: 28).

Piaget deu um enorme contributo quanto à compreensão do desenvolvimento mental das crianças, o que facilita ao adulto o modo como deve interagir. Para este autor a cognição é o “[...] pensamento ou processamento racional, é considerado um processo ativo e interativo” (in projeto curricular 2012: 28). Sabemos que a criança não é um ser vazio mas sim ativo na aprendizagem pois afeta e deixa-se afetar pelo meio em que está inserida.

Segundo o mesmo autor, a criança de 4 e 5 anos encontra-se no estágio pré-operatório. A criança é capaz de manipular o ambiente através das suas representações simbólicas ou pensamentos acerca do mundo externo. O meio de aprendizagem utilizado pelas crianças é o intuitivo, ou seja, quanto mais

diversificadas forem as situações de aprendizagem, maiores conhecimentos a criança poderá adquirir.

No que diz respeito ao pensamento, demonstram dificuldade em distinguir o essencial do acessório e o global do particular.

Encontram-se na fase do realismo, mas também na fase do animismo, o que leva a criança a atribuir vida aos objetos (ver anexo 14).

Piaget diz que a capacidade simbólica é perceptível no jogo lúdico mas também no desenho. Podemos verificar que este grupo é bastante heterogéneo, pois existem crianças que representam graficamente o que desejam conseguindo-se interpretar sem dificuldade, e por outro lado, existem crianças que têm de descrever o que desenharam para se poderem fazer entender. Ao nível da memorização, algumas crianças têm maior facilidade de reter a informação do que outras. Ao nível da matemática, pode-se dizer que o grupo forma conjuntos de acordo com características individuais. “A maioria identifica e nomeia os atributos dos blocos lógicos, sendo na espessura que apresentam maior dificuldade, utilizam a tabela de dupla entrada, noções de tamanho, quantidade e de comparação, identificam semelhanças e diferenças entre si [...]”. (Projeto Curricular 2012:30).

Utilizam registos gráficos e deslocamento em quadrículas o que nos permite dizer que estas crianças começam a recorrer à simbologia para representar situações e ações, iniciando desta forma os primeiros passos no “mundo” do abstrato.

Segundo Freud, as crianças desta faixa etária encontram-se na fase fálica tornando-as “[...] curiosas relativamente às questões sexuais ex: gostam de brincar aos namorados, gostam de espreitar o sexo oposto na casa de banho, tornam-se exibicionistas[...]”. (Projeto Curricular 2012:31).

Em relação à estruturação espacial existem noções topológicas como os tamanhos, posição e situação que já se encontram interiorizadas tais como: grande pequeno, alto, baixo, frente atrás. Por outro lado é necessário trabalhar a lateralidade, (ver anexo 15).

O grupo apresenta também alguma disparidade em relação à sua oralidade e articulação das palavras. “Algumas crianças apresentam

dificuldades no articulatório (sigmatismo, omissões de fonemas r, l, lh, nh)". (Projeto Curricular 2012:32).

Em relação à socialização as crianças estabelecem um bom relacionamento com os restantes elementos do grupo (criança/adulto) e embora sejam autossuficientes reclamam a presença do adulto.

Estas crianças são carinhosas e amigas, têm dificuldade em pedir desculpas quando necessário e têm alguns momentos de "birras" (ver anexo 16).

Podemos concluir que o grupo se enquadra dentro das características que estão de acordo com a sua faixa etária existindo algumas situações, nomeadamente ao nível da linguagem, memorização, cognição, concentração e comportamento que o adulto deve estar atento a fim de minimizar os problemas. É também um grupo que questiona e procura o saber, tornam-se ativos e desafiadores.

3.3 Intervenção Educativa

O educador " [...] concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas." (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto, anexo n.º1).

3.2.1 Observar/ preparar

De acordo com Postic e De Ketele (1992) citados por Parente (in Formosinho 2002:173), o observador é como

" [...] um navegador que constantemente procura a sua situação em relação à rota que deve seguir. Navega em cada momento, reconhecendo os pontos de referência ou marcos e situando uns em relação aos outros, tendo em conta as mudanças de perspectivas que sucedem à medida que se desloca. Entretanto, é para si próprio imprescindível situar-se em relação ao conjunto daquilo que vê".

O professor/observador é uma pessoa que deve saber posicionar-se em relação ao que quer observar para analisar aquilo que vai observando e refletir sobre os vários processos, ou seja, aqueles que já pôs em prática e aqueles que tenciona fazer.

De acordo com as OCEPE, o educador deve “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, [...]”. (OCEPE, 1997:25).

Se por um lado a observação é importante na Educação Pré-Escolar, o mesmo acontece para o 1º Ciclo do Ensino Básico, isto porque “ [...] só a observação sistematicamente realizada permitirá obter dados exactos, preciosos e significativos, capazes de informar o professor sobre as necessárias modificações a implementar.” (Parente in Formosinho, 2002:168). O professor, na sua prática educativa, recorre a técnicas e a instrumentos de observação e registo diversificados que ajudam a organizar e sistematizar a informação recolhida, permitindo assim, observar a criança em diversas situações de modo a poder passar para a próxima etapa a planificação.

No que diz respeito à intervenção prática, fizemos da observação um instrumento essencial durante todo o seu percurso. Para podermos planificar e propor ao grupo atividades e aprendizagens significativas tivemos de observar o grupo e as suas características no seu meio natural. As observações referidas em metodologias de intervenção são objetos de observação, tais como os registos de incidentes críticos, grelhas de observação, amostras de acontecimentos e registos contínuos (ver anexo 1 ao anexo 9 e do anexo 13 ao anexo 15).

3.2.2 Planear/ planificar

A planificação, deve ser realizada de acordo com o grupo e com cada criança em particular, pois é para eles que a intervenção se destina. Sendo assim, ao planificar o educador deve procurar “[...] nos alunos pontos de apoio em que assentar as suas intervenções.” (Morissette & Gingras, 1994:158), partindo sempre dos seus interesses, motivações e dos saberes já adquiridos. Durante a nossa intervenção, o ponto de partida para qualquer planificação teve sempre em atenção os conhecimentos prévios das crianças.

Nas planificações da Educação Pré-Escolar, tivemos sempre o cuidado de questionar as crianças sobre o tema a ser abordado, para que depois pudéssemos dar início à atividade partindo sempre dos seus interesses e

conhecimentos. (ver anexo 17 ao anexo 21). O mesmo acontecia durante a hora do conto, pois é um momento de lazer para as crianças e ao mesmo tempo bastante oportuno para o educador observar os seus interesses, opiniões e o grau de desenvolvimento em que se encontra a criança ou do grupo. Em relação ao 1º CEB, as planificações foram elaboradas de forma a desenvolver as competências das crianças, partindo sempre do seu nível de conhecimento. As questões previamente pensadas e planificadas eram colocadas para que fosse possível apercebermo-nos das suas motivações e aprendizagens prévias (ver anexo 49).

Acreditamos que a planificação sendo um instrumento de apoio ao professor, não deve ser encarado como algo espartilhado, rígido e inalterável, pelo contrário, “os professores eficientes acreditam que as planificações são feitas para serem alteradas.” (Arends, 2008:93). Durante a prática, existiu um momento em que a planificação teve de ser completamente modificada. Estes momentos também são importantes, pois tivemos a oportunidade de demonstrar a nossa criatividade, capacidade de improvisar e superar dificuldades e medos, que por vezes estão relacionados com a falta de experiência profissional. (ver anexo 50).

Sabemos que a planificação, deve ser desenvolvida em três momentos: a longo, a médio e a curto prazo. No estágio do 1º CEB, fizemos a planificação longo prazo, com as atividades que aconteceram ao longo do ano, presentes no PAA: o dia da Alimentação, o Dia do Halloween, o Magusto, a Festa do Natal; as Janeiras. Em relação à EPE, de acordo com o PAA, planificámos o aniversário da instituição, o Dia da Mãe, o dia do Pai, O dia do Livro. As planificações a curto prazo são aquelas atividades planificadas diária ou semanalmente. Estas planificações foram realizadas em ambas as valências, sendo desenvolvidas em concordância com o os respectivos educador/professor cooperante. Anteriormente eram definidos os conteúdos a serem abordados. Após a elaboração da planificação semanal, foi apresentado e discutido os recursos, os objetivo e as estratégias proposta por nós.

Na Educação Pré-Escolar, utilizando a metodologia da pedagogia de projeto, trabalhámos as diferentes áreas presentes nas Metas de

Aprendizagem e nas OCEPE. Nesta valência, as planificações foram elaboradas em teia e os registos em rede (ver anexo 13). Este tipo de planificações ajudaram-nos a compreender o que já havíamos realizado e o que pretendíamos realizar para o futuro. Contudo, sentimos a necessidade de para além de planificar em rede, optamos também por planificar em grelha, completando assim as planificações com mais informação. Nessa planificação em grelha tivemos em atenção os recursos humanos e materiais, os espaços possíveis e disponíveis para a realização das atividades, as nossas intenções pedagógicas, as descrições das atividades e as estratégias a utilizar (ver anexo 12 – planificações).

As OCEPE referem que cabe ao educador, “ [...] planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e estimular cada criança, apoiando-as para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento, [...]”. (OCEPE 1997:26). Ao planificarmos devemos de ter em conta, as capacidades e o grau de desenvolvimento das crianças, para que estas se sintam capazes. Na prática conseguimos verificar que em algumas situações, perante um novo desafio, as crianças demonstravam apreensão em atividades relacionadas com a Expressão Motora. Perante esta dificuldade, surgiu-nos o desafio de encorajar a criança a ultrapassar os seus receios.

De acordo com o Perfil Específico do Educador, ele “planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares”. (anexo 1, alínea d).

Contudo, é importante que as crianças participem nas planificações. “Passar a moeda para o lado delas” faz com que se sintam mais responsáveis e o seu empenho seja o melhor possível. Ao mesmo tempo a participação das crianças no planeamento permite “ [...] ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitador de aprendizagem e de desenvolvimento de todas e de cada uma”. (OCEPE 1997:26).

Nesta linha de raciocínio, no que diz respeito ao 1º CEB a planificação foi elaborada com base nos Programas e Metas Curriculares e sob a orientação da professora cooperante. Com a utilização destes instrumentos explicitámos nas planificações, as nossas intenções educativas de acordo com as especificidades do grupo. (ver anexo 21 e anexo 36). No 1º CEB, espera-se que o professor elabore a sua planificação com o intuito de “ desenvolver as aprendizagens, mobilizando integradamente saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares e às condicionantes individuais e contextuais que influenciam a aprendizagem.” (Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto, alínea b, anexo 2). As planificações foram organizadas partindo de conteúdos, dos quais estavam interrelacionados. O formato da planificação seguida foi em grelha e era realizada semanalmente, todas as sextas-feiras durante as assembleias de turma os alunos registavam individualmente a planificação semanal, para que eles próprios tomassem conhecimento do que iriam trabalhar na próxima semana. (ver anexo 37).

Espera-se, ainda, que o professor do 1º CEB “fomente a aquisição integrada de métodos de estudo e trabalho intelectual, nas aprendizagens, designadamente ao nível da pesquisa, organização, tratamento e produção de informação, utilizando as tecnologias da informação e da comunicação.” (Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto, alínea f, anexo 2).

3.2.3 Agir/intervir

Durante toda a prática pedagógica tentámos melhorar e aperfeiçoar a nossa intervenção, sempre com o objetivo de promover aprendizagens significativas no grupo. Na ação educativa partiu-se, essencialmente, do reforço positivo e do elogio (ver anexo 22). Segundo Sprinthall (1993) quando os comportamentos são reforçados eles tendem a ser repetidos o que o oposto também tende a acontecer.

A concretização da ação deve ser flexível (ver anexo 23), tal como as planificações. Pois elas devem ser adaptadas “ [...] às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas [...]”.(OCEPE 1997:27).

Durante a intervenção, promovemos e desenvolvemos atividades diversificadas, significativas e socializáveis, recorrendo a inúmeras estratégias presentes nas planificações em ambas as valências. Para Roldão “A estratégia significa uma concepção global, intencional e organizada, de uma acção ou conjunto de acções tendo em vista a consecução das finalidades de aprendizagem visadas”, (Roldão, 2010:68).

A motivação sendo “[...] a força que energiza e dirige o comportamento” (Marina Serra Lemos in Miranda & Bahia, 2010:196), foi uma preocupação constante ao longo do estágio; no entanto, esteve presente na nossa prática educativa, com o objetivo de “provocar” os educandos, para que estes sentissem o desejo de aprender. Os jogos lúdico-pedagógicos, tais como, o “jogo do loto”, “o jogo da glória” e o jogo “viajar até Belém” são exemplos adotados para abordar conteúdos da área da Matemática.

Adotámos a metodologia da pedagogia de carácter construtivista, sendo visível nas planificações e nos registos elaborados pelas crianças. Desde a pergunta de partida (o que queremos saber?) passando pela pesquisa (o que descobrimos) com que vamos fazer (lista de materiais ex: a construção da casa), como vamos fazer (passando pela construção) e por fim, a divulgação ao restante grupo, (estes exemplos encontram-se em anexos anteriores tais como as planificações e os registos) que foram momentos de descoberta e de construção de conhecimento.

Também pudemos verificar o mesmo no 1º CEB, pois algumas das atividades planeadas tinham como objetivo, a distribuição de diferentes tarefas, que depois de elaboradas em pequenos grupos, eram partilhadas em grande grupo. (ver anexo 38).

Seguindo esta linha, a construção ativa do conhecimento torna as aprendizagens mais duradouras e são estas que fazem sentido para os alunos, pois são eles o “motor” para a construção do seu próprio conhecimento. Nesta perspetiva, espera-se que os educandos cooperem para a resolução de problemas. (ver anexo 39).

No estágio na EPE foi utilizada a metodologia da pedagogia de projeto, o que no nosso entender, é uma boa forma para as crianças desenvolverem as

suas competências, pois cada grupo de crianças partindo do mesmo interesse desempenhava uma determinada tarefa e, no final, expunha os seus conhecimentos e as suas descobertas e concretizações ao restante grupo. Um exemplo que partiu dos interesses das crianças foi a peça de fantoches “Os polícias” (ver anexo 24).

No entanto, é nos difícil afirmar que a prática, se assentou num só modelo curricular (Metodologia da Pedagogia de Projeto), pois como é referido na caracterização da instituição, o modelo High-Scope, também esteve presente, através da aprendizagem ativa e motivadora, no sentido de dar voz ativa às crianças como por exemplo nas assembleias, onde eram tomadas de decisões sobre várias “questões/temas” como por exemplo, a importância da amizade, o ajudar o próximo, porquê que a natureza é importante. Ou até mesmo questões relacionadas com o projeto de sala, qual a próxima etapa do projeto, o que falta fazer, o que queremos descobrir, entre outras.

Para complementar, o modelo pedagógico Movimento da Escola Moderna, também foi posto em prática, na medida em que permitimos que as crianças construam o seu conhecimento num ambiente de múltiplas interações com os pares, equipa pedagógica, família e comunidade, por exemplo, o convite as instituições publicas e privadas que foram alvo de estudo ao longo do projeto (como a esquadra de policia, o quartel dos bombeiros, a fábrica de brinquedos de madeira, a fábrica de biscoitos), o convite aos familiares das crianças. Proporcionámos momentos de comunicação e partilha dos trabalhos que iriam sendo realizados ao longo do projeto, como por exemplo, no acolhimento as crianças dialogarem o que foi realizado no dia anterior, ou partilharem experiências que possam vir a ser integradas no projeto, as apresentações de produções eram frequentes quando um pequeno grupo acabava o seu mini projeto (ex: construção da réplica do hospital). De seguida, apresentava às restantes crianças todo o trabalho realizado desde a pesquisa até à construção. A leitura era um ótimo momento de comunicação e partilha, no sentido em que após a leitura de um livro, as crianças faziam o reconto da história, ao mesmo tempo que registávamos as suas frases no caderno. Posteriormente, as crianças ilustravam a história forma a criar um livro (ver

anexo 44). As exposições, que são uma forma de partilha e de comunicação, no final do projeto a instituição elaborou uma exposição onde apresentava à comunidade educativa e social todas as atividades realizadas ao longo do projeto (anexo12). Nesta exposição, as crianças tiveram a oportunidade de apresentar aos familiares e à comunidade o que aprenderam e realizaram ao longo do ano.

Assim sendo, o projeto que vivenciámos em EPE, já se encontrava definido e em fase de execução quando iniciámos a nossa prática na instituição. O trabalho de projeto em EPE, iniciou-se depois das crianças distribuírem pela sociedade postais de natal. As crianças tiveram a curiosidade de saberem mais sobre a comunidade onde viviam. Através da história dos “três porquinhos” de Luísa Ducla Soares que mais tarde foi alvo de reconto e registo foi abordado na área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Nesta história, as crianças descobriram que os três porquinhos construíram as suas casas com materiais diferentes. A partir daí surgiu a dúvida de como seriam feitas as casas na nossa cidade, que materiais são utilizados, como se constrói, quem é que constrói. Todos estes interesses e dúvidas foram registados na teia pelas crianças. Por forma a atender os interesses das crianças, surgiu a personagem “O Senhor António” que esteve presente na sala para esclarecer as dúvidas. Esta personagem ajudou aos alunos a compreenderem a profissão construtor civil, qual o tipo de casas que se constrói naquela cidade, quais os materiais necessários e quais as fases de construção de uma casa. Após a descoberta dos materiais e das fases da construção da “casa de lousa” sentimos a necessidade de organizar e distribuir as tarefas. Desta forma a Matemática foi trabalhada na construção de tabelas com os materiais necessários e a distribuição das tarefas das crianças pelas várias fases da construção da casa. No entanto, houve inúmeras circunstâncias para trabalhar a matemática, desde atividade de motora no deslocamento em quadrículas ou nos registos de outras tarefas em tabelas de dupla entrada ou diagrama de Venn. Ao nível da área do Conhecimento do Mundo estava sempre presente visto que, o projeto da sala tinha como tema “viagens pela nossa terra” e houve a exploração da flora e fauna das Serras. Neste sentido,

as crianças descobriram as propriedades do eucalipto, as suas características e realizaram experiências com o eucalipto (infusão). Para além desta árvore, outras como o azevinho e o pinheiro foram alvo de estudo e de registo e construção para a maquete final. O conhecer a lenda da cidade foi importante para perceberem algumas das tradições mais importantes da cidade. Estas descobertas deram origem a um teatro de fantoches que as crianças foram apresentar à biblioteca municipal onde está inserida a instituição. As Tecnologias de Informação estiveram presentes desde que necessário, como por exemplo a visualização de alguns edifícios para a realização da maquete e outras pesquisas. A construção da própria maquete englobou a área das Expressões, com a dramática, com o teatro de fantoches sobre a lenda da cidade, ou teatro de fantoches “Os polícias”, a plástica com a construção das réplicas dos brinquedos de madeira elaborados com pasta de moldar, a música com algumas músicas típicas da terra, a dança com a imitação dos passos da “fanfarra das boinas verdes” e a motora como o circuito de obstáculos “viagens pela Serra”, “viagem pelas freguesias”. Ao nível da Formação Pessoal e Social sendo uma área transversal, foi trabalhada em todas as atividades. Todo o projeto com as atividades acima referido encontra-se no anexo 12.

Relativamente ao 1º CEB, a divisão das áreas de conteúdo é mais evidente; contudo, houve a nossa preocupação em planificar os conteúdos de uma forma articulada e lógica. O comboio das classes era utilizado para a matemática, contudo havia sempre uma história por detrás que anteriormente era interpretada na área de Língua Portuguesa (ver anexo 40). Na área de Estudo do Meio, algumas das vezes, estava interligado com as Expressões, por exemplo na construção no panfleto para o alerta da extinção do pinheiro manso, ou na elaboração da carta para a direção da escola a pedir novos materiais para a mala dos primeiros socorros (ver anexo 41), a elaboração de cartazes para alertar os perigos das drogas, tabaco e álcool é uma das atividades que englobaram as diferentes áreas de conteúdo, desde a exploração e síntese do texto informativo, à criação de *slogan*, à escolha, recorte e colagem de imagens e a apresentação do trabalho final à turma. (ver anexo 42). A oportunidade de cantar as janeiras à comunidade educativa,

concedeu várias atividades dinâmicas, desde a construção das coroas dos reis, ao cantar as janeiras pelas salas de toda a escola, à exploração e interpretação da história do dia de reis, às lendas e tradições que estão ligadas ao dia de reis, a descoberta de uma nova planta “mirra” e o registo da nova informação descoberta (ver anexo 43). Na área de conteúdo de Língua Portuguesa, sendo uma área transversal, foi trabalhada em vários momentos, desde a interpretação de diversos tipos de textos (narrativa, poema, informativo), em relação à interpretação dos problemas na matemática, na escrita em relação aos conteúdos abordados (nomes, verbos, adjetivos, determinantes) ou a ortografia (ex: criação de textos) e até ao nível da oralidade da articulação das palavras, (ex: acrescentavam o “i” no final das palavras – *comeri*).

Relativamente às atividades previamente definidas no Plano Anual de Atividades (PAA), procuramos intervir respeitando os dias festivos. As atividades concretizadas foram, o dia da estação do ano “O Outono” em que criamos um calendário com os dias importantes ocorridos durante a mesma estação do ano, como por exemplo o 5 de outubro – dia da implementação da república e dia mundial do professor, (ver anexo 51). O dia da Alimentação, em que as estagiárias organizaram uma palestra para as salas dos 2º anos e uma do 3º ano. Essa palestra foi apresentada por um enfermeiro que esclareceu todas as dúvidas das crianças e alertou para a importância de uma boa alimentação. No final, foram distribuídos às crianças, um batido de fruta e um “contrato” com o objetivo de os educandos tomarem consciência e responsabilidade sobre a sua alimentação. Esta atividade foi interessante na medida em que alguns dos alunos que se alimentavam de uma forma menos adequada começaram a trazer um lanche/pequeno almoço mais saudável. No final da tarde juntamente com as restantes turmas fizeram um lanche de espetadas de fruta (ver anexo 52).

Todas as atividades dinamizadas e mencionadas anteriormente, tanto para a EPE como no 1º CEB, foram pensadas cuidadosamente, tendo em consideração as Metas Curriculares e as Orientações e Metas de Aprendizagem, imanadas pelo MEC.

3.2.4 Avaliação

A avaliação em Educação “[...]é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades”. (Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011).

A avaliação em Educação Pré-Escolar é essencialmente formativa, que se desenvolve “[...] num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.”. (Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011). De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar,

“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (1997:27).

O perfil específico de desempenho do professor do 1º ciclo de ensino básico, refere que o docente,

“Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens”. (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, anexo 2, cap II, alínea c).

Sabemos que a criança quando nos chega, já vem provida de conhecimentos, cabendo ao profissional de educação avaliar os seus conhecimentos e competências para que possa dar continuidade ao desenvolvimento da criança.

A avaliação deve ser considerada como monitorização dos processos das aprendizagens conseguidas pelas crianças.

A avaliação é realizada em diferentes momentos do processo educativo, que dão lugar a três tipos de avaliação distintos, nomeadamente a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. Durante a prática profissionalizante, recorreremos à avaliação diagnóstica e à avaliação formativa.

A avaliação diagnóstica deve ser feita no início do ano letivo, é da responsabilidade do professor/educador fazer a caracterização do grupo e de cada criança. Esta avaliação permite “ [...] conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da ação educativa, no âmbito do projeto curricular de grupo”. (Circular n.º: 4 /DGIDC/DSDC/2011). Através do PCG e ao PAT analisámos os gráficos e fizemos a descrição do grupo de crianças e a caracterização da instituição. (ponto 3.1 e 3.2 da intervenção educativa).

O despacho normativo n.º 24-A/2012, Artigo 1 alínea a), tem como objetivo a “Avaliação e certificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas pelos alunos do ensino básico, nos estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo, bem como os seus efeitos”. Refere ainda que “Sempre que os resultados escolares nas áreas disciplinares de Português e de Matemática do 1º ciclo o justifiquem, são obrigatoriamente, adotados planos de atividades de acompanhamento pedagógico para os alunos” (despacho normativo n.º 24-A/2012, artigo 21º, alínea 1). Assim, o Apoio ao Estudo é também uma área disciplinar obrigatória, segundo o Decreto-Lei n.º 91/2013. Estas aulas proporcionaram ótimos momentos de *feedback* dos alunos em relação a determinado conteúdo, o que nos ajudava a perceber quais as suas fragilidades, para posteriormente as podermos trabalhar. Os *feedbacks* dos alunos proporcionaram fazer avaliação diagnóstica dos conteúdos não adquiridos (ver anexo 47).

A avaliação formativa é uma

“[...] bússola reguladora do processo de ensino-aprendizagem, na medida em que assenta num conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes.” (Cortês in Gouveia, 2007:130).

No Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância, é referido que o educador “ [...] avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.” (Decreto-Lei 241 anexo n.º 1, alínea e), Capítulo II). Do mesmo modo, o Perfil Específico

de Desempenho Profissional do Professor do 1º CEB, menciona que este “ Avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização, e desenvolve nos alunos hábitos de auto-regulação da aprendizagem.” (Decreto-Lei 241/2001, de 30 de agosto anexo 2, alínea h), capítulo II).

As Metas Curriculares, vieram substituir as Metas de aprendizagem, que constituem, a par dos programas disciplinares, os documentos orientadores do ensino e da avaliação, sendo que os segundos enquadram a aprendizagem, enquanto as primeiras a concretizam. Deste modo,

“[...] são um meio privilegiado de apoio à planificação e à organização do ensino, constituindo-se, igualmente, como um referencial para a avaliação interna e externa, com especial relevância para as Provas Finais do Ensino Básico [...]”. (texto de enquadramento das metas curriculares).

No processo de avaliação, para além do professor/educador, também devem intervir: as crianças – “a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, que as implica na sua própria aprendizagem, fazendo-as refletir sobre as suas dificuldades e como as superar”. (Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011). Durante o estágio em EPE, as crianças faziam a avaliação quando elaboravam os registos das atividades. (ver anexo 12). No final do projeto as crianças fizeram uma avaliação sobre o que gostam mais de fazer no projeto. Esta é uma forma de reflexão e avaliação da criança. (ver anexo 25).

A auto e a hétéro avaliação é importante para que o aluno tenha a consciência da sua evolução. Através das leituras de vários textos os alunos avaliavam-se e avaliavam os seus colegas, as avaliações foram registadas numa grelha. Este processo de avaliação foi realizado em pequenos grupos, onde primeiramente um grupo de 3 crianças lia e de seguida individualmente os alunos levantavam o lápis de cor para expressar a sua avaliação. Cada cor correspondia a um determinado grau. Desta forma foi possível o aluno fazer a sua autoavaliação e posteriormente a heteroavaliação. (ver anexo 45).

Os encarregados de educação também participam na avaliação. “ [...] a troca de opiniões com a família permite não só um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação, como também, promove uma atuação concertada entre o jardim-de-infância e a

família”.(Circular nº.: 4 /DGIDC/DSDC/2011). Achamos pertinente envolver os pais na avaliação do projeto (ver anexo 26), através do caderno vai e vem – Viagens Pela Nossa Terra – os pais escreviam sobre o que aprenderam com o projeto lúdico, vivido pelas crianças e o que mais gostaram.

Considerando o ambiente educativo promotor das aprendizagens das crianças, o professor/educador deve ainda avaliar: a organização do espaço, dos materiais e dos recursos educativos; a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos; a gestão do tempo; as interações entre do adulto – criança e criança – criança; o envolvimento parental; as condições de segurança, de acompanhamento e bem-estar das crianças. Durante o estágio para além de avaliarmos as interações entre crianças, (nos registos críticos, contínuos e de observações) englobámos os pais como anteriormente foi referido e avaliámos o ambiente educativo na EPE ao nível do espaço através do instrumento PIP (ver anexo 10).

Outras técnicas e instrumentos diversificados foram utilizados, tais como, fotografias durante a elaboração das atividades (durante o projeto lúdico, ver anexo 12), reflexão/avaliação das atividades (ver anexo 27). O “portefólio de criança” evidência de forma organizada e planeada os trabalhos e as aprendizagens da criança. As evidências poderão ser a nível escrito (histórias), a nível oral (conversas), a nível visual (fotografias, desenhos), (ver anexo 11). Durante todo o processo, o educando deverá estar presente para que ele próprio seja ativo na construção do seu portefólio. Desta forma, a criança deve refletir, rever e avaliar as suas produções, assim sendo é uma forma de avaliação formativa. Todo este processo é recompensador “[...] pois, se devidamente utilizados, os portfolios podem influenciar positivamente a forma como se ensina, se aprende e se avalia” (Gouveia, 2007:135). Elaborámos grelhas de verificação, como o registo dos trabalhos de casa, (ver anexo 35) ou mesmo, as presenças e os atrasos. (ver anexo 48)

Ao longo do estágio em 1º CEB criámos fichas de trabalho (consolidação dos conhecimentos), com o objetivo de perceber as dificuldades na compreensão e assimilação dos vários conteúdos. Após a correção das fichas registávamos numa tabela quais as questões que ainda não estavam

compreendidas pelos alunos, o que posteriormente ajudava nas próximas planificações em áreas como por exemplo o Apoio ao Estudo. Depois das correções e da entrega das fichas dávamos os *feedbacks* avaliativos aos alunos, pois considerámos que “o *feedback* de uma boa realização fornece motivação intrínseca” (Arends, 1997:124), os breves comentários tinham como objetivo chamar a atenção aos alunos. Deste modo, tinham a possibilidade de entender aquilo que já sabem e o que ainda necessitam de continuar a trabalhar para alcançar os objetivos.

Durante o percurso de profissionalização, em ambos os estágios, podemos perceber que, podendo ser posta em prática em todos os momentos, a avaliação é considerada um ato de comunicação entre o educador/professor. Para avaliar, o profissional de educação, tem de saber o que vai avaliar, quem vai avaliar e o porquê que vai avaliar. A avaliação só ganha sentido quando essa consciência existe.

Também é indissociável da planificação, é fulcral que o professor/educador tenha em mente que ao iniciar qualquer planificação o importante é “[...] não definir primeiro o que o professor vai fazer para transmitir tal saber ou habilidade, mas o que o aluno será capaz de fazer ao término da formação. Não vamos nos situar no ponto de partida da ação mas no seu ponto de chegada.” (Barlow, 2006:83).

Concluindo, a avaliação tem sempre como objetivo melhorar quer o desempenho das crianças quer o desempenho do professor, sendo um processo complexo dado os enviesamentos a que esta prática está sujeita de forma a poder minimizá-los, ou até mesmo evitá-los.

“Diz-me como avalias, dir-te-ei como formas” (Gouveia, 2007:132).

Considerações Finais

O caminho que foi desbravado no decorrer dos dois estágios profissionalizantes foi um caminho que abriu outros caminhos, dando pequenos passos no nosso processo contínuo de crescimento como pessoas e como futuros profissionais da educação.

Através da prática e de todo o conhecimento teórico adquirido até aqui, tal como, a partilha de experiências com toda a equipa pedagógica, fez de nós, enquanto futuros profissionais, mais conscientes da importância de ser professor.

Relembrando o início dos estágios, as expectativas, os receios sentidos e as interrogações que se colocavam, foram distintas e muito diferentes na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico. No primeiro estágio, apesar de recearmos o não conseguir concretizar as nossas convicções e de termos as emoções à flor da pele, o sentimento de que tudo iria correr pelo melhor, estava sempre em mente.

Por outro lado, quando iniciámos o segundo estágio, sentimos um turbilhão de emoções, de interrogações e dúvidas, tínhamos receio de não conseguir levar a bom porto as tarefas que a profissionalização exigia. No entanto, esses receios rapidamente foram ultrapassados resultando num estágio em que os sentimentos passavam pela confiança, motivação, o espírito de equipa, a vontade de trabalhar e fazer cada vez melhor.

Desta forma, com duas experiências tão díspares, sentimos a necessidade de ao longo do percurso refletir criticamente sobre toda a nossa prática educativa e em todas as experiências por que passámos, e no que resultou num progresso pessoal e profissional. Tal como Oliveira Formosinho, também sentimos que “ o desenvolvimento profissional é uma caminhada que decorre ao longo de todo o ciclo de vida e envolve crescer, ser, sentir e agir”, (Oliveira-Formosinho, 2002:42).

Entendemos, ainda, como Gonçalves (2010), que a construção da profissionalização passa pelo diálogo, pelas relações e interações entre toda a comunidade educativa. Defendemos que um profissional de educação, não deverá seguir um caminho unidirecional e solitário, mas fazendo diferentes

caminhos e percursos com os outros com quem possa aprender e continuar a descobrir esta infinita arte de educar. Mais do que nunca, é exigido aos professores a capacidade de se questionar e refletir sobre a sua prática, sobre as opções que pode tomar quais os seus valores e a direção que deseja seguir. Inevitavelmente concluímos que temos que ser professores/educadores reflexivos e investigadores, interligando a teoria com a prática, criando uma dinâmica cíclica que envolve a ação-reflexão-ação.

Durante o percurso, adotámos uma postura de professor reflexivo e investigador, o que nos ajudou a implementar uma prática fundamentada com perfeita consciência do que teria de ser reajustado ao contexto institucional e às crianças. E em ambas as instituições, tivemos a preocupação de observar e conhecer o contexto em que estávamos inseridos, consultando documentos específicos de cada uma para que a nossa intervenção fosse ao encontro dos valores e princípios que defendem. Verificámos que a planificação é uma ferramenta essencial do professor/educador. Planear implica decidir, sobre o que pretendemos realizar, o que vamos fazer, como vamos fazer, e como vamos avaliar. As planificações devem ser elaboradas tendo em conta todos os saberes (saber-fazer, saber-ser e saber-estar), proporcionando aprendizagens integradas nas diferentes áreas de conteúdo, delineando assim, objetivos transversais e abrangentes.

Em Educação Pré-Escolar, a planificação foi elaborada em rede, onde havia um tema principal e a partir daí várias questões que eram exploradas e desenvolvidas pelas crianças. Já no 1º Ciclo do Ensino Básico, a planificação era organizada numa tabela, onde eram especificados os conteúdos e eram definidos os objetivos, as estratégias, recursos humanos e materiais e os instrumentos de avaliação.

A motivação esteve sempre presente na nossa mente enquanto planificávamos e intervínhamos, pois uma boa planificação tem de propor uma boa motivação para que as aprendizagens possam vir a ser reais e significativas para as crianças. Como já foi referido neste relatório, as aprendizagens só são significativas para as crianças quando estas participam ou fazem parte do processo e das experiências de aprendizagem.

Com esse intuito, sentimos a necessidade de enveredar pelos métodos de ensino ativos e cooperativos, acreditando que a criança é um ser capaz de construir conhecimento. A criatividade, a autonomia, as divergências os desafios fazem parte do crescimento e desenvolvimento pessoal de cada um, pelo que, faz sentido a pedagogia do construtivismo, e que segundo Cabanas “[...] a mente, para conhecer, tem de construir os seus próprios conhecimentos” (Cabanas, 2002:282). No que diz respeito ao papel do professor/educador, ele é responsável por “[...] organizar o ambiente e o escutar, observar para atender e responder.” (Oliveira-Formosinho, 2011:100). Entendemos que o profissional da educação não é um mero transmissor, mas deve proporcionar aos seus educandos oportunidades de construir ativamente o seu conhecimento.

Reconhecemos que a avaliação foi uma outra ferramenta indispensável à construção da nossa profissionalização por nos ter possibilitado conhecer as progressões ou regressões das crianças, bem como a autoavaliação da nossa prática educativa de forma a desenvolver em nós competências que fizessem de nós, um profissional com um papel de orientador facilitador no processo educativo. Ao nível da avaliação formativa, tanto no EPE, a (Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007) como no 1º CEB, (Decreto-Lei n.º 18/2011 de 2 de fevereiro, anexo 2, capítulo 3, artigoº 12, n.º 1), a avaliação da ação educativa é considerada como um elemento integrante e regulador da prática educativa.

Desde o início da licenciatura, que tivemos o conhecimento da possibilidade de nos formarmos no Mestrado com dupla habilitação para a docência. Segundo o Decreto-Lei n.º 22 de fevereiro de 2007 entrou em vigor um novo paradigma da docência – a docência generalista. Desta forma, a habilitação para a docência generalista nas valências de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico só é concedida a quem obtiver a qualificação através de uma licenciatura em Educação Básica e seguidamente o Mestrado em Ensino nos dois domínios de docência.

Assim, esta possibilidade, privilegia a mobilidade docente, tornando possível ao profissional “[...] o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado, a flexibilização da gestão de recursos humanos afectos ao sistema educativo e da respectiva trajetória

profissional” (Decreto-Lei n.º 22 de fevereiro de 2007). Porém, esta dupla habilitação é muito mais do que isto, pois apesar de cada contexto ter as suas especificidades, acreditamos que permite um percurso facilitador e integrador de saberes que conduzem ao crescimento e desenvolvimento global dos alunos/crianças. Impõe-se ao docente generalista que seja um conhecedor por excelência das duas valências, Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico o que o capacita para articular e atuar em ambos os níveis de educação e ensino.

Desta forma, espera-se que o docente tenha o conhecimento das diferenças e das semelhanças destes dois contextos de intervenção educativa. Após uma análise a vários documentos, verificámos a existência de semelhanças e diferenças, entre a EPE e o 1º CEB, que podem ser verificadas no decreto (Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto). Este documento define o perfil geral dos educadores de infância, tal como, o dos professores do ensino básico, onde está explícito o que se espera que o educador e o professor construam na sua prática educativa. Ainda no mesmo decreto (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto) aborda a organização curricular, e a importância da observação, planificação, ação, avaliação, comunicação e a articulação entre estas duas valências.

A observação é a primeira etapa da intervenção educativa. O profissional de educação observa para diagnosticar, planifica para intervir e avalia a sua intervenção e as aprendizagens das crianças. A observação não se restringe ao ato de ver, mas ao ato de observar com intencionalidade. Deve adotar procedimentos e instrumentos de observação que o ajude a ter um objetivo, uma focalização, só assim a sua observação será eficaz e precisa. Por este motivo, a observação é um elemento transversal a todo o processo de ensino/aprendizagem, quer ao nível da Educação Pré-Escolar como no 1º Ciclo do Ensino Básico, que facilita a integração das realidades de cada ensino, de modo a promover a competência de organizar, desenvolver e avaliar.

A etapa seguinte está ancorada à observação e dá seguimento ao processo de planificação. Para Zabalza (2000), o docente planifica com um propósito, uma meta a alcançar, que deverá concretizar-se através da

estratégia definida, que inclui as tarefas a realizar, a sua sequência e a forma de avaliação das aprendizagens das crianças. Embora os conteúdos, os objetivos e as estratégias sejam diferentes de uma valência para a outra, a planificação tem sempre o mesmo intuito, ou seja, planificamos para um grupo tendo em atenção as suas características e especificidades, partindo dos seus interesses e motivações e saberes previamente adquiridos. Podendo variar na estrutura da planificação, a teia em EPE ou em grelha no 1º CEB, ambas contêm os conteúdos a serem abordados, os objetivos, as estratégias, a descrição das atividades, os recursos humanos e materiais bem como a avaliação.

Quando iniciamos o processo de preparação e planificação já estamos a demonstrar a nossa forma de ser e de estar na Educação, mas é através da ação que apresentamos a nossa prática educativa. É na ação que se torna possível observar a capacidade de entrega, de improviso, de domínio, motivação, bem como as opções metodológicas e estratégias por parte do professor/educador. Sabemos que para cada valência, o docente terá de ajustar a sua ação consoante o grupo, mas as suas metodologias pedagógicas devem assentar sempre nas perspetivas ativas e relacionais.

A avaliação é a etapa final que simultaneamente reinicia o processo de ensino aprendizagem. Esta é realizada em diferentes momentos do processo educativo, esses momentos dão lugar a três tipos de avaliações, a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. A avaliação diagnóstica, utilizada em ambas as valências, é efetuada no início de cada etapa e tem como objetivo saber se em dado momento, os formandos dispõem determinados conhecimentos e capacidades necessárias para prosseguir uma nova aprendizagem. A aprendizagem formativa é posta em prática em Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo de Ensino Básico. Esta tem sentido durante todo o processo e tem como objetivo regular e proporcionar o feedback entre formador e formando. A avaliação sumativa é utilizada no final de uma determinada etapa e permite ao formador saber o nível qualitativo e quantitativo do formando. É uma ferramenta aplicada a partir do 1º Ciclo do Ensino Básico.

O Decreto-Lei n.º 240/2001, diz-nos que o professor “ Utiliza a avaliação, nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação”. (Decreto-Lei n.º 240/2001, anexo III, cap 2, alínea j).

Consideramos que o profissional de dupla habilitação é um docente que pode desenvolver a sua prática educativa em duas valências distintas, sabendo diferenciar e simultaneamente aliar a Educação Pré-Escolar com o 1º Ciclo de Ensino Básico. Desenvolvendo uma sequencialidade entre ambas as valências distintas, sabendo diferenciar e simultaneamente, aliar a Educação Pré-Escolar com o 1º Ciclo de Ensino Básico.

A diferenciação pedagógica é igualmente importante ser considerada em ambas as valências, não se limita apenas ao ritmo de aprendizagem ou às necessidades educativas especiais de cada criança, mas o ser capaz de olhar e ver em cada um alguém que é único, por isso requer uma atenção e um “tratamento” também único. Assim, esta diferenciação deve ser feita de acordo com a especificidade, a forma de pensar e aprender de cada criança/aluno. Existindo crianças quer na EPE quer no 1º CEB com NEE, deverão estar ao abrigo do Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro. Este decreto define,

“ [...] os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básicos [...] dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida [...]” (Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, cap I, art 1, alínea 1).

No mesmo decreto, podemos constatar que um dos objetivos relativamente à educação especial é

“ [...] a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego das crianças e dos jovens com necessidades educativas especiais nas condições acima descritas.” (Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro, cap I, art 1, alínea 2).

Relativamente às áreas de conteúdo, verificámos que nas OCEPE do MEC (1997) trata da Área de Formação Pessoal e Social, Área de Conhecimento do Mundo e a Área de Expressão e Comunicação. Em relação às áreas curriculares definidas para o 1º CEB o Decreto-Lei nº 91/2013 de 10 de julho refere o Português, a Matemática, o Estudo do Meio, as Expressões Artísticas e Físico-Motoras e o Apoio ao Estudo. É referido ainda para cada unidade curricular a carga horária semanal mínima obrigatória.

As pedagogias utilizadas quer na Educação Pré-Escolar quer no 1º Ciclo do Ensino Básico têm as mesmas finalidades. Através da Lei de Bases do Sistema Educativo, quer o educador de infância quer o professor do 1º Ciclo do Ensino Básico devem ter como preocupação o objetivo de formar cidadãos capazes de julgarem, com espírito crítico e criativo, recorrendo a metodologias ativas proporcionadoras de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Em resumo, concluímos que estas duas valências partilham vários princípios, contudo a semelhança mais evidente refere-se ao facto de que tanto o educador como o professor são gestores do currículo e, nessa medida, ambos atuam com intencionalidade educativa. Nesta perspetiva, é esperado que estes profissionais da educação desenvolvam competências ao nível da observação, planificação, intervenção, avaliação, comunicação e articulação, nunca esquecendo o princípio da diferenciação pedagógica.

Relativamente às diferenças, no que diz respeito a finalidade de cada valência, estas diferem, pois relativamente à Educação Pré-Escolar visa iniciar o processo de educação e uma preparação para o início escolar, enquanto que o 1º Ciclo do Ensino Básico dá seguimento ao trabalho que anteriormente foi iniciado ao nível da formação pessoal e desenvolvimento de competências do currículo não formal e ainda dá continuidade ao desenvolvimento das áreas curriculares para o 1º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente a Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e as Expressões.

Uma grande diferença entre estas valências é a obrigatoriedade do 1º Ciclo do Ensino Básico, enquanto a Educação Pré-Escolar é de carácter facultativo.

Nas avaliações para o 1º CEB podemos identificar três tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa, enquanto que na EPE é maioritariamente formativa.

No 1º CEB existe a possibilidade de um aluno ficar retido em algum ano de escolaridade, já no que concerne à EPE isto não acontece.

A metodologia da pedagogia de projeto sendo mais usual ser utilizada no EPE é absolutamente possível trabalhar no 1º CEB com os princípios, fases, orientações que esta metodologia preconiza.

Finalizando, pode-se verificar que também existem algumas especificidades em cada valência. No entanto, as maiores divergências dizem respeito às avaliações usadas em cada valência e às estratégias que são utilizadas por cada educador ou professor, dependendo das faixas etárias dos educandos.

Como advoga a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, “Educar é lançar pontes para margens desconhecidas”. Acreditamos que nós como futuros profissionais com dupla habilitação, seremos capazes de ser construtores de pontes, permitindo a travessia dos alunos e incentivando-os a construir as suas próprias pontes. Para isso, teremos:

- De conhecer bem as margens;
- Saber como as unir;
- Planear bem a construção;
- Possuir competência técnica e relacional;
- Respeitar as regras da mecânica e da física, para que a ponte seja sólida e permita a bidirecionalidade.

É assim que queremos ser “CONSTRUTOR DE PONTES”.

Bibliografia

AINSCOW, M., & Ferreira, W. (2003). *Compreendendo a Educação Inclusiva - Algumas Reflexões Sobre Experiências Internacionais*. In D. Rodrigues, *Perspectivas Sobre a Inclusão - Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora.

ALLIPRANDI, C., e ALLIPRANDI, M. T. (1984): *La Scuola dell'infanzia: teoria e didattica*. Giunti e Lisciani, Téramo.

ARENDS, Richard I. (2008). *Aprender a ensinar*. Madrid: Editora McGraw-Hill, 7ª ed.

BARLOW, Michel (2006). *Avaliação Escolar – mitos e realidades*. Lisboa: Editorial Presença.

CABANA, José M. Q. (2002) *Teoria da educação – Conceção antinómica da educação*. Porto: Edições ASA, 1ª ed.

CARDOSO, J. (2013), “ *O Professor Do Futuro*”, Lisboa: Editora Guerra & Paz.

CARNEIRO, R. (2003), “*Do sentido e da Aprendizagem: A Descoberta do Tesouro*”, *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, nº 2, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

DIOGO, José M. L. (1998). *Parceria Escola-Família – A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.

ESTANQUEIRO, António (2008), *Saber Lidar com as Pessoas*, Lisboa: Editorial Presença.

FERREIRA, M & SARMENTO, M.J. (s/d). (2008). *Subjetividade e bem-estar das crianças: (in) visibilidade e voz*. *Revista Eletrônica de Educação*, v.2, nº2, novembro.

GONÇALVES, Daniela (2010), *(Re) Inventar um Espaço Reflexivo*, in *Cadernos de Estudo* n.º 15, Porto, ESEPF.

GOUVEIA, João (2007), *Métodos, Técnicas e Jogos Pedagógicos - Recurso Didático para Formadores*. Editor: Expoente – Serviços de Economia e Gestão, S.A.

GRUBB, D. e COURTNEY, A. (1996). *Developmentally appropriate assessment of young children: The role of portfolio assessment. Paper presented at the Annual Conference of the Southern Early Childhood Association.*(ERIC Document Reproduction Service N° ED 400114).

MACHADO, J. (2011), *Pais que educam Professores que amam*. Lisboa: Marcador.

MANY, Eric e Guimarães, Samuel (2006). *Como abordar... A metodologia de trabalho de projecto*. Porto: Areal Editores.

MARQUES, Ramiro. (2001), *Educar com os pais*, Lisboa: Editorial Presença.

MATURANA, H. (2002), *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, Belo Horizonte: Editora UFMG. .

MORISSETTE, Dominique e GINGRAS, Maurice(1994). *Como ensinar atitudes - Planificar, Intervir, Avaliar*. Porto: Edições ASA.

NUNES, Jorge (2000). *O professor e a acção reflexiva*. Porto: Edições ASA.

OLIVEIRA–Formosinho, J. (2002). *A avaliação alternativa na educação de infância. In Formosinho, J. (Org.), A supervisão na formação dos professores I*. Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA – Formosinho, J. (2002). *O Desenvolvimento Profissional das educadoras de infância: entre saberes e os afetos, entre a sala e o mundo*. In J. Oliveira-Formosinho & T.Kishimoto (org.), *Formação em contexto: uma estratégia de integração*, São Paulo, Thomson.

OLIVEIRA – Formosinho, J, & Araújo, S.B. (2008). *Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância:*

implicações metodológicas. In J. Oliveira-Formosinho, *A escola Vista pelas Crianças* Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA – Formosinho, Júlia (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.

PARENTE, Cristina, “Observação: um percurso de formação, prática e reflexão” in OLIVEIRA- FORMOSINHO, Júlia (org). (2002). *A Supervisão na Formação de Professores I – Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora.

PERRENOUD, P. (2000). *Pedagogia Diferenciada - Das Intenções à Ação*. (P. C. Ramos, Trad.) Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas Sul.

Revista Onis Ciência, Vol I, Ano I, Nº 2, Braga, Portugal, Setembro — Dezembro, 2012. Quadrimestral

ROCHA, Filipe (1988). *Correntes pedagógicas contemporaneidades*. Aveiro: Editora Estante.

ROLDÃO, M. (2010). *Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor*, V.N Gaia: Departamento Profissional de Professores.

ROLDÃO, M. d. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo - Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.

SERRA de Lemos, Marina, (2010) “Motivação e aprendizagem” in Miranda Guilhermina e Bahia, Sara (org). *Psicologia da educação – Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

SPRINTHALL, Norman A. E SPRINTHALL, Richard C. (1993). *Psicologia Educacional – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.

SHORES, E. e Grace. C. (2002). *Manual de Portfólio: um Guia Passo a Passo para Professores*. Ed. Artmed.

SOUSA, Alberto B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte, 2ª ed.

TOMLINSON, C. A. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade - Ensino de Alunos em Turmas com Diferentes Níveis de Capacidade*. Porto: Porto Editora.

UNESCO. (2008). *Educação Inclusiva: o Caminho do Futuro. Conclusões e recomendações da 48ª sessão da conferência internacional de educação da UNESCO*, Genebra: UNESCO.

VASCONCELOS, Teresa (2013). *Trabalhos por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens Integrar Metodologias*. Editor: Ministério da Educação e Ciência; Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

ZABALZA, Miguel A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Sitografia

UNESCO. (1994). *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. (UNESCO, ed.)
Obtido em 20 de Julho de 2009, de UNESCO:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>.

(consultado dia 22 de Maio de 2013).

<http://dge.mec.pt/metascurriculares/index.php?s=directorio&pid=36>

(consultado dia 4 de janeiro de 2014).

<http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas>

(consultado dia 30 de janeiro de 2014).

Legislação / Documentos oficiais consultados

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997a). Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2008), Decreto – Lei n.º75/2008, DR: I Série – n.º 79, 22-04-08, p. 2341-2356.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997), Lei - Quadro n.5/97, de 10 de Fevereiro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2012) Despacho normativo n.º 24-A/2012

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997), Despacho n.º 5220/97 (2.ª série), 4 de Agosto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011), Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007) Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2005), Lei n.º 49/2005, DR: I Série-A, 30-08-05, p. 5122-5138.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001), Decreto – Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2013), Decreto-Lei n.º 91/2013 de 10 de julho.

Documentos das Instituições Consultados:

Projeto Educativo EPE – 2008

Projeto Educativo do Agrupamento - 2013

Plano Anual de Atividades EPE – 2013

Plano Anual de Atividades do Agrupamento - 2013

Projeto Curricular EPE – 2013

Regulamento Interno EPE – 2013

ANEXOS

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 1 – Grelha de observação de 19 de Fevereiro de 2013

LEGENDA

NA	Não adquiriu
AD	Adquiriu
F	Faltou

Nomes	Indicadores de avaliação		Corre	Salta a pés juntos	Salta só num pé	Pára ao ritmo da música	Toma consciência do se corpo em relação ao exterior
A	AD	AD	AD	ND	AD	AD	AD
B	F	F	F	F	F	F	F
C							
D							
E							
F							
G							
H							
I							
J							
K							
L							

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

M									
N									
O									
P									
Q									
R									
S									
T									
U									
V									
X									
Z									

ANEXO 2 - Grelha de observação de 21 de Maio de 2013

LEGENDA	
NA	Não adquiriu
AD	Adquiriu
F	Faltou

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Nomes	Indicadores de avaliação	Tomar consciência do esquema corporal (postura)	Sabe relaxar	Controla a respiração	Tem equilíbrio	Tem flexibilidade
A	AD	AD	AD	ND	AD	AD
B	F	F	F	F	F	F
C						
D						
E						
F						
G						
H						
I						
J						
K						
L						
M						
N						
O						
P						

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Q							
R							
S							
T							
U							
V							
X							
Z							

ANEXO 3 – Registo de incidente crítico de 19 de Março de 2013

Nome da criança: L	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data: 19-03-2013

Descrição:

Durante o acolhimento da manhã a estagiária e as crianças reúnem-se para cantar os bons dias e contam as suas novidades. No dia anterior tinha sido a visita do Sr. António (o construtor civil) que lhes falou sobre as casas típicas de Valongo e que a sua matéria-prima era a Lousa. Após a canção dos bons dias, uma das crianças levantou o dedo no ar e diz: “ Eu fui a casa da minha avó e pelo caminho encontrei muitas pedras de lousa. Eu trouxe algumas pedras para mostrar aos amigos. Podíamos fazer a nossa casa de lousa com estas pedras” .

Comentário:

A criança L, para além de mostrar o respeito pelas regras da sala, demonstra que esteve atento e apreendeu conhecimentos durante a visita do Sr. António. Esta criança demonstra que estabelece e move os conhecimentos que aprende na sala e faz a ponte com o seu quotidiano. Para além disso demonstra ter criatividade para dar continuidade ao projeto (construção da casa de lousa).

ANEXO 4 – Registo de incidente crítico de 4 de Junho de 2013

Nome da criança: G	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data: 04-06-2013

Descrição:

No acolhimento da manhã do dia 3 de junho a estagiária questionou ao grande grupo o que sabiam sobre os brinquedos de madeira, visto que estes (os brinquedos) são fabricados em Valongo e vendidos por todo o país. Após o diálogo sobre os brinquedos partimos para a pesquisa, onde as crianças descobriram que eram fabricados os brinquedos e outras curiosidades. Posto isto a estagiária pediu ao grupo de crianças que ia “trabalhar” nos brinquedos se podiam trazer de casa alguns brinquedos para que pudessem partilhar e mostrar aos amigos. No dia seguinte a criança G trouxe consigo um carro de madeira. Ela pediu para explicar aos amigos aonde tinha comprado o brinquedo.

Comentário:

A criança G era uma das crianças responsáveis pelo “grupo de trabalho” sobre os brinquedos. Contudo foi a única criança que se lembrou de trazer o seu brinquedo de madeira. Ela não só partilhou o brinquedo como ainda explicou a onde o foi comprar “ fábrica de brinquedos em Valongo” e explicou que era feito de madeira de pinho. O que demonstrou interesse pela atividade e sentido de responsabilidade.

ANEXO 5 – Registo de incidente crítico de 16 de Abril de 2013

Nome da criança: F	Idade: 6 anos
Observadora: estagiária	Data: 16-04-2013

Descrição:

Durante a atividade livre a criança F estava a brincar na área do consultório com mais duas crianças. A criança F dirige-se para uma das crianças e diz: “hoje eu sou o médico e tu vais ser a minha secretária e ela vai ser a senhora que esta doente”.

Comentário:

Através deste registo podemos apreender que a criança F é capaz não só de se envolver no jogo de faz-de-conta com outras crianças, como também é capaz de dirigir e organizar um guião para o jogo.

ANEXO 6 – Registo de incidente crítico de 8 de Maio de 2013

Nome da criança: M	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data:08 -05-2013

Descrição:

Após a hora do recreio, as crianças deslocaram-se até a sala onde posteriormente iriam a casa de banho para fazer a sua rotina de higiene. Posto isto a estagiária pediu à criança I para arrumar alguns brinquedos que estavam desarrumados na área dos jogos e que de seguida íamos lavar as mãos e ir almoçar. A criança M levantou o braço e disse: “ Também posso ir ajudar a I para ser mais rápido?”. A estagiária deixou ambas as crianças arrumarem essa mesma área.

Comentário:

A estagiária ordenou que a criança I fosse arrumar aquela área, pois tinha sido a última criança a sair daquela área. Contudo a criança M mostrou uma atitude de companheirismo e de entreatajuda, pois achou por bem ajudar a sua amiga. Isto revela que a criança interiorizou uma das regras da sala que é “ ajudar os amigos” .

ANEXO 7 – Registo de incidente crítico de 29 de Maio de 2013

Nome da criança: J	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data: 29 -05-2013

Descrição:

Depois o acolhimento da manhã, as crianças foram trabalhar para as diferentes áreas. A criança J estava na área do recorte e colagem. Nesta área as crianças utilizam materiais de desperdício. Após alguns minutos de recorte a mesa estava cheia de papel de jornal. A criança J deslocou-se até à estagiária e disse: “ posso por estes papéis de jornal no nosso papelão? Eu em casa também faço reciclagem, porque o planeta está a morrer e nós temos de o ajudar” .

Comentário:

Esta criança revela ter consciência de que a natureza deve ser respeitada e que existem formas de ajudar a não poluir. Revela que no seu quotidiano também exerce estas boas práticas e reconhece o papelão como local onde se coloca todo tipo de papel.

ANEXO 8 – Registo contínuo de 29 de Maio de 2013

Nome da criança: N	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data: -0-2013

Contexto de observação: Sala de atividades no início da atividade do postal para o aniversário da instituição.

Observação:

A estagiária diz à criança N que o dia do aniversário da instituição esta a chegar e que é necessário começar a fazer a prenda (o postal), para oferecer à instituição. A estagiária pergunta a criança qual a cor que quer utilizar para pintar o postal. A criança responde que quer a cor verde apontando com o dedo indicador para o guache rosa.

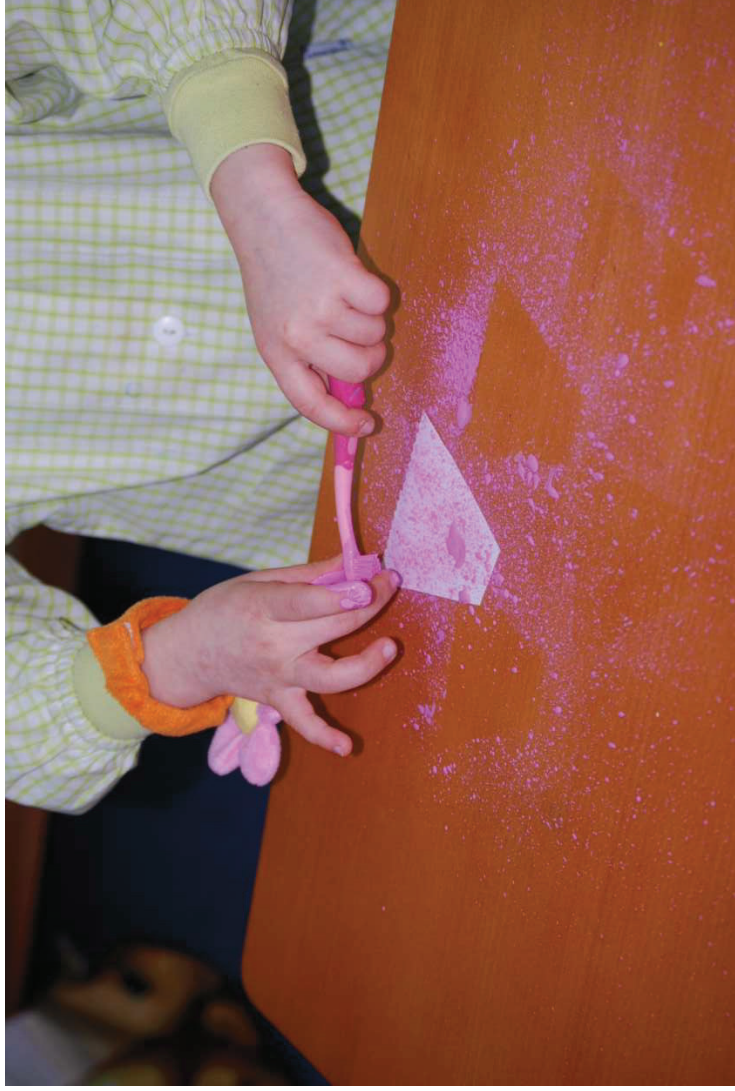
A criança dirige-se para a mesa de pintura e começa a pegar no postal e a virar de um lado para o outro e pergunta à estagiária: “ de que lado é para pintar o postal?”. A estagiária diz-lhe que é para pintar do lado onde está o desenho. A criança rapidamente vira o postal com o desenho virado para cima, e diz “já ta!”.

A estagiária coloca o guache num recipiente e coloca-o em frente à criança. A criança pergunta: “vamos pintar com o quê?”. A estagiária responde: “queres pintar com o pincel, esponja ou escova dos dentes?”, Ela responde a rir: “com a escova dos dentes!”. A estagiária torna a questionar: “ porque que escolhes-te esta técnica?”, Criança: “porque deve ser o mais divertido! Eu nunca pinte com uma!”. Então vamos aprender uma nova técnica para pintar.

A estagiária dá as indicações e a criança segue-as. “Primeiro pegas na escova e mergulhas dentro da tinta”. A criança pega na escova com a mão esquerda e coloca dentro do recipiente. “A seguir retiras a escova e passas com um dedo nos pelos da escova”. A criança com o seu dedo indicador direito mexe lentamente na nos pelos da escova. “Tens de fazer com mais força para marcares mais a tinta”. A criança desta vez mexe com mais força e salpica tinta para a cara. Ela começa-se a rir e diz: “ já está, já acabei! Posso ir lavar as mãos e a cara?”.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Técnica da escova de dentes



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Resultado final do postal



Comentário:

Através desta situação podemos verificar que a criança N tem opinião própria e gosta de participar em atividades às quais não está habituada. é uma criança alegre e que tem sentido de humor e gosta de apostar em novas situações. Através deste texto sabemos que a criança é esquerdina.

ANEXO 9 – Amostragem de Acontecimentos da permanência nas áreas.

Objetivo da observação:	Verificar a frequência nas áreas
Grupo:	25 Crianças
Data:	20 de março de 2013
Tempo de observação:	20 Minutos
Observador:	Estagiária

10:30 10:35 10:40 10:45 10:50

Áreas da sala

Biblioteca	
Camarim	A; J; P;
Consultório médico	C; D; F;
Expressão plástica	K; L; M; N; O; V; X; Z
Jogos	E; G; T;
Mercearia	R; S
Pintura	B; H; I; Q; U;
Oficina	F; C

Objetivo da observação:	Verificar a frequência nas áreas
Grupo:	25 Crianças
Data:	27 de março de 2013
Tempo de observação:	20 Minutos
Observador:	Estagiária

Áreas da sala 10:30 10:35 10:40 10:45 10:50

Biblioteca	
Camarim	J; P B; U
Consultório médico	C; D; F;
Expressão plástica	K; L; M; Z G; T;
Jogos	E; N; O; V; X;

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Mercearia	R;S	C
Pintura	B; H; I; Q;	F;
Oficina	U; A;	

Comentário:

Através destes registos de observação podemos verificar que por norma é um grupo coerente nas suas escolhas. A grande parte das vezes permanece nas áreas que escolheram. Podemos verificar que a área da biblioteca é a única área a não ser frequentada e que a área mais visitada é a área da expressão plástica e a da pintura.

ANEXO 10 – PIP ao nível do ambiente físico

Nome do programa: PIP	Avaliador: estagiária
Data da 1º implementação: 4 de Março	Data da 2º implementação:

Indicadores de avaliação	1º	2º
1. Sala dividida em áreas de trabalho bem definidas	3	
2. Espaço de trabalho adequado em casa	3	
3. Sala segura e bem conservada	3	
4. Materiais ordenados e etiquetados	1	
5. Materiais adequados para as várias crianças	3	
6. Variedade de materiais reais à disposição	3	
7. Materiais acessíveis às crianças	3	
8. Equipamento de grandes músculos à disposição	3	
9. Materiais desenvolvem consciência de diferenças	3	
10. Materiais promovem o desenvolvimento em todas as áreas.	3	

Nota: A avaliação foi só feita uma única vez visto que o espaço (áreas) não poderia ser modificado. Desse modo não pode ser feita uma comparação entre o espaço com que a estagiária se deparou no início do estágio e como gostaria de modificar.

Interpretação da escala nos diferentes indicadores:

1. Sala dividida em áreas de trabalho bem definidas		
1	Não há áreas de trabalho definidas	3 Divisão rudimentar do espaço (2 ou 3 áreas) com fronteiras definidas por mobiliário
	Notas:	5 Divisão clara do espaço com áreas demarcadas por mobiliário baixo, estantes baixas, fitas, etiquetas.
	Notas:	Só 3 áreas estão bem delimitadas: área mercearia; área do consultório médico e a área da dramatização.
2. Espaço de trabalho adequado em casa		
1	Um espaço de trabalho apertado que limita grandemente a motivação e o número de crianças que pode trabalhar em cada área.	3 Um espaço de trabalho inadequado em algumas áreas limita o número de crianças que pode trabalhar em conjunto
	Notas:	5 Um espaço adequado em todas as áreas permitindo que grupos de crianças trabalhem em conjunto
	Notas:	Todas as áreas têm o espaço limitado, muitas das vezes as crianças tinham de escolher a 2ª ou 3ª hipótese.

3. Sala segura e bem conservada			
1	Há riscos evidentes para a segurança da criança (cantos agudos, garrafas de vidro)	3 Não há riscos evidentes para a segurança, mas os materiais estão em más condições (ex: lascados, partidos, incompletos)	5 Os brinquedos e materiais são seguros e conservados em boas condições. As áreas e os materiais potencialmente perigosos são supervisionados de forma adequada.
Notas: Principalmente na área do desenho os lápis e canetas estão em más condições a grande parte do tempo. Os lápis estão lascados e não têm todas as cores básicas.			
4. Materiais ordenados e etiquetados			
1	Não há qualquer ordem ou critério para a colocação dos materiais; ausência de etiquetas ou poucos materiais etiquetados	3 Itens semelhantes são colocados juntos; as etiquetas são usadas por quase toda a sala; as etiquetas são apenas de um ou dois tipos	5 Os materiais são agrupados por função ou tipo; todos os materiais são etiquetados; é evidente a existência de uma variedade de estratégias de uma variedade de estratégias de etiquetagem (desenhos, quadros, fotografias)
Notas: não existe qualquer tipo de etiquetas nos materiais.			

5. Materiais adequados para as várias crianças		
1	3	5
Materiais limitados em cada área	Materiais suficientes em algumas áreas mas não em todas	Materiais suficientes em todas as áreas
Notas:	Em algumas áreas os materiais eram suficientes para os números de crianças, embora na área das expressões plásticas os materiais fossem bastante escassos.	
6. Variedade de materiais reais à disposição		
1	3	5
Pouca variedade de materiais ou pouca oportunidade de atividade multissensorial em cada área. Poucos objetos reais.	Alguma variedade de materiais e alguma oportunidade de atividade multissensorial em cada área. Alguns objetos reais (roupa para as crianças se mascararem, utensílios de cozinha).	Larga variedade de materiais e amplas oportunidades para atividades multissensoriais; muitos objetos reais (livros, roupas, ferramentas, gravadores, aparelhos); materiais não estruturados (capsulas de garrafas, tiras de papel, embalagens de iogurte).
Notas:	Na área da dramatização estes materiais estavam disponíveis. (roupa e utensílios como caixas e bijuteria).	

7. Materiais acessíveis às crianças		
1	3	5
Os materiais não estão facilmente ao alcance das crianças ou são entregues pelos adultos	Alguns materiais estão ao alcance das crianças	Todos os materiais estão ao alcance das crianças nos períodos previstos para tal na rotina diária.
Notas:	As tabelas de dupla entrada como o do tempo ou cronológica não estavam a altura das crianças; as tintas também não estavam e alguns dos materiais como as caixas dos pinceis ou da cola era abertos pela estagiária devido à dificuldade em abrir.	
8. Equipamento de grandes músculos à disposição	3	5
Nenhum ou limitado equipamento para encorajar o exercício dos grandes músculos (levantar, trepar, empurrar/puxar).	Quantidade moderada de equipamentos para encorajar o desenvolvimento dos grandes músculos.	Muitas peças de equipamento para encorajar o desenvolvimento dos grandes músculos.
Notas:	Fora da sala, no espaço exterior continha um escorrega, uma rampa para treparem.	

9. Materiais desenvolvem consciência de diferenças		
1 Nenhum ou poucos materiais que reflitam as diferenças de culturas, de ambientes, de vivências, de capacidades físicas.	3 Alguns materiais refletem essas diferenças.	5 Muitos materiais refletem essas diferenças, (livros, comida, utensílios de cozinha, roupas, fotografias das casas e famílias das crianças, cadeiras de rodas de criança, caixa de adereços, ferramentas para diferentes profissões, musica).
Notas:	Alguns refletiam: área da dramatização e a área da mercearia. Embora a quantidade não fosse muita.	
10. Materiais promovem o desenvolvimento em todas as áreas.		
1 Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em apenas duas das áreas acima referidas	3 Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em metade das áreas acima referidas	5 Os materiais são usados para proporcionar oportunidades em todas as áreas acima referidas.
Notas:	Área da dramatização e a área da mercearia. Embora a quantidade não fosse muita.	

ANEXO 11 – Registo do Portefólio da Criança

Área de conteúdo: conhecimento do mundo

Tipo de registo: pintura e colagem

Data do registo de observação: 28/02/2013

Momento do dia: manhã

Intervenientes: Sérgio e estagiária

Escolha realizada por: estagiária



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Descrição: na construção para o fantoche “o cavaleiro” foi proposto às crianças que fizessem a pintura do cavaleiro. e de seguida a respetiva dobragem do chapéu do cavaleiro.

Dialogo:

- Está a ficar muito bonito o teu desenho, estas a desenhar o sol e a chuva?
- Sim porque quando está sol e chuva a seguir vem arco-íris.

Indicadores de desenvolvimento:

Saberes Científicos:

- Meteorologia

Expressão Motora:

- Motricidade Fina

Expressão Plástica:

- Construção Tridimensional

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Área de conteúdo: conhecimento do mundo

Tipo de registo: fotográfico

Data do registo de observação: 21/03/2013

Momento do dia: manhã

Intervenientes: Sérgio e estagiária

Escolha realizada por: estagiária

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Descrição: no dia em que chega a primavera os meninos da sala dos 4/5anos foram plantar um gladiolo. Neste momento o Sérgio está a plantar o seu bolbo.

Diálogo:

- Já sabes quais são as fases para plantarmos o teu bolbo?
- Sim! É primeiro a terra, depois isto (apontando para o gladiolo).
- E como se chama este bolbo? É um gladi...?
- Gladiolo!
- Boa! E mais? Que fazemos agora?
- Depois outra vez terra e no fim um pouquinho de água!
- Muito bem Sérgio! Agora já podes plantar mais flores.

Comentário da estagiária: O Sérgio demonstra saber o processo de plantação e utiliza vocábulos adequados.

Indicadores de desenvolvimento:

Saberes Científicos:

- Biologia

Linguagem:

- Oralidade

Expressão Motora:

- Coordenação oculo-manual;

Área de conteúdo: área da formação pessoal e social

Tipo de registo: fotografia

Data do registo de observação: 2013

Momento do dia: manhã

Intervenientes: Sérgio e estagiária

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Escolha realizada por: estagiária



Descrição: No início da manhã, como rotina, as crianças sentam-se há mesa e comem o pão.

Comentário da estagiária: O Sérgio é capaz de autonomamente se sentar e comer o pão. Senta-se com uma boa postura e reconhece a rotina da manhã.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Indicadores de desenvolvimento:

Educação para os valores /cidadania

- Responsabilização
- Autonomia
- Conhecimento das rotinas

Comentário:

Neste três exemplos de amostras do portfólio, acima referidos, podemos constatar que a criança vai apreendendo e consolidando aprendizagens ao longo do pré-escolar. São nestes pequenos momentos que ficam registrados as aprendizagens mais significativas da criança.

Nota: Para ver mais evidências consultar o portfólio da criança.

ANEXO 12 – Início do Projeto Lúdico

Data de início: janeiro

Data de término: junho

Motivação intrínseca

O estágio deu início no dia 14 de Fevereiro. Contudo o projeto lúdico já estava em decurso, não sendo possível iniciar um projeto de raiz.

O projeto lúdico desenvolvido na sala dos 4/5 anos surgiu com a entrega dos postais de natal a comunidade de Valongo. Cada grupo de criança foi responsável pela entrega de postais a um serviço comunitário (hospital, correios, policia, bombeiros etc), no fim cada grupo de crianças partilhou a informação do serviço ao qual foi entregar o respetivo postal. A partir daí surgiu a curiosidade de saber mais sobre a própria comunidade – Valongo.

Para saber sobre Valongo as crianças pesquisaram sobre a sua terra e descobriram a lenda de Valongo. Elaborarão o registo da lenda e deram início à construção dos fantoches, (personagens da lenda). Com a chegada da estagiária as crianças explicaram o seu projeto e a lenda, disseram também que Valongo era conhecido pela terra da lousa, dos biscoitos e da regueifa. Com esta informação e com o intuito de aprofundar e dar asas ao projeto de sala, a estagiária questionou as se conheciam de que forma a lousa era utilizada na nossa terra. As crianças falaram dos quadros lousa da escola, (os registos foram todos elaborados no formato de um quadro de lousa, aproveitando esta ideia da criança). Outras disseram que tinham visto em casas e nos muros. Esta exploração e troca de informações culminaram na vontade de construir uma “Casa típica de Valongo”, e de aprender mais sobre as construções da casa.

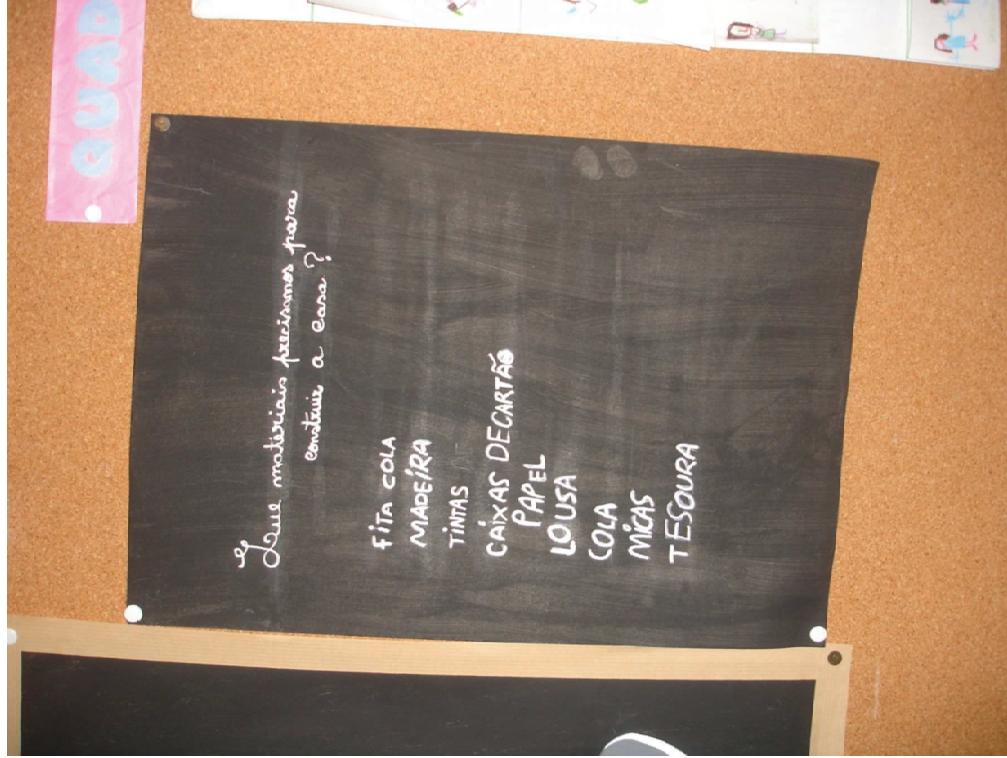
1. Fase do Projeto – formação de grupos de trabalho: A Casa de Valongo.

Depois das crianças enumerarem as fases da construção da casa e dos materiais a serem utilizados, procedeu-se à formação de grupos de trabalho respetivos a cada fase da construção da casa.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Para a elaboração da casa as crianças disseram que nunca tinham construído uma casa, e que devia de ser um pouco difícil. Então a estagiária aproveitou esta situação – problema para introduzir a personagem Sr. António. de forma a explicar e construir a casa de uma forma lúdica .



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Após a visita do Sr. António, as crianças acharam importante fazer o registo de aprendizagem sobre o construtor civil (descoberta de uma nova profissão). A partir daí deu-se início à construção da casa.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Início da construção da Casa Típica de Valongo



caixa).

Início da construção da casa (cortar e forrar a

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



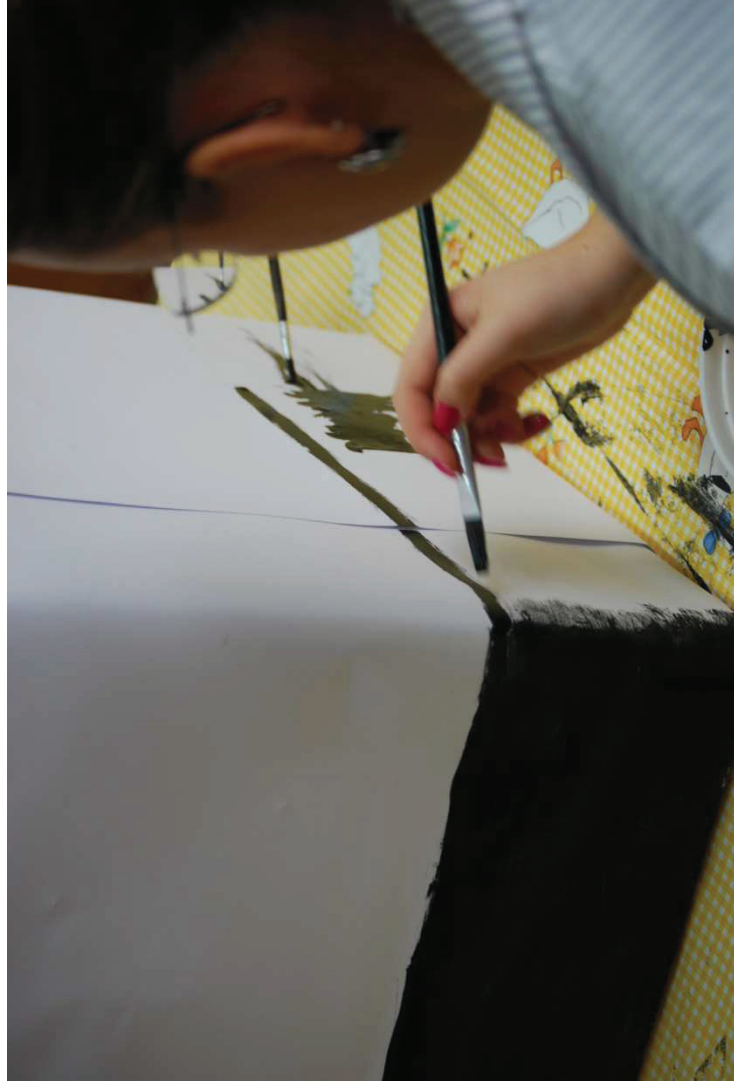
Construção das janelas e portas

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Construção das janelas e portas

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Pintura da parte de baixo da casa

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Pintura das janelas

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Pintura da porta da casa

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Colagem das pedras de lousa

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



lousa

Acabamento da colagem com as pedras de

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Casa de Valongo finalizada

Após a construção exterior da casa, as crianças questionaram, porque que a casa não tem moveis. A estagiária questionou às crianças quais as divisões da casa e o que gostavam de colocar em cada divisão.

Continuando na mesma linha anterior, a estagiária teve a ideia de inserir uma nova personagem, com o intuito de dar a conhecer uma nova profissão “ o arquiteto”. Após a presença do arquiteto elaborou-se o registo sobre a profissão e deu-se início à construção da planta da “Casa de Valongo” .

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



O arquiteto a mostrar um exemplo de uma planta de uma casa.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Registo sobre a profissão: o arquiteto



O QUE É UM ARQUITETO?
A PALAVRA ARQUITETO VEM DO GREGO QUE
SIGNIFICA "O CONSTRUTOR PRINCIPAL"
(ARQUI = PRINCIPAL / TEKHNIKA = CONSTRUÇÃO)
UM ARQUITETO É UM SABER QUE SE ENTRA
AS UNAS E OS PÉS (EDGAR)
ELE DECORRE O PROJETO, PARA LÉVE-LO
CONSTRUIREM AS CRIANÇAS (PROTECTOR)
ALGUM QUE TEM COMO PROFISSÃO IDENTIFICAR
E PROJETAR EDIFÍCIOS. TAMBÉM DE PROJECE
A SUA CONSTRUÇÃO (ESTABILIDADE).

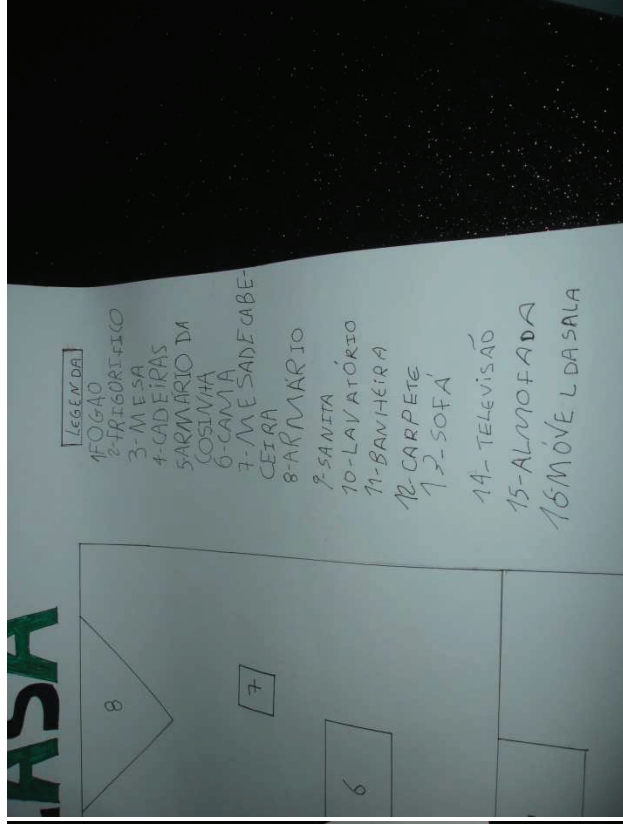
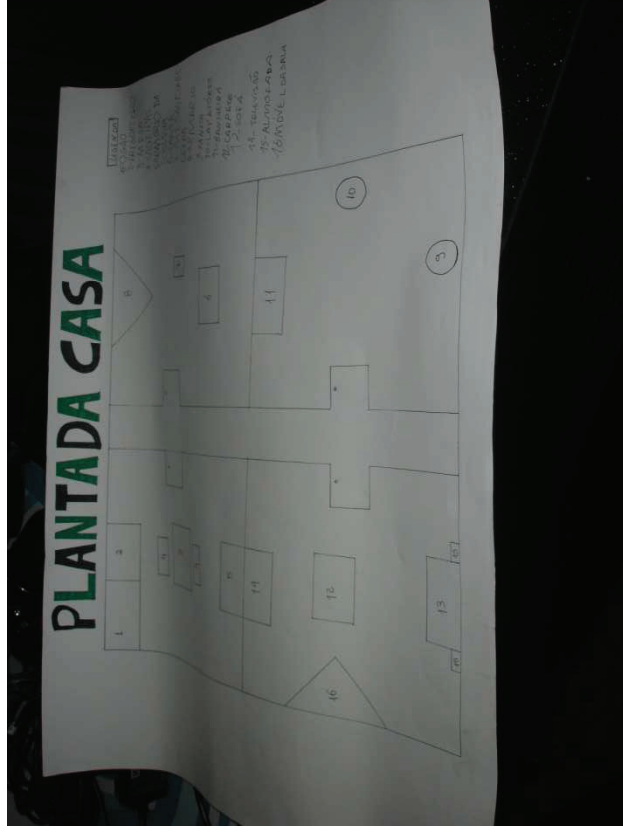
PARA QUE SERVE A PLANTA DE
UMA CASA?
PARA SABERMOS ONDE COLOCAR OS
MÓVEIS DA CASA (PROTECTOR)
PARA RECEBER MELHOR O QUE A CASA TEM
(COLUNA)
PARA O CONSTRUTOR SABER, SABER O QUE
VÁZ TER DE FAZER (EDGAR)

(EDGAR)
É ONDE ESTÁ O PROJETO DESEJADO DO QUÊ
(PROTECTOR)
É O DESEJO DO CONSTRUTOR DE PROJETO
O QUE É UM PROJETO DE PROJETO?

QUE MATERIAIS SÃO NECESSÁRIOS
PARA A CONSTRUÇÃO DA CASA DA CASA?
• LÁPIS (COLUNA)
• CANETAS (PROTECTOR)
• BORRACHA (EDGAR)
• CARTOLINA (PROTECTOR)
• RÉGUA (EDGAR)
• ESQUADRO (ESTABILIDADE)

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Planta da casa de Valongo



A planta da casa teve como objetivo a organização do espaço interior da casa: divisão das 4 áreas (quarta, cozinha, casa de banho e sala). Cada forma geométrica tinha um significado: os triângulos e retângulos são os armários, os quadrados as mesas e cadeiras por fim os círculos é a sanita e o lavatório.

2. Fase do Projeto – formação de grupos de trabalho: Os vários Serviços Comunitários em Valongo

Para o arranque deste novo projeto a estagiária, na hora do conto lê a história: “Viver em comunidade” – José Fanha. Com o intuito de alertar para o saber - estar e saber – fazer. O grande objetivo foi passar a mensagem de que não estamos sozinhos (descentração) e que precisamos todos uns dos outros porque vivemos numa sociedade A atividade foi realizada na biblioteca da sala. Como estratégia lúdica, a estagia ria criou a **Caixinha surpresa**: com o objetivo de motivar ainda mais as crianças, a estagiária criou uma caixa mágica. Nessa caixa podem sair vários objetos ou musicas, pode até mesmo, “ guardar o silêncio”. Neste caso da caixa mágica saiu um novo personagem que é um ratinho chamado Frederico. Este ratinho é a personagem principal de toda a história.



Nota: A última imagem do lado direito: é uma ratinha feita por uma criança pois ela achou que também poderia criar personagens e fazer novas histórias.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Divisão das tarefas:

Serviços comunitários							
Moinho	Padaria	Fábrica Paupério	Polícia	Hospital	Bombeiros	Fanfarra	Fábrica de brinquedos
E; F; L; U	D; K; M	A; J; S	C; i; N; V	H; O; P; R; X	B; Q; T; Z	Todos	Todos

Após a divisão de tarefas deu-se início à construção de cada serviço. O primeiro foi o moinho. A planificação desta atividade demonstra todo o percurso que foi feito durante esta atividade.

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
- Diálogo sobre moinhos: a estagiária conversa com as crianças sobre os moinhos e questiona-as quanto a sua forma, os seus materiais, e a sua função. A partir dos seus conhecimentos demos início à pesquisa.	Recursos humanos: - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças	- Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa;

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>- Pesquisa sobre os moinhos: após a descoberta da existência de moinhos em Valongo. As crianças irão pesquisar sobre o tipo de moinhos que existem na nossa serra.</p> <p>- Registro das descobertas: depois de saberem que são os moinhos de água, as crianças irão registrar todas as aprendizagens. As suas características e as suas funções.</p> <p>- Construção do moinho: através da pesquisa e das imagens encontradas as crianças fazem uma réplica do moinho de água.</p>	<p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none">- Computador.- Caixa de cartão;- Tintas;- Pinceis;- X-ato;- Cola quente;- Rolas;- Palitos.	<p>- Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade;</p> <ul style="list-style-type: none">- Distinguir as diferenças entre o moinho de água e o moinho de vento;- Conhecer a funcionalidade do moinho;- Construir uma réplica do moinho;- Desenvolver a sua motricidade fina;- Ter capacidade de expressão e comunicação;- Adquirir e utilizar os vocábulos adequados.
---	---	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Fotografias da construção do moinho:



A próxima etapa foi a construção da padaria

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre a padaria: após a elaboração do moinho, a estagiária questiona as crianças para onde irá a farinha dos moinhos? O que é feito com essa farinha? Como se chama a profissão da pessoa que faz o pão? Quais são as suas ferramentas? Como se vestem os padeiros? Se conhecem alguma padaria de Valongo? A partir dos seus conhecimentos daremos início à pesquisa.</p> <p>- Pesquisa sobre a padaria: após o diálogo as crianças partem à descoberta da existência de algumas padarias de Valongo. As crianças irão pesquisar sobre a sua funcionalidade e sobre a profissão “o padeiro”.</p> <p>- Registo das descobertas: depois de saberem que é uma padaria e o que faz um padeiro, as crianças irão registar todas as aprendizagens. As</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Caixa de cartão; - X-ato; - Tintas; - Lápis de cor; - Régua; - Lápis de carvão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade; - Conhecer a profissão “padeiro”; - Conhecer a funcionalidade de uma padaria; - Construir uma réplica da padaria; - Desenvolver a sua motricidade fina; - Ter capacidade de expressão e comunicação; - Adquirir e utilizar os vocábulos adequados.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

suas características e as suas funções.

- **Construção da padaria:** através da pesquisa e das imagens encontradas as crianças fazem uma réplica da padaria “Santa Justa” – Valongo.

Fotografias da construção da Padaria S. Justa:



Construção da Fábrica Paupério

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre a Fábrica Paupério: após a elaboração da padaria, as crianças mencionam que a farinha serve para fazer regueifas e pão mas também serviam para fazer bolos e bolachas. A estagiária questiona as crianças se conhecem alguma fábrica de bolachas em Valongo? Que tipos de bolachas são produzidas? Se são conhecidas ou não? Se já foram lá comprar? A partir dos seus conhecimentos daremos início à pesquisa.</p> <p>- Pesquisa sobre a Fábrica Paupério: após o diálogo as crianças partem à descoberta da fábrica Paupério em Valongo. As crianças irão pesquisar sobre a sua origem, a funcionalidade e quais os produtos que dispõe.</p> <p>- Registro das descobertas: depois de saberem a história da fábrica Paupério, as crianças irão</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Caixa de cartão; - X-ato; - Tintas; - Lápis de cor; - Régua; - Lápis de carvão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade; - Conhecer a fábrica tradicional de bolachas “Paupério”; - Conhecer alguns dos seus produtos; - Construir uma réplica da fábrica Paupério; - Desenvolver a sua motricidade fina; - Ter capacidade de expressão e comunicação;

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>registar todas as aprendizagens.</p> <ul style="list-style-type: none">- Construção da Fábrica Paupério: através da pesquisa e das imagens encontradas as crianças fazem uma réplica da Fábrica Paupério de Valongo.		<ul style="list-style-type: none">- Adquirir e utilizar os vocábulos adequados.
--	--	---

Fotografias da construção da fábrica:



A próxima construção foi a polícia:

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre a polícia: um dos serviços comunitários referidos pelas crianças foi a polícia. Para que as crianças pudessem falar e interrogar todas as suas dúvidas e curiosidades, resolvemos (educadora) envolver dois pais, pois são polícias de segurança pública.</p> <p>- Pesquisa sobre a Polícia: após o envolvimento parental as crianças e de terem esclarecidas as dúvidas, partem à descoberta da esquadra de Valongo. As crianças irão pesquisar sobre a sua origem, a funcionalidade.</p> <p>- Registo das descobertas: depois de adquiridas as aprendizagens sobre a esquadra e a função da polícia de segurança pública, as crianças irão registar todas as aprendizagens.</p> <p>- Construção da esquadra da polícia: através da pesquisa e das imagens encontradas as</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Caixa de cartão; - X-ato; - Tintas; - Lápis de cor; - Régua; - Folhas de gelatina; - Lápis de carvão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade; - Conhecer a fábrica tradicional de bolachas “Paupério”; - Conhecer alguns dos seus produtos; - Construir uma réplica da fábrica Paupério; - Desenvolver a sua motricidade fina; - Ter capacidade de expressão e comunicação;

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

crianças fazem uma réplica da esquadra de
Valongo.

- Adquirir e utilizar os vocábulos
adequados.



Após a elaboração da política segue-se a construção do hospital.

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre o hospital: outro dos serviços comunitários referidos pelas crianças foi o hospital. Ante da pesquisa a estagiaria pergunta as crianças sobre o que sabem sobre o hospital? Quem lá trabalha? Quais as suas funções? De que serviços dispõe?</p> <p>- Pesquisa sobre o hospital de Valongo: de seguida o grupo responsável pelo hospital faz a pesquisa sobre a sua origem, os serviços que dispõe à comunidade.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Livro; - Dicionário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa; - Adquirir e utilizar os vocábulos adequados; - Conhecer algumas profissões relacionadas com o hospital; - Conhecer a importância do hospital numa sociedade.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Fotografias:



Construção do Quartel dos Bombeiros.

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre os bombeiros: um dos serviços comunitários referidos pelas crianças foram os bombeiros. Ante da pesquisa a estagiária questiona as crianças sobre o que sabem sobre os bombeiros?</p> <p>- Pesquisa sobre os bombeiros: de seguida o grupo responsável pelos bombeiros faz a pesquisa sobre a sua origem, a funcionalidade.</p> <p>- Registo das descobertas: depois de adquiridas as aprendizagens sobre o quartel dos bombeiros e as suas funções, as crianças irão registar todas as aprendizagens.</p> <p>- Construção do quartel dos bombeiros: através da pesquisa e das imagens encontradas as crianças fazem uma réplica do quartel dos bombeiros voluntários de Valongo.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Caixa de cartão; - X-ato; - Tintas; - Lápis de cor; - Régua; - Pinceis; - Lápis de carvão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar o gosto pela pesquisa e pela investigação; - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade; - Conhecer o “quartel dos bombeiros voluntários de Valongo”; - Conhecer a profissão “os bombeiros”; - Construir uma réplica do quartel dos bombeiros; - Desenvolver a sua motricidade fina; - Ter capacidade de expressão e comunicação; - Adquirir e utilizar os vocábulos adequados.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Construção do Quartel dos Bombeiros de Valongo



Construção das Boinas verdes (fanfarra de Valongo).

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Diálogo sobre as boinas verdes: com o intuito de transmitir alguns costumes da nossa cidade a estagiária questiona as crianças sobre a Fanfarra de Valongo - Os “Boinas Verdes”. Após as questões a estagiária mostra algumas curiosidades sobre os “Boinas Verdes”.</p> <p>- Construção das Boinas Verdes: após a descoberta, as crianças fazem a dobragem das “Boinas Verdes” e pintam com a técnica da esponja.</p> <p>- Sessão de movimento: nesta sessão de movimento as crianças terão de imitar tudo o que a estagiária faz.</p> <p>Em 1º lugar a estagiária coloca a música da fanfarra “Boinas Verdes” e apresenta alguns passos que são utilizados pelos mesmos. Como por exemplo: a marcha, o levantar as mãos para</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Folha de papel; - Esponja; - Tinta verde. 	<p>Intenções Pedagógicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reter informação; - Trabalhar a criatividade; - Trabalhar o ritmo; - Respeitar as regras. - Trabalhar a capacidade auditiva; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

cima e para baixo, alternar os braços para cima e para baixo.



Construção das réplicas dos brinquedos de madeira.

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>Diálogo sobre os brinquedos de madeira:</p> <p>com o intuito de transmitir alguns costumes da nossa cidade a estagiária questiona as crianças sobre os brinquedos de madeira. Após as questões a estagiária mostra algumas imagens dos</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças 	<ul style="list-style-type: none"> - Reter informação; - Trabalhar a criatividade; - Valorizar as tradições culturais do seu meio e da sua cidade; - Conhecer alguns brinquedos de

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>brinquedos que se fabricam em Alfena e em Ermesinde.</p> <p>- Construção dos brinquedos: como é difícil de construir brinquedos de madeira a estagiária propõe às crianças que façam brinquedos com massa de modelar.</p> <p>As crianças podem-se basear nas imagens que a estagiária apresentou ou então poderão criar elas próprias os seus brinquedos.</p> <p>- Registo das descobertas: depois das descobertas as crianças registam as suas aprendizagens. Seguindo o mesmo padrão dos registos anteriores.</p>	<p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none">- Computador;- Massa de modelar;- Cartolina;- Tinta preta.	<p>madeira;</p> <ul style="list-style-type: none">- Trabalhar com a massa de modelar.
--	---	---

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Fotografias: as réplicas são feitas com massa de moldar e posteriormente são pintadas a gosto com guache.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Final do Projeto – A Maquete da Cidade de Valongo

No final do projeto todas as construções foram colocadas na maquete que representa a cidade de Valongo. Nessa maquete também continha as construções dos pais. Pois estes colaboraram desde o início do projeto. Ao lado da maquete encontravam-se todos os registros elaborados durante a construção das réplicas, com o intuito de mostrar o que as crianças aprenderam e pesquisaram sobre cada um deles (serviços).

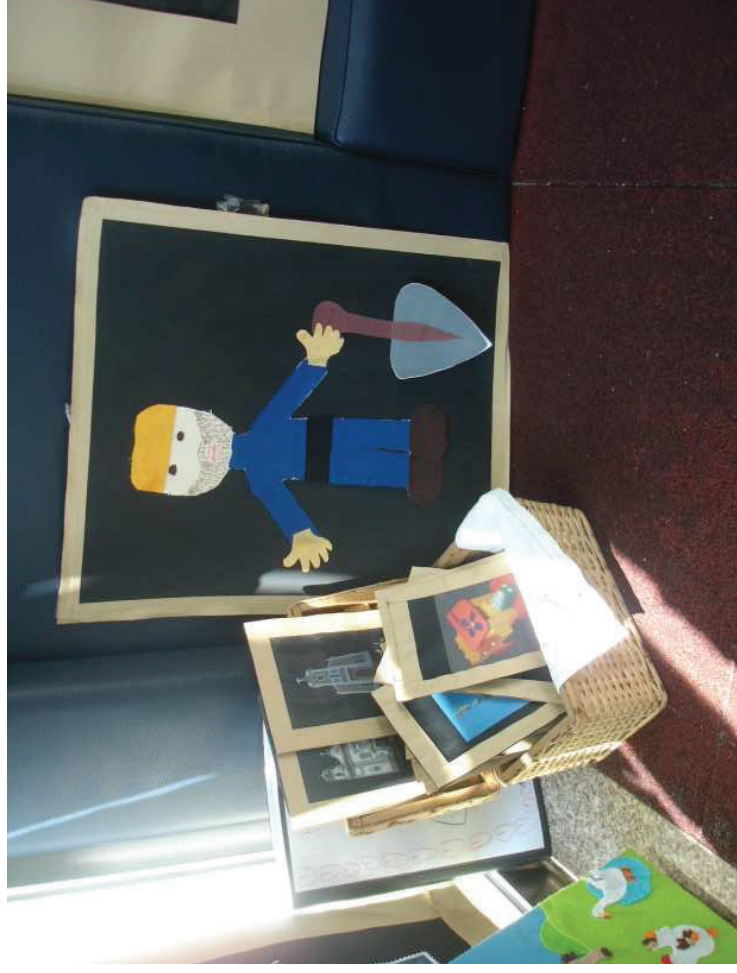


Maquete de Valongo (exposição).

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Registos

Durante as planificações todas elas fazem referência aos registos e à divulgação das aprendizagens. Estes são os registos elaborados ao longo do projeto. À medida que um grupo ia acabando o registo, esse ficava responsável pela divulgação do trabalho ao restante grupo.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

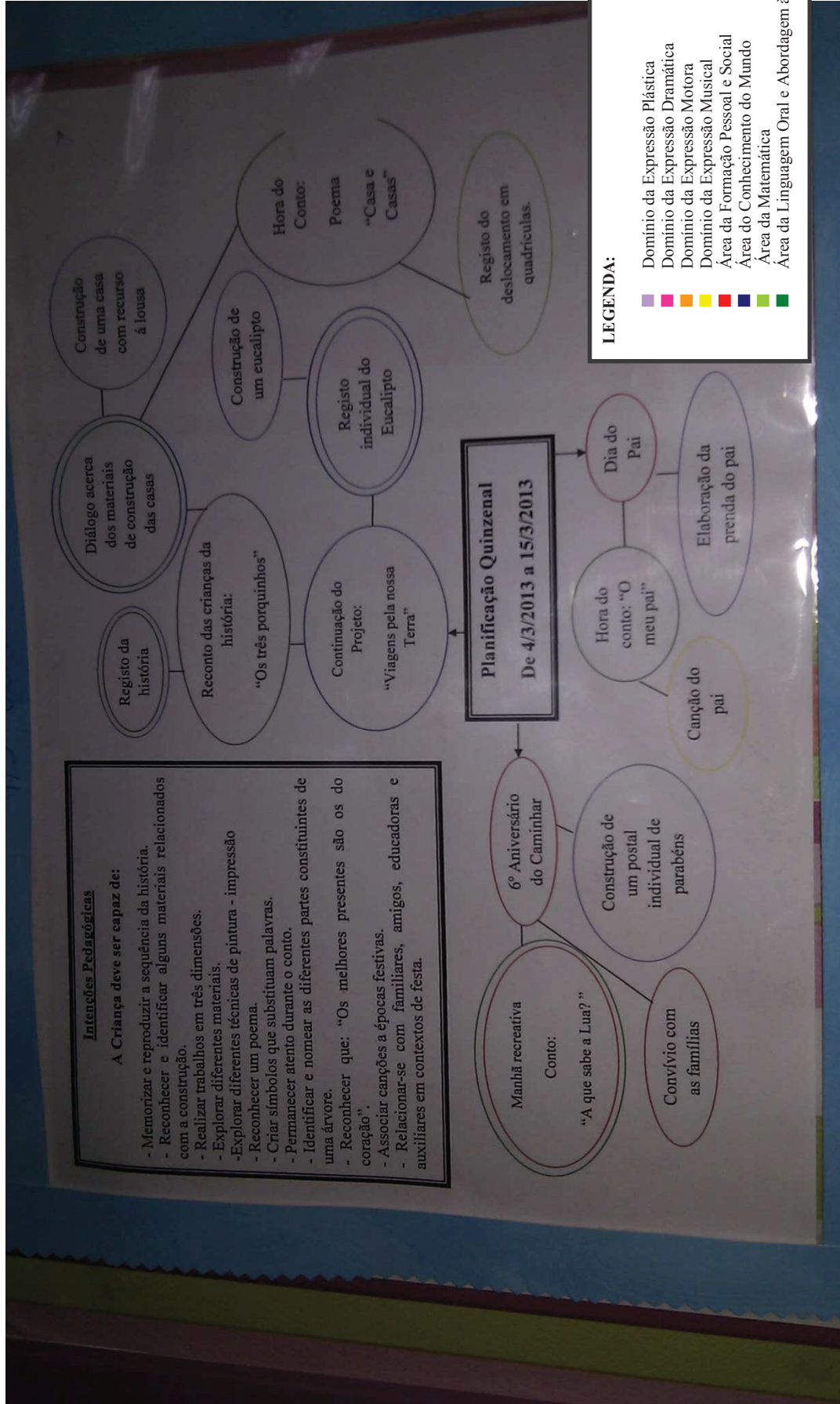
ANEXO 13 – Rede Curricular



Legenda: círculos – atividades elaboradas pela comunidade educativa; retângulos – atividades elaboradas com a comunidade – atividades elaboradas pelos pais.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Planificação em teia



ANEXO 14 – REGISTO DE INCIDENTE CRITICO DE 22 DE MAIO DE 2013

Nome da criança: B	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data:22 -05-2013

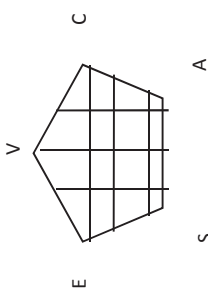
Observação:

Durante a hora do conto a estagiária retirava da caixa surpresa, o boneco – personagem principal da história. Durante a história “Viver em Comunidade” a personagem era um ratinho. Nesse momento e de forma a cativar a atenção das crianças a estagiária fazia de conta que o ratinho falava com ela ao ouvido. Quando a estagiária achava que o comportamento das crianças, na hora era bom, a estagiária passava o boneco pelas crianças. A criança B quando pega o boneco, encosta-o ao ouvido e diz: “ele não diz nada!” a estagiária responde: é a fazer de conta, temos de imaginar. Ao que a crianças responde: mas ele não fala comigo.”.

Comentário:

Nesta observação é claro de verificar que a criança ainda se encontra numa fase de animismo. Pois ela atribui vida aos objetos.

ANEXO 15 REGISTO DA AULA DE MOTORA DE 2 DE ABRIL DE 2013

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>Sessão de movimento: “Viajar por Valongo”.</p> <p>Ativação geral: Ao som da música as crianças dão início à sua corrida livre. Quando a estagiária para a música as crianças devem ficar numa determinada posição, respeitando as seguintes regras: 1- deitar no chão; 2- saltar a pés juntos e 3 – saltar só com um pé.</p> <p>Parte fundamental: Esta tarefa desenvolve-se a partir de uma figura desenhada no chão, com fita adesiva.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>O Jogo chama-se “Viajar por Valongo”. Esta atividade será realizada em grande grupo, faixa etária os 4 e 5 anos. O jogo é realizado com</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rádio; - Cd de música; - Cartão com um percurso. 	<ul style="list-style-type: none"> - A criança deve ser capaz de correr, saltar a pé juntos e saltar só num pé; - A criança deve ser capaz de parar, seguir vários ritmos e direções; - Socializar, de compreender e aceitar as regras; - Tomar consciência do corpo em relação ao exterior ex: esquerda, direita, frente e atrás. Sem ponto de referência; - Aprender as relações no espaço relacionadas com a matemática ex: dois passos; para a direita; - A criança deve ser capaz de se deslocar no espaço; - Tomar consciência do esquema corporal (postura);

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>uma criança de cada vez. A estagiária fica na pose de um cartão com o percurso a seguir e deve dar à crianças as orientações necessárias (de acordo com o cartão) para que este alcance o ponto de chegada.</p> <p>Retorno à calma: A estagiária coloca uma música calma que remeta a imaginação para um local com árvores e vento.</p> <p>As crianças ficam sentadas no chão com as pernas há chinês e devem ficar afastadas umas das outras para não se magoarem.</p> <p>Dialoga-se com as crianças sobre a postura de pinheiro, que o seu tronco é direito rígido e forte, que</p>		<p>- Trabalhar o posicionamento das costas;</p> <p>- Aprender a relaxar cabeça, ombros e braços;</p> <p>- Aprender a controlar a respiração.</p>
<p>os seus ramos são flexíveis, etc;</p> <p>De seguida as crianças levantam-se como se fossem pinheiros e dá-se a oportunidade às crianças de tentarem recriar um pinheiro e posteriormente verificar se a postura é a mais</p>		

<p>correta e explicar os aspectos positivos e negativos da postura;</p> <p>Depois disto, as crianças fazem de conta que os seus braços são ramos e então estão prontas para que os seus ramos cresçam lentamente;</p> <p>Seguidamente baloçam os dois braços para a frente e para trás, mantendo a postura sempre correta, como se estivesse vento;</p> <p>A posição do vento é pés e costas direitas, ombros flexíveis e os braços devem baloiçar suavemente, as ancas devem acompanhar o movimento;</p> <p>Por último deve-se reduzir o movimento e voltar à posição inicial de pinheiro.</p> <p>- Avaliação da atividade: após a atividade a estagiária através de uma grelha de observação faz a avaliação da atividade.</p>		
--	--	--

ANEXO 16 – REGISTO DE INCIDENTE CRITICO DE 10 DE ABRIL DE 2013

Comentário:

Durante o recreio a criança U bateu na criança J. a criança J dirigui-se à estagiaria e disse: “a U bateu-me. A estagiária chama a outra criança e diz: “ tu sabes as regras da sala temos de ser amigos uns dos outros. Porque que bates-te no teu amigo?”. A criança U responde: porque ele não me dava o brinquedo. Estagiária diz: “ele estava primeiro com ele por isso tu tens de esperar. E não existe nenhum motiva para bater em ninguem, primeiro falas com o amigo e depois vens falar comigo. Não se bate em ninguem. Pede desculpa ao amigo se faz favor”. A criança cruzou os braços e olhou para o chão. Após alguns minutos a criança U continuou sem pedir desculpa. E a estagiária mandou-o sentar ao lado dela. Ficando assim sem ir brincar.

Observação:

A criança revela que não tem maturidade suficiente para pedir desculpa. Contudo estas reações são típicas em quase todo o grupo.

ANEXO 17 – Planificação

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>Início do projeto “A casa de lousa”: Depois de explorar as diferentes construções de casas e dos seus materiais, a estagiária questiona sobre a construção das casas de Valongo, que características têm, de que materiais são feitas.</p> <p>Dando início à pesquisa sobre a casa típica de Valongo.</p> <p>Tabela de registos dos materiais para a casa: para a construção da casa de lousa, procedesse a uma tabela de registos onde as crianças irão dizer os materiais que necessitam para a construção da sua casa de lousa. De seguida a estagiária questiona, como vamos construir a casa e surge a divisão de tarefas.</p> <p>Divisão de tarefas da construção da casa: após verificarem que existem 4 fases para a construção do exterior da casa, procede-se ao registo da</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar; - Crianças. <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartolina; - Tintas; - Folhas de desenho; - Lápis de cor; - Cola; - X-ato; - Régua; - Lápis de desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e identificar alguns materiais relacionados com a construção; - Realizar trabalhos em três dimensões; - Explorar diferentes materiais; - Compreender como se preenche uma tabela de dupla entrada. - Tomar iniciativa; - Ter capacidade de responsabilidade.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

tabela de tarefas. Numa folha de cartolina a estagiária desenha uma tabela de dupla entrada onde as crianças terão de escrever o seu nome e por baixo desenhar a tarefa que iram desempenhar.

Anexo 18 – Planificação

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Visita do personagem: construtor civil “Sr. António”.</p> <p>O Sr. António vai até à sala dos 4/5 anos porque ouviu falar que estavam interessados em construir uma casa típica de Valongo. Então resolve contar sobre a sua profissão e questiona às crianças sobre o que elas sabem sobre o seu trabalho.</p> <p>- Registo das aprendizagens: de forma a consolidar os conhecimentos, um grupo de cinco crianças faz o registo do personagem “Sr. António”, onde a estagiária regista o que aprenderam sobre a sua profissão – construtor civil. Através da técnica do desenho e da colagem de tecidos. Numa cartolina as crianças desenham o formato do corpo do personagem e depois terão de colar a roupa e as suas ferramentas.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vestuário para o personagem: fato de macacão, botas, capacete, luvas, ferramentas. - Cartolina; - Tintas; - Tecidos; - Cola; - Tesoura; - Esponja; - Caixa de cartão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar a memória; - Trabalhar a autoestima e capacidade de interagir em grande grupo; - Capacidade de reter aprendizagem; - Participar na planificação de atividades; - Utilizar adequadamente os nomes de figuras geométricas; - Trabalhar as profissões (construtor civil); - Trabalhar as ações simples para o seu futuro próximo e mais distante, a partir de contextos presentes (exemplos: o que vou fazer logo, amanhã);

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>- Registo em tabela da decisão de tarefas: através da proposta das crianças (a construção da casa de lousa) o Sr. António coloca as seguintes questões: O que é necessário para construirmos a casa? Que materiais podemos usar? Quais as etapas para construirmos a casa? E como podemos registar?</p> <p>- Construção exterior da casa de lousa: após o registo, inicia-se a 1ª fase da construção da casa – construção das portas e das janelas.</p> <p>Na 2ª fase as crianças escolhem as cores e pintam a casa e colam as pedras de lousa na casa. Na 3ª fase escolhem os materiais para revestir as portas e as janelas e por fim na 4ª fase é a construção do telhado (quanto à sua forma: retangular ou triangular) e quais os seus materiais.</p>		<p>- Desenvolver a coordenação oculo-manual;</p> <p>- Utilizar a técnica da pintura “a esponja”.</p>
---	--	--

ANEXO 19 – Planificação

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Visita do personagem: arquiteto “Sr. Pedro”.</p> <p>O Sr. Pedro vai até à sala dos 4/5 anos porque ouviu falar que tinham construído uma casa típica de Valongo. Então resolve contar sobre a sua profissão e questionar às crianças sobre o que elas sabem acerca do seu trabalho e quais as suas ferramentas.</p> <p>- Registo da profissão – arquiteto: após a visita do arquiteto, o grupo de crianças responsável pela construção do interior da casa faz o registo das aprendizagens.</p> <p>- Construção do interior da casa: a planta da casa. As divisões da casa: quarto, cozinha, sala e casa de banho. De seguida a estagiária questiona as crianças quais os móveis que poderiam colocar dentro da casa e em cada divisão.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vestuário para o personagem: camisa, calças, botas, capacete e a planta de uma casa; - Cartolina A3; - Lápis; - Régua; - Compasso; - Objetos geométricos; - Borracha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a motricidade fina; - Desenvolver a coordenação oculo-manual; - Fazer a associação das diversas divisões de uma casa: cozinha, sala, quarto e casa de banho e os respetivos móveis pertencentes a cada divisão; - Identificar os diferentes objetos geométricos e as suas diferenças; - Conhece a profissão “arquiteto”, o seu serviço e as suas ferramentas. - Reconhecer o dicionário e o computador como ferramentas de pesquisa.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>- Registo da planta da casa: após a elaboração da planta da casa procede-se ao desenho da planta da casa numa cartolina em tamanho A3. Para que as crianças façam a leitura da posição e do local onde terão de ficar móveis da casa.</p>		
---	--	--

ANEXO 20 – Planificação

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Hora do conto: “O pai mais horrível do mundo”. Com o intuito de homenagear todos os pais, a estagiária lê a seguinte história com a intenção de questionar as crianças sobre o comportamento do filho acerca das ordens do pai. Após a leitura é importante que as crianças façam o reconto da história, mostrando juntamente as ilustrações. Neste caso a ilustração complementa o texto, pois são as ilustrações que dão justificam a ação do pai em relação às atitudes do filho.</p> <p>- Diálogo: após o reconto as crianças</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Livro: “O pai mais horrível do mundo”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o gosto pela leitura - Desenvolver a capacidade de raciocínio; - Tomar a consciência dos atos que o filho faz (o que está certo e o que está errado); - Explorar sentimentos e emoções; - Descrver acontecimentos relacionados com o tema.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

pronunciam-se sobre alguns acontecimentos
relacionados com o tema partilhando ao grupo.

ANEXO 21 – Planificação

Descrição da atividade/estratégias	Recursos humanos e materiais	Intenções Pedagógicas
<p>- Hora do conto: “<i>O menino que aprendeu a ver</i>” de Ruth Rocha. Depois da leitura do texto a estagiária mostra as suas ilustrações, e questiona as crianças a razão pelo qual o João (o menino) não conseguia ver.</p> <p>- Consciencialização da história: Através deste texto as crianças deverão refletir sobre a mensagem a ser transmitida (a importância de saber ler, e quais as vantagens de saber ler) é também essencial que percebam que é a sua próxima etapa, ou seja, transição para o 1º ciclo.</p> <p>Descoberta dos serviços comunitários. Ao longo do texto é referido alguns serviços comunitários que estão presentes no quotidiano das crianças. E fazer a ligação entre esses mesmos serviços e a importância da sua leitura quer simbólica quer escrita.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estagiária; - Educadora; - Auxiliar - Crianças <p>Recursos Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o gosto pela leitura - Desenvolver a capacidade de raciocínio; - Tomar a consciência da importância do saber ler; - Explorar sentimentos e emoções; - Conhecer símbolos que aparecem no seu quotidiano (hospital, florista, farmácia, escola, etc); - Descrever acontecimentos relacionados com o tema.

ANEXO 22 – Registo de um incidente crítico de 12 de Março de 2013

Nome da criança: K	Idade: 5 anos
Observadora: estagiária	Data: 12-03-2013

Descrição:

Durante a hora de almoço, a criança k nunca comia sozinha e era sempre das últimas crianças a acabar a refeição. Neste dia a criança pegou na colher e comeu três colheres de sopa seguidas. A estagiária foi ter com ele e disse: “muito bem estou a gostar de te ver comer sozinha hoje vou dizer a mamã que tu estas crescida”. A criança sorriu e logo de seguida meteu uma colher de sopa à boca.

Comentário:

Nesse dia apesar da demora do tempo a criança conseguiu comer sozinha a sopa toda. Cabe aos educadores incentivar as crianças através dos reforços positivos, pois a criança K apesar das suas dificuldades sentiu o apoio da estagiária.

ANEXO 23 – Registo de observação de 5 de junho de 2013

Comentário:

Estava planeado fazer a construção do moinho em 3D, do tamanho da “casa típica de valongo”, contudo uma das crianças levantou o braço e disse: “ eu tenho uma ideia nós podíamos fazer o moinho de água pequenino e pôr na nossa cidade de Valongo (na maquete). Assim a nossa cidade já está mais completa. Nós até fizemos o Rio.

Observação:

Foi uma intervenção pertinente por parte da criança. É importante sempre que a criança dê a sua opinião a justifique, pois isso ajuda no seu raciocínio lógico e na sua estruturação mental. Criar futuros cidadãos críticos e com fundamentação é uma das metas de aprendizagem do pré-escolar e também nas OCEPE na área da formação pessoal e social.

ANEXO 24 – Registo de teatro de fantoches de 23 de Maio de 2013

Após a elaboração da esquadra da policia, da sessão de motora – “treinamento para os policias”, da canção dos policias, uma das crianças queriam fazer um fantoche dos policias, isto porque estavam ao mesmo tempo a fazer os fantoches da lenda de Valongo.

Para isso a estagiária desenhou uma mulher e um homem policia e as crianças pintaram de acordo com as fardas, isto porque dois pais participaram numa atividade em que consistia a apresentação da profissão “policia” – avaliação das aprendizagens. Por de tras de cada desenho cada criança colocou uma mensagem sobre “ O Que É SER POLÍCIA”.

De seguida a estagiária plastificou e colou um pau de palito para poderem segurar. As duas crianças que ficaram responsaveis pela dinamização da atividade construíram um texto juntamente com a estagiária onde mais tarde ficou registado junto da pesquisa anteriormente elaborada. No final da peça de teatro todos cantaram a canção do policia.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 25 – Avaliação das crianças sobre o Projeto Lúdico

ANEXO 26 – Avaliação dos pais sobre o Projeto Lúdico

O seguinte caderno – vai e vem “VIAGENS PELA NOSSA TERRA”, tem na primeira página uma mensagem com o intuito de fundamentar o seu aparecimento:

OLÁ PAIS...

Eu sou um caderno vazio que precisa urgentemente da vossa ajuda para me tornar especial. Quero ser um livro que conte as experiências, atividades, curiosidades que foram levadas aí para casa através dos nossos grandes investigadores de Valongo.

No meu interior, vão encontrar várias páginas em branco, as quais peço encarecidamente que preencham com o coração.

A atividade consiste em contar o que aprenderam sobre o projeto de sala. Para isso, cada família terá de fazer um pequeno texto sobre algo que aprendeu acerca do projeto. Poderão ainda (desenhar, colar, fotografar, filmar etc...) e colocar junto do texto.

Durante dois dias deixem-se voar pela vossa imaginação e criatividade. Depois partirei para uma nova família em busca de novas conquistas.

Muito obrigado pela ajuda e caminharemos sempre juntos!

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Neste caderno cotém algumas opiniões dos pais acerca do projeto e também a prespação daestagiária:

Capa:



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Registos dos pais

- 1
- o Paço do auro, e tal como proposto no plano curricular, foi notório a aprendizagem das crianças, a ocupação por uma curiosidade inerente ao seu desenvolvimento.
- O projeto desenvolvido integrou momentos, no seu processo, muito enriquecedores a nível de aprendizagem, tais como:
- Os contos narrados, que permitiu abrir horizontes e alcançar conhecimentos ex: "Aque sabe algar", "O pai mau prometido do mundo"
 - A recolha e documentação de histórias e fadas, efetuada e orientada pelas educadoras, com a ajuda das crianças e suas famílias.
 - Contatar com livros e personagens de outras épocas.
 - A construção de material didático para a divulgação das histórias, são o exemplo os fantoches.
 - A investigação através de diversos tipos de itinerários, livros de histórias, ficheiro de imagens, jornais, revistas, etc.
 - Atividades de expressão plástica: recortes, colagem, modelagem, pinturas etc, em colaboração com os pais das crianças ex: a construção de uma casa apontada de uma criança fornecida pela educadora.

2

- A dinamização da História e Canda de Valongo, através de fantoches

- A dinamização da partilha de experiências e conhecimentos, tendo de igual para igual - família.

- A aquisição de novos vocabulários, que permitiu o desenvolvimento verbal.

- A leitura das histórias e imagens e fotografias, promover o desenvolvimento da linguagem não verbal, entre outras.

Desfoca-se, neste projeto, o ponto envolvente das famílias, que revela o trabalho de colaboração continuada que existiu ao longo do ano, que permitiu aumentar os níveis de aprendizagem dos alunos. Pense que a presença de estagárias na sala ao longo do ano, enriqueceu e desenvolveu os modelos educativos

Foi um bom trabalho!

05/06/13

Os pais de
Sérgio Branco

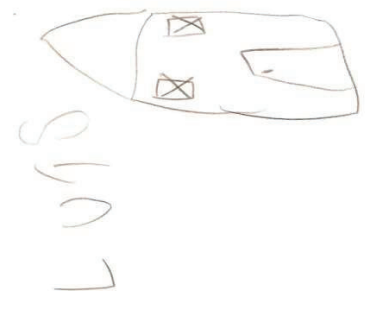
Os pais são importantes na aprendizagem e no progresso escolar das crianças. Esta simbiose entre a família (pais/mães) e a escola ajuda-nos a estar envolvidos em aprendizagens significativas com o trabalho que o Educador(a) desenvolve na sala de aula.

Tal como acontece no ano anterior cuja temática foram os Animais de jardim, este ano o tema desenvolvido foi - As viagens pela nossa Terra ou seja as suas particularidades de Valongo.

E o Sr. Branco teve a oportunidade de trabalhar na construção de uma casa típica de Valongo feita de Lousa, mais concretamente as respetivas janelas.

No que concerne à mãe teve a oportunidade de um período e deixou um de escritos para a maquete da réplica da cidade de Valongo.

Esta envolvente e participativa não tem dúvida uma mais-valia para o sucesso educacional das crianças.



ANEXO 27 – Avaliações das Atividades Fantoche “A Mulher”

A minha primeira atividade com as crianças foi a elaboração do fantoche “A Mulher” foi uma atividade planejada pela educadora, mas a construção foi elaborada pelas crianças com o meu auxílio. Como ainda não tinha tido oportunidade de trabalhar em pequeno grupo foi uma boa oportunidade para iniciar a minha interação com alguns elementos. A atividade foi bem sucedida pois as crianças demonstraram um grande empenho pela construção do fantoche. As crianças estavam motivadas porque nunca tinham construído um fantoche e utilizado a técnica da costura. No início necessitavam a ajuda da estagiária, mas depois foram autônomos na sua tarefa.



Comentários das crianças:

Criança I: - Tânia quando é que eu posso coser mais? Ela já fez muito e eu pouquinho!

Estagiária: - Quando a tua amiga acabar tu continuas. Faz cada uma metade do vestido do fantoche.

Criança B: - Está a ficar mesmo bonito não está Tânia! Quero fazer mais mais e mais.

Estagiária: - Sim está. Vocês estão a ficar umas profissionais.

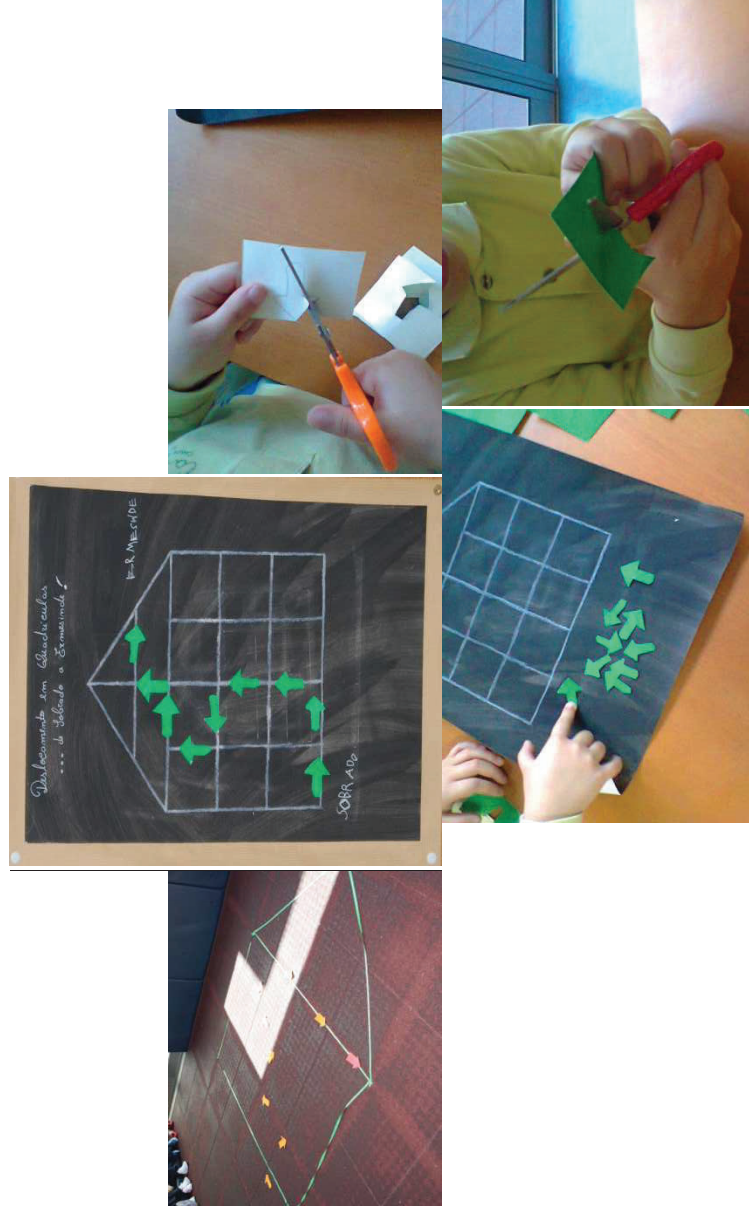


Sessão de motora “ Viajar por Valongo”

Todas as terças - feiras realiza-se a sessão de expressão motora. Para a minha primeira sessão decidi explorar a lateralidade (frente, atrás, esquerda e direita). Como estratégia, as crianças teriam que viajar pelas freguesias de Valongo, dando continuidade ao projeto de sala. Para a realização da atividade foi utilizado fita adesiva no chão para delimitar o espaço que a crianças teria que percorrer. A minha primeira estratégia, depois do aquecimento, foi pedir às crianças que levantassem o braço direito e coloquei uma pulseira vermelha no pulso direito. De seguida foi pedido às crianças que ficassem sentadas à espera que eu ou a educadora a chamasse e fazia o percurso seguindo as minhas indicações de deslocamento no espaço (as indicações eram iguais para todas as crianças).

A minha intenção era que as crianças tivessem a noção da sua lateralidade no espaço, onde mais tarde para fazer o registo foi feito a transição do “conhecimento do espaço” para o registo em papel e trabalhar a sua memorização. Quando a sessão acabou senti que teria de modificar alguns pontos para a próxima sessão.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



Pontos fortes:

- A maior parte das crianças conseguiu fazer o percurso sem ajuda;
- As crianças com maior dificuldade e que não sabiam o seu lado direito conseguiram fazer o percurso mesmo que tenha sido com ajuda;
- Conseguiram memorizar o percurso, pois relataram todas as indicações da atividade do espaço físico, para o espaço gráfico (deslocamento em quadriculas).

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Pontos fracos:

- No início da atividade deveria ter arranjado uma outra alternativa para o tempo de espera. Pois as crianças ficaram tempo a mais sentadas a espera pela sua vez.

Mudanças:

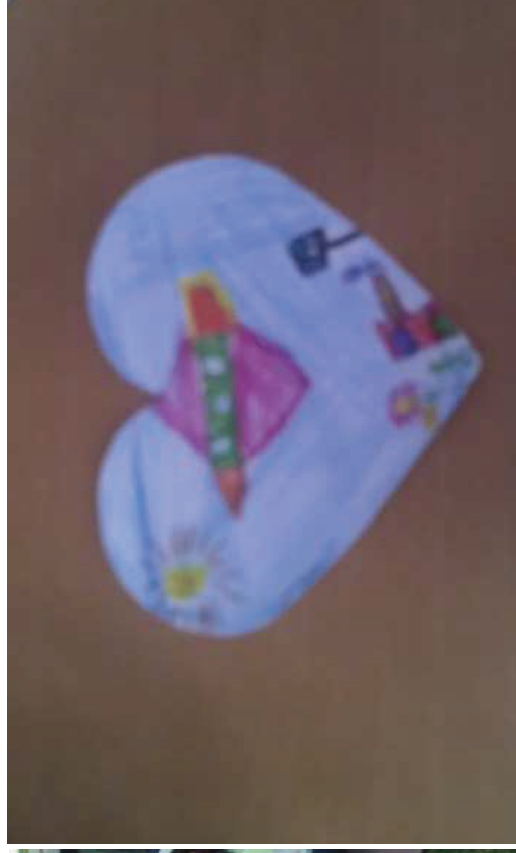
- Para diminuir o tempo de espera irei mudar a estratégia. Dividindo o grande grupo de crianças em dois grupos, ficando a estagiária com um grupo de crianças e a educadora com outro grupo.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Hora do conto: “O que é o Amor” – Davide Cali.

Neste dia as crianças elaboraram o cartão para o dia da mãe, esse registo confirmou que as crianças conseguiram chegar ao grande objetivo que era pensar e desenhar o amor que sentem pela mãe. As crianças estavam motivadas durante a história e a atividade.

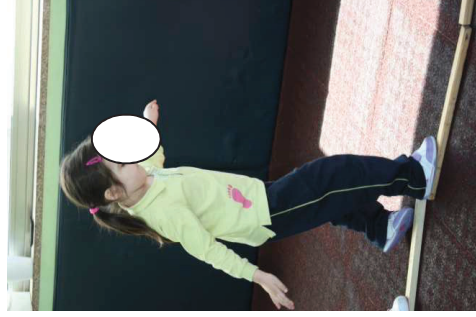
Esta atividade foi muito importante na medida em que foi um pré teste para a dinamização da hora do conto que foi realizada na Biblioteca Municipal do Porto.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Sessão de movimento: “Explorar a serra S. Justa”.

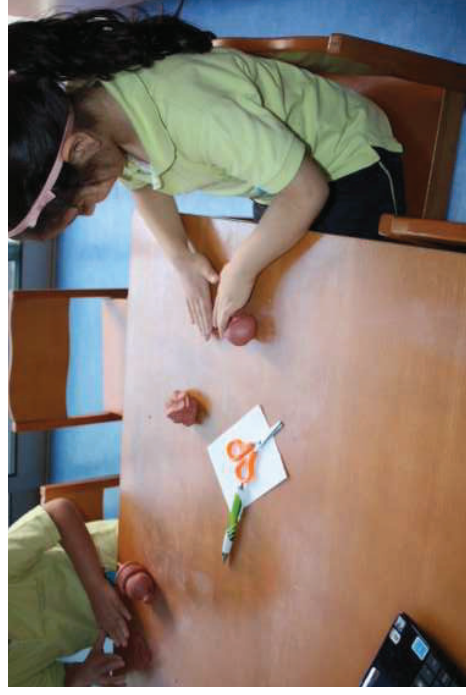
Como podemos verificar nas fotos as crianças estavam bastante motivadas porque foi uma surpresa (fator importante) e todos concluíram o percurso, uns mais outros com menos dificuldades. O tempo da atividade foi respeitado.



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Construção dos brinquedos de madeira:

Como é difícil de construir brinquedos de madeira a estagiária propõe às crianças que façam brinquedos com massa de modelar. Esta atividade correu muito bem, mas o mais importante foi fortalecer a autoconfiança das crianças. Trabalhar com a massa de modelar não é fácil e as crianças estavam sempre a dizer eu “não consigo” e no final provaram que conseguiram ao finalizar os seus trabalhos. Na minha opinião atividades que sejam para enfrentar novos desafios são sempre aprendizagens significativas.



ANEXO 28 – Grelhas de parcerias e o trabalho a desenvolver.

Quadro 6 – Parcerias

Parcerias	Trabalho a desenvolver
Empresas de Hotelaria e Restauração; Informática; Electricidade; Comércio; Comunicações, entre outras.	Empresas que recepcionam estágios para alunos dos CEF e Cursos Profissionais
CATIM – Centro de apoio tecnológico à indústria metalomecânica	Apoio ao desenvolvimento de projectos no âmbito da tecnologia.
Centro de Saúde de Campanhã	Prevenção e acompanhamento no âmbito da saúde escolar.
UP - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	Participação no Observatório da Qualidade, Observatório e Acompanhamento no Projecto TEIP
CPCJ	Intervenção em situações de risco sinalizadas pelo Agrupamento.
Direcção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP)	Apoio social a famílias dependentes do RSI.
Fundação FILOS	Acompanhamento de alunos e famílias
Segurança Social	Intervenção social em famílias problemáticas.
Junta de Freguesia de Campanhã	Apoio a projectos pedagógicos.
Universidade de Aveiro	Participação no ensino da matemática e na motivação dos alunos para a disciplina.

Escola Básica e Secundária do Cerco (sede)

Parcerias	Trabalho a desenvolver
ESE – Instituto Politécnico do Porto	Colaboração em projectos pedagógicos.
Escola Superior de Educação Paula Frassinetti	Iniciação à prática profissional - estágios
UP – Faculdade de Desporto (FADEUP)	
Universidade Portucalense - Porto	
Instituto Superior da Maia (ISMAI)	Apoio ao projecto INDIE.
British Council	
QPI – Associação de Solidariedade Social	Desenvolvimento de actividades de educação e formação de adultos através da cooperação entre instituições, num quadro de articulação e complementaridade da oferta formativa de dupla certificação.
Escola Segura	Sensibilização e formação para a segurança
Centro de Formação Guilhermina Suggia	Apoio à formação contínua de pessoal docente/não docente.
Liga portuguesa de Profilaxia Social	Apoio a cursos EFA
Câmara Municipal do Porto – Departamento de Educação	Apoio a projectos desenvolvidos no Agrupamento, institucionalmente tutelados
Associação do Porto Paralisia Cerebral – APPC	Apoio a alunos com deficiência declarada.

ANEXO 29 – Pontos fracos e ações de melhoria

Pontos fracos (IGE – 2009)	Ações de melhoria
<p>Insuficientes resultados dos alunos</p> <p>A indisciplina em contexto de sala de aula e a violência escolar em algumas escolas do Agrupamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria dos resultados (ranking) • Sala de Acompanhamento Disciplinar S.A.D. • Registo de todas as ordens de sala de aula • Informação ao D.T • Gráficos apresentados em Conselho Pedagógico; Departamento e Conselhos de Turma com informação sobre as saídas de sala de aula • Análise dos dados • Ação Tutorial • Articulação com o SPO e Equipa Técnica Multidisciplinar; • Animadores socioculturais; • Provedoria do aluno
<p>Reduzida participação ativa dos alunos e das famílias na vida escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades para e com a comunidade (Orquestra Orff, Ensino Articulado, Desporto Escolar, reuniões de pais.) • 12 ciclo – Participação nas festas escolares de Natal; • Final de Ano • Atividades promovidas pelas Associações de Pais; • Projeto Escolhas • Participação em eventos, feiras e exposições • Projeto "Por uma cultura relacional e de escola" – Técnicos especializados
<p>Inexistência de um PEA que exprima uma visão integrada do desenvolvimento do Agrupamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • TEIP 2 • Plano de Melhoria do Diretor
<p>Débil articulação e sequencialidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Plano da Matemática • Mais Sucesso (Ninho e Rede) • Departamentos – existência de articulação horizontal e vertical dentro e entre níveis de ensino • Ler é Preciso!
<p>A inexistência de um plano de formação contínua para os assistentes operacionais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Parceria Sonae

Escola Básica e Secundária do Cerco (icse)

Pontos fracos (IGE – 2009)	Ações de melhoria
Ausência de acompanhamento direto da prática letiva	<ul style="list-style-type: none">• Espaço de Autoaprendizagem• Biblioteca• Mais Sucesso: Projeto Rede e Ninho que viabiliza a partilha e um acompanhamento direto da prática letiva;
Reduzida incorporação da componente prática da aprendizagem das ciências em contexto de sala de aula/laboratorial.	<ul style="list-style-type: none">• Laboratórios (requalificação da escola)• Semana das Ciências• Clube da Ciência
A incipiente cultura de autoavaliação numa perspetiva abrangente e participada	<ul style="list-style-type: none">• Implementação de procedimentos de monitorização• Cultura de avaliação (grelhas, relatórios, inquéritos de satisfação)• Nomeação de equipa de autoavaliação• Implementação do DTP

ANEXO 30 – Grelhas com as áreas de melhoria

Quadro 8 – Áreas de melhoria apontadas pela equipa de autoavaliação

Áreas de Melhoria	Aspetos a Melhorar
Processos de ensino - aprendizagem	<p>Promoção de estratégias que visem maximizar o trabalho pedagógico do Conselho Pedagógico, dos Departamentos /Conselhos de Docentes e das diversas equipas pedagógicas.</p> <p>Desenvolvimento e partilha de estratégias que estimulem a aquisição das competências transversais e específicas por parte dos alunos.</p> <p>Desenvolvimento e partilha de estratégias que contribuam para a melhoria do desempenho dos alunos na avaliação externa.</p> <p>Contribuir para a criação de projetos de vida, por parte dos alunos.</p>
Resultados escolares	<p>Desenvolvimento de uma cultura de avaliação do Agrupamento em que a monitorização e a análise dos resultados estimulem mudanças sistémicas e a procura de uma melhoria contínua.</p> <p>Disponibilização, em tempo útil, das informações / decisões do Conselho Geral e do Conselho Pedagógico.</p>
Comunicação	<p>Maior / melhor articulação entre as diversas estruturas, disponibilizando em tempo útil, a todos os interessados, as decisões / orientações.</p> <p>Desenvolvimento dos canais de comunicação necessários para fazer chegar a toda a comunidade a informação sobre decisões que impliquem alterações ou mudanças na comunidade.</p>
Formalização de registos	<p>Maior / melhor divulgação do Plano Anual de Atividades do Agrupamento</p> <p>Elaboração de ferramentas eficazes na recolha de todo o tipo de dados necessários à avaliação e monitorização do Agrupamento.</p>
Satisfação da comunidade educativa	<p>Criação / desenvolvimento de mecanismos de auscultação do nível de satisfação dos diferentes intervenientes da comunidade educativa</p>

ANEXO 31 – Tabela da organização do Conselho Pedagógico do Agrupamento.

Diretor	Manuel António Sousa Oliveira
Coordenadora do Pré-escolar	Maria de Fátima Guimarães
Coordenadora do 1º ciclo	Plautília Miranda
Coordenadora do 1º Departamento	Maria Dulce Santos
Coordenadora do 2º Departamento	Severino Mendes Polónia
Coordenadora do 3º Departamento	Paula Alexandra Gonçalves
Coordenadora do 4º Departamento	Dárida Fragoso Castro
Coordenadora de anos do 1ºCiclo	Maria Helena Rocha
Coordenador dos Diretores de Turma	Mário Vieira / Paula Cruz
Coordenadora dos CEF	Marília Pinto Soares
Coordenador dos Cursos Profissionais	Maria Isilda Marques
Representante do SPO	Ana Maria Almeida
Coordenadora de Projetos	Maria Teresa Borges
Representante da Associação de Pais e Encarregados de Educação	Nuno Ferreira dos Santos
Representante dos alunos	

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 32 – Imagem da disposição das carteiras da sala de aula. (em grupo)



ANEXO 33 – Registo de incidente crítico de 12 de novembro de 2013.

Nome da criança: C	Idade: 8 anos
Observadora: estagiária	Data: 12 – 11 – 2013

Descrição:

Após a elaboração dos grupos a professora estagiária pede a cada grupo de seleccione um líder. Esse líder teria de ficar responsável pela organização e comportamento do grupo durante a atividade. O aluno C que pertencia a um dos grupos disse: “ eu sou o líder tá bem!” e o aluno L respondeu: “mas eu também queria ser o líder!” e o aluno C tornou a responder: “ mas tu não podes ser porque tu és mulher e por isso não mandas sou eu e cala-te” e o aluno L responde: “ mas tu não mandas, vamos votar todos para ver quem é o líder”. Posto isto, os alunos daquele grupo votaram para eleger o líder, que neste caso foi o aluno L.

Comentário:

Neste registo verifica-se o quanto é importante para estes alunos o trabalho em grupo. Apercebemo-nos que o aluno C que pertence a uma etnia, o facto de ser mulher perder alguns direitos. Os valores que ele adquiriu no seio meio familiar, entram claramente em conflito com alguns valores que estão presentes no meio escolar. O importante é perceber que nem sempre podemos fazer o que queremos e necessitamos de respeitar os outros. A criança L sentiu-se prejudicada, contudo não ficou submissa e fez-se ouvir pedindo de uma forma democrática o apoio aos restantes colegas de grupo. Estes manifestaram a sua opinião através da votação.

ANEXO 34 – Planificação dos trabalhos de grupo.

<p>Estudo do Meio</p>	<p>11h – 12h 30</p>	<p>Hábitos saudáveis: Diversidade nos cuidados com a segurança do corpo; - Escrever textos informativos; - Informação essencial e acessória; - Tema e assunto.</p>	<p>- Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas; - Escrever pequenos textos informativos, a partir de ajudas que identifiquem a introdução ao tópico, o desenvolvimento do tópico com factos e pormenores, e a conclusão; -Compreender o essencial dos textos escutados e lidos;</p>	<p>Nesta aula, iremos abordar os “Perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas”.</p> <p>Para tal, a turma irá realizar num cartaz uma campanha publicitária.</p> <p>Na primeira etapa, cada aluno lê no manual de estudo do meio pág 45 e partilha a informação de cada tema. A professora regista no quadro, enquanto todos os alunos passam para o caderno.</p> <p>Na segunda etapa, a professora organiza a turma em quatro grupos: dois grupos com 5 elementos e um grupo de seis elementos. Cada grupo fica responsável por um tema, construindo o seu próprio cartaz. Posto isto, a professora questiona aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer? (o cartaz publicitário que será exposto no hall da entrada da escola). - Para quê? (para alertar os perigos do álcool, droga e tabaco) - Para quem? (para toda a comunidade educativa) - Quando? (agora) - Como? (nesta fase a professora relembra as duas etapas já realizadas e explica a terceira etapa de construção do cartaz). 	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - professora estagiária; - par pedagógico; - professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - cartolina; - imagens; -cola; -cartaz. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece que as drogas fazem mal; - Quais os perigos de cada uma das drogas; - Sabe construir uma campanha de publicidade; - Elabora um texto informativo; - Elabora uma imagem publicitária para a campanha; - Cria um slogan.
------------------------------	---------------------	---	--	--	---	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Estudo do Meio	11h – 12h 30		<ul style="list-style-type: none">- Propor títulos alternativos para textos;- Construir um slogan para o cartaz.	<p>Na terceira etapa a professora entrega a cada grupo uma folha branca, onde cada grupo terá de fazer um esboço do cartaz através dos seguintes elementos: Imagem publicitária (anunciante), texto informativo, slogan e o título.</p> <p>Posto isto, a professora fornece as revistas e imagens referentes a cada tema e os alunos terão de eleger as imagens que irão utilizar no cartaz. De seguida, colocam o título com um pequeno texto informativo juntamente com o slogan que criaram.</p> <p>No final colam a imagem publicitária e escrevem o anunciante (nomes dos alunos).</p> <p>(Durante a aula haverá momentos de grande grupo, onde haverá esclarecimentos para todos os elementos).</p>		
-----------------------	---------------------	--	---	---	--	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 36 – Planificação de uma aula do 1ºCEB

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Matemática	09h00 – 10h30	<p>Organização e Tratamento de dados</p> <p>Representação e tratamento de dados</p> <p>Diagramas de caule-e-folhas;</p>	<p>Representar conjuntos de dados</p> <p>- Representar conjuntos de dados expressos na forma de números inteiros não negativos em diagramas de caule-e-folhas;</p>	<p>No início de um período, a professora relembra aos alunos que já aprenderam como organizar e tratar dados. Numa conversa com os alunos questiona às crianças que “formulas” aprenderam para analisar os dados, (categoria e frequência absoluta (tabela), gráficos de barras, moda, amplitude, extremos mínimos e máximos). Depois de uma revisão do que já foi aprendido a professora explica aos alunos que existe mais do que uma forma de tratar e organizar os dados. Neste sentido a professora pergunta aos alunos as idades dos pais.</p> <p>Ex:</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 10px auto;"> <p>23 34 34 33 54 67 34 28 43 41 40 54 52 37</p> </div> <p>A professora pergunta aos alunos se conseguem analisar desta forma os dados. Ao verificarem que desta forma é difícil de analisar a professora desenha no quadro o diagrama de caule-e-folhas e explica aos alunos que este diagrama tem a estrutura de uma árvore, o tronco que divide as dezenas das unidades o caule corresponde ao algarismo das dezenas enquanto que as folhas dizem respeito ao algarismo das unidades.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pc; - Manual de matemática; - Projetor; 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece o diagrama de caule-e-folhas; - Constrói um diagrama de caule-e-folhas; - Identifica no diagrama a moda; - Identifica os extremos, máximo e mínimo; - Identifica a amplitude.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>Matemática</p>	<p>09h00 – 10h30</p>	<p>Resolver problemas - Resolver problemas envolvendo a análise de dados representados diagramas de caule-e-folhas e a determinação de frequências absolutas, moda, extremos e amplitude.</p>	<p>Para aprender a trabalhar com este novo instrumento a professora explica, por fases, como ele é constituído, ou seja, de um lado colocamos o algarismo das dezenas (caules) e do outro o algarismo das unidades (folhas).</p> <p>Posto isto, a professora propõe aos alunos que escrevam os algarismos das dezenas por ordem crescente, sem repetir os números.</p> <p>De seguida, pede para colocar todos os algarismos das unidades, as folhas, por ordem crescente.</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Caules</td> <td style="padding: 0 10px;">2 3 4 5 6</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Folhas</td> <td style="padding: 0 10px;">3 8 3 4 4 4 0 1 3 2 4 4 7</td> </tr> </table>	Caules	2 3 4 5 6	Folhas	3 8 3 4 4 4 0 1 3 2 4 4 7		
Caules	2 3 4 5 6	Folhas	3 8 3 4 4 4 0 1 3 2 4 4 7						

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma


<p>Estudo do Meio</p>	<p>11:00 – 12:30</p>	<p>Plantas - Os seres vivos do ambiente próximo - Identifica elementos no meio físico e natural, procurando compreender a estrutura do meio envolvente. - Respeita a vida e a Natureza.</p>	<p>- Comparar e classificar plantas de acordo com a cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis; - Reconhecer a utilidade das plantas.</p>	<p>Nesta aula a professora começa por relembrar aos alunos, que o aprenderam sobre a constituição das plantas e do que elas necessitam. Dando a continuidade à matéria, os alunos partem à descoberta das seguintes características que uma planta pode ter: plantas de folha caduca ou persistente, plantas comestíveis ou não comestíveis e os vários tipos de raízes (aprumada, fasciculada ou tuberculosa). Depois de registarem toda a informação no caderno, será apresentado aos alunos vários tipos de plantas e cada aluno terá de descrever a planta de acordo com as suas características. Esta aula será apresentada através de um powerpoint no quadro interativo, os alunos deverão colar as imagens consoante vão registando.</p>	<p>Recursos humanos: - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. Recursos materiais: - Pc; - Imagens; - Quadro interativo</p>	<p>O aluno: - Classifica as plantas de acordo com o seu tamanho; - Classifica as plantas de acordo com a sua raiz; - Classifica a planta de acordo com (se tem ou não flor); - Distingue as plantas comestíveis das não comestíveis; - Regista no caderno a informação de forma organizada.</p>
------------------------------	----------------------	--	---	---	--	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

<p>Apio ao estudo/Expressões</p>	<p>14:00 – 16:00</p>	<p>Compreensão do Oral Vocabulário Informação essencial e acessória Ideia principal Leitura e Escrita Textos informativos Pesquisa e organização da informação: Enriquecimento o vocabular Assunto e ideia principal Escrita Produção de textos diversos (panfleto)</p>	<p>Escutar para aprender e construir conhecimentos - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; - Identificar informação essencial; - Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu. Ler textos diversos. - Ler textos informativos Planificar a escrita de textos. - Escrever textos diversos (panfleto)</p>	<p>Beneficiando da interdisciplinaridade, a professora interliga a aula de apoio ao estudo (texto informativo) com a aula das expressões (construção de um panfleto) e recorda aos alunos que a importância que as plantas têm para o planeta e o quanto é importante estar atento à nossa flora. Tal como os animais (lince e a águia ibérica), as algumas árvores também se encontram em vias de extinção. No nosso país, o pinheiro manso é uma dessas árvores. Para o início da aula, a professora começa por distribuir aos alunos um texto informativo sobre o pinheiro manso e pede aos alunos que sublinhem no texto a informação que acham ser a mais importante, (características da árvore, a sua utilização, onde habita o que está a colocar em perigo). Estes temas deverão ser abordados e registados. Depois dos alunos registarem no caderno o mais importante, a professora questiona aos alunos se sabem o que é um panfleto e qual a sua função. Posto isto, é proposto à turma que individualmente elaborem um panfleto onde apelam à importância do pinheiro manso e a importância de respeitarmos todas as árvores.</p>	<p>Recursos humanos: Professora estagiária; Par pedagógico; Professora titular. Recursos materiais: Panfleto; Texto informativo; Imagens; Furadores com formas.</p>	<p>O aluno: - Analisa o texto informativo; - Sublinha as ideias principais do texto informativo; - Elabora o seu panfleto.</p>
---	-----------------------------	---	--	---	--	---

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 36 – Planificação de uma aula do 1ºCEB elaborada pelas crianças



 Planificação semanal: 1 / 10 / 2013 a 11 / 10 / 2013

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira	A minha avaliação
9:00 10:30	Verões, férias e comunas.	Algoritmos da adição	Trabalhar uma dita diferente	Continuar a obra	Ficha de trabalho matemática	
11:00 12:30	OTD: jogo de baralho	Continuar com os membros do grupo	Atelier	Judicatos do Porto	Lições temáticas e outras	
14:00 16:00	Atividades do Porto	Unidade: Textos para ler	Resolução de problemas	Matérias (exercícios)	Ficha de trabalho de português	Opinião da prof.
			Grupos	World	Assimilação de conteúdos	

Nome: Sofia

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 38 – Atividade planeada para pequenos grupos no 1º CEB

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Estudo do Meio	11h – 12h 30	<p>Hábitos saudáveis:</p> <p>Diversidade nos cuidados com a segurança do corpo;</p> <p>Escrever textos informativos;</p> <p>Informação essencial e acessória;</p> <p>Tema e assunto.</p>	<p>- Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas;</p> <p>- Escrever pequenos textos informativos, a partir de ajudas que identifiquem a introdução ao tópico, o desenvolvimento do tópico com factos e pormenores, e a conclusão;</p> <p>-Compreender o essencial dos textos escutados e lidos;</p>	<p>Nesta aula, iremos abordar os “Perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas”.</p> <p>Para tal, a turma irá realizar num cartaz uma campanha publicitária.</p> <p>Na primeira etapa, cada aluno lê no manual de estudo do meio pág 45 e partilha a informação de cada tema. A professora regista no quadro, enquanto todos os alunos passam para o caderno.</p> <p>Na segunda etapa, a professora organiza a turma em quatro grupos: dois grupos com 5 elementos e um grupo de seis elementos. Cada grupo fica responsável por um tema, construindo o seu próprio cartaz. Posto isto, a professora questiona aos alunos:</p> <p>- O que vamos fazer? (o cartaz publicitário que será exposto no hall da entrada da escola).</p> <p>- Para quê? (para alertar os perigos do álcool, droga e tabaco)</p> <p>- Para quem? (para toda a comunidade educativa)</p> <p>- Quando? (agora)</p> <p>- Como? (nesta fase a professora relembra as duas etapas já realizadas e explica a terceira etapa de construção do cartaz).</p>	<p>Recursos humanos:</p> <p>- professora estagiária;</p> <p>- par pedagógico;</p> <p>- professora titular.</p> <p>Recursos materiais:</p> <p>- cartolina;</p> <p>- imagens;</p> <p>- cola;</p> <p>- cartaz.</p>	<p>O aluno:</p> <p>- Reconhece que as drogas fazem mal;</p> <p>- Quais os perigos de cada uma das drogas;</p> <p>- Constrói uma campanha de publicidade;</p> <p>- Elabora um texto informativo;</p> <p>- Elabora uma imagem publicitária para a campanha;</p> <p>- Cria um slogan.</p>

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Estudo do Meio	11h – 12h 30		<ul style="list-style-type: none">- Propor títulos alternativos para textos;- Construir um slogan para o cartaz.	<p>Na terceira etapa a professora entrega a cada grupo uma folha branca, onde cada grupo terá de fazer um esboço do cartaz através dos seguintes elementos: Imagem publicitária (anunciante), texto informativo, slogan e o título.</p> <p>Posto isto, a professora fornece as revistas e imagens referentes a cada tema e os alunos terão de eleger as imagens que irão utilizar no cartaz. De seguida, colocam o título com um pequeno texto informativo juntamente com o slogan que criaram.</p> <p>No final colam a imagem publicitária e escrevem o anunciante (nomes dos alunos).</p> <p>Depois de elaborarem o cartaz, cada grupo irá apresentar aos restantes grupos o seu trabalho.</p> <p>(Durante a aula haverá momentos de grande grupo, onde haverá esclarecimentos para todos os elementos).</p>		
-----------------------	---------------------	--	---	--	--	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 39 – Atividade planejada para cooperação ativa no 1º CEB

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Matemática	14h00 – 15h00	<p>Operações com números naturais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adição - Subtração - Multiplicação 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar jogos de raciocínio lógico; - Utilizar estratégias de cálculo mental para a adição; - Utilizar estratégias de cálculo mental para a multiplicação; - Utilizar estratégias de cálculo mental para a subtração; - Calcular mentalmente adições, subtrações e multiplicações; - Conhecer as tabuadas. 	<p>No início da aula, a professora começa por distribuir aos alunos uma folha onde os alunos irão fazer a tabuada aleatoriamente. A professora começa por ditar a tabuada e os alunos registam na folha. De seguida a professora escreve no quadro o resultado da tabuada que foi anteriormente ditada.</p> <p>No sentido de trabalhar a responsabilidade e autonomia, recolhe as folhas dos alunos e distribui novamente aleatoriamente, aos alunos, para que estes possam corrigir os trabalhos uns dos outros.</p> <p>No final, os alunos que acertarem em toda a tabuada, pintam a quadricula de uma tabela correspondente ao seu nome.</p> <p>Posto isto, a professora questiona aos alunos quais os algarismos da tabuada do 8 que dão o resultado 24 ($8 \times 3 = 24$).</p> <p>Então a professora diz aos alunos que irão realizar um novo jogo, chamado o jogo do 24. Para tal, a professora dialoga com os alunos e explica que é necessário conhecer as regras antes de começar a jogar.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - professora estagiária; - par pedagógico; - professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - regras do jogo 24; - quadro interativo; - caderno; - material de escrita. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - sabe as tabuadas; - respeita as regras do jogo; - participa pelo menos uma vez no jogo;

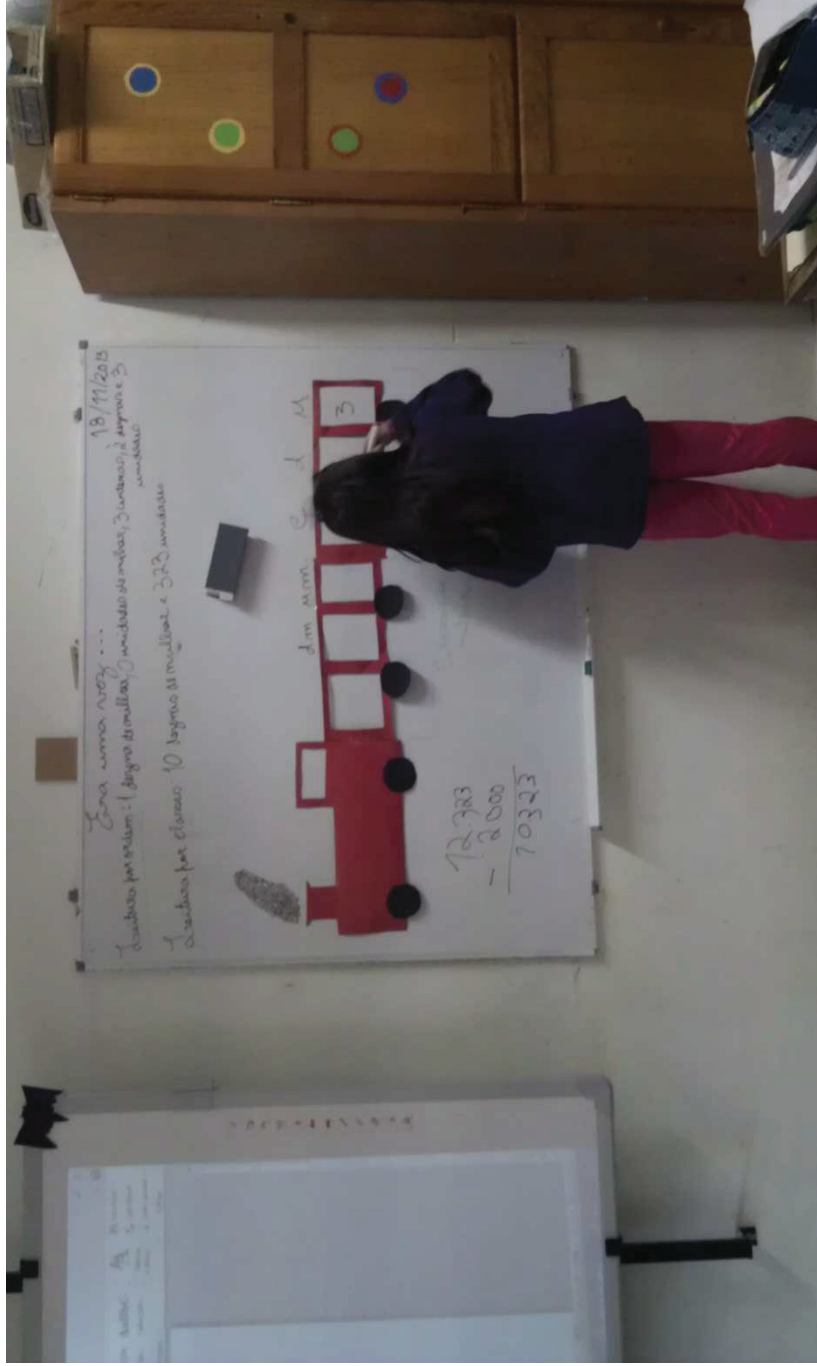
Matemática	14h00 – 15h00			<p>Para a explicação das regras, a professora regista no quadro as regras do jogo e os alunos redigem as mesmas nos cadernos.</p> <p><u>Regras:</u></p> <ol style="list-style-type: none">1- A professora cola no quadro uma carta de cada vez;2- O objetivo do jogo é ganhar o máximo de pontos por ser o primeiro a chegar ao resultado 24, utilizando os 4 algarismos da carta;3- Pode-se somar subtrair e multiplicar;4- Devem-se utilizar todos os 4 algarismos, mas cada um de uma só vez;5- Ganham todos os jogadores que conseguirem dar corretamente a solução;6- Só poderão utilizar o material de escrita depois de dizer a resolução oralmente;7- Os participantes devem manter-se sentados e em silêncio durante o jogo, para que haja maior concentração durante o jogo. <p>Após o registo das regras, os alunos partem para a descoberta e exploração do jogo cumprindo sempre as regras anteriormente estipuladas.</p> <p>No final do jogo, cada aluno desenha no seu caderno uma cartão do jogo do 24 e a respetiva resolução.</p>		
-------------------	----------------------	--	--	---	--	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 40 – Planificação do comboio das classes no 1º CEB

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Matemática	<p>Números e Operações</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representação decimal de números naturais; - Leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números até centena de milhar 	<ul style="list-style-type: none"> - Descodificar o sistema de numeração decimal; - Representar qualquer número natural até 1.000.000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem e efetuar a leitura por classes e por ordens; - Representar através do ábaco um algarismo até as centenas de milhar. 	<p>Para iniciar a aula a professora apresenta à turma o ábaco. Este instrumento já foi anteriormente utilizado, contudo será o mote para a descoberta de o novo número 100 000. Para a descoberta do número através do ábaco representa o número 10 000, fazendo acrescentar mais uma patela e representar o número 100 000. De seguida a professora questiona aos alunos como se faz a leitura do número. Depois disto, a professora cola no quadro o comboio das classes e pede a um aluno para dizer um número que preencha os algarismos até à centena de milhar.</p> <p>A professora pede aos alunos que façam a decomposição daquele número.</p> <p>A seguir, é explicado à turma que irão realizar um jogo, esse jogo será realizado por grupos e a professora regista no comboio um número e os alunos terão de desenhar o ábaco com a representação do número. As correções serão feitas no quadro.</p> <p>Após esta atividade, os alunos irão jogar o loto dos números, ou seja, cada criança escreve um número até às centenas de milhar e aleatoriamente a professora vai dizendo alguns algarismos registando no quadro. Ganha quem concluir todos os algarismos corretamente.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ábaco; - Pc; - Quadro. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece os algarismos até à centena de milhar; - Representa no ábaco um número; - Decompõe um número; - Faz a leitura de um número por ordem e por classes; - Participa no jogo. 	

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma



ANEXO 41 – Carta para a direção no 1º CEB

Porto, 4 de dezembro de 2013

Exma. Sr^a Coordenadora da EB/JI do Cerco

Somos os alunos da turma A do 3º ano e estamos a escrever-lhe esta carta para lhe fazermos uma proposta. Estivemos a ver a caixa dos primeiros socorros da escola e reparámos que algum material está em falta como: Riafin, mais compressas com vaselina, termómetro, adesivos, pinça, álcool, luvas de latex, Fenistil.

Gostaríamos de saber se seria possível comprar este material porque faz mesmo muito falta em caso de acidentes. Também queremos saber se seria possível retirar o algodão porque pode ficar preso em alguma ferida quando o sangue seca e criar uma infeção.

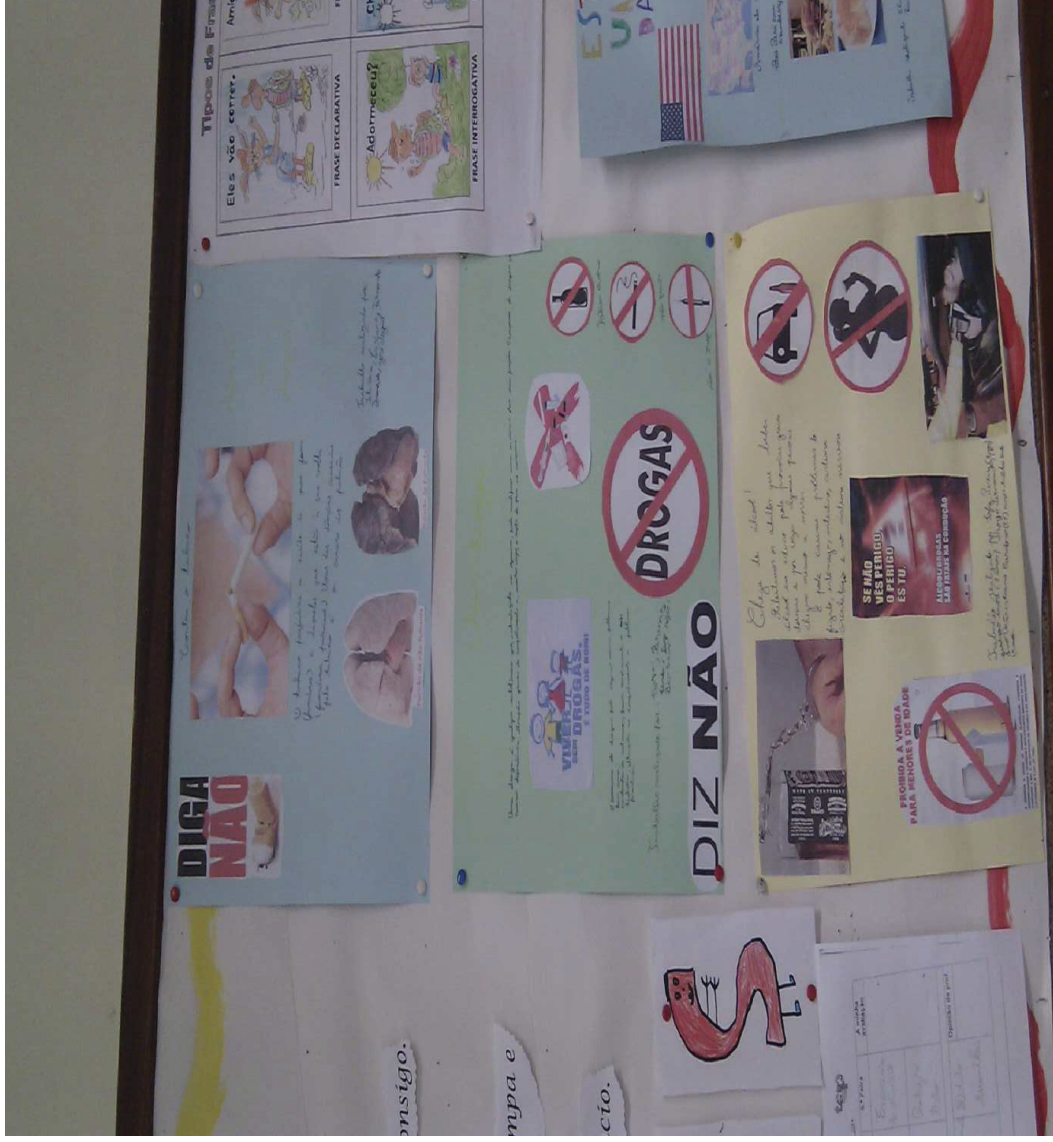
Esperamos atenciosamente pela sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

os alunos da turma do 3º A

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 42 – Criação dos cartazes “perigos das drogas, tabaco e álcool”



O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 43 – Planificação do dia de Reis

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Português	09h00 – 10h30	<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema, tópico, assunto - Enriquecimento vocabular - Informação relevante e acessória - Assunto e ideia principal 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos; - Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo; - Expressar uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor. 	<p>No início de um período, a professora conversa com os alunos sobre as suas férias de natal, o que receberam o que comeram o que fizeram durante as férias. Perguntas às crianças como correu a passagem de ano e como é que a festejaram.</p> <p>Posto isto, a professora explica que iremos iniciar um novo período e como tal é distribuído pelas crianças, uma folha com uma ilustração alusiva ao novo semestre que irá iniciar. Nesse momento os alunos colam no caderno a imagem, onde mais tarde irão colorir.</p> <p>A seguir, a professora pede aos alunos que coloquem em cima das carteiras os trabalhos de casa das férias e vai registando numa tabela.</p> <p>Depois dos trabalhos recolhidos, a professora pergunta-lhes se sabem que dia é hoje. Depois de descobrirem que neste dia se celebra os dias dos reis, a professora faz a leitura da história dos reis magos e a tradição de cantar as janeiras através de um powerpoint ilustrado.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pc; - Ficha de exercícios; - Projetor; - Colunas; - Música. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descreve como correu o seu natal e passagem de ano; - Interpreta o texto; - Recorta; - Contorna; - Decora músicas.

<p>Português</p>	<p>09h00 – 10h30</p>	<p>Pintura e recorte</p> <ul style="list-style-type: none">- Revela imaginação, criatividade, destreza manual.	<ul style="list-style-type: none">- Contornar objetos;- Ilustrar de forma pessoal.	<p>Com este objetivo, a professora questiona às crianças:</p> <ul style="list-style-type: none">- Porque que se celebra no dia 6 os dia dos reis?- Quantos reis eram e como se chamavam?- De onde era oriundo cada rei?- O que queriam eles encontrar?- Que presentes levavam eles consigo?- O que é que cada presente significa?- Que tradição existe no dia 6 de janeiro e o que se costuma fazer? <p>Estas perguntas serão abordadas em grande grupo e serão registadas nos cadernos.</p> <p>Depois dos registos partimos para a construção das coroas, para tal, será entregue a cada aluno uma folha com o contorno de uma coroa e cada aluno terá contornar, recortar e decorar ao seu gosto. Após a decoração a professora ágrafa a coroa de acordo o tamanho da cabeça de cada um. A decoração das coras será inteiramente da responsabilidade de cada criança.</p> <p>No final a professora apresenta aos alunos uma canção que se costuma cantar no dia 6 de janeiro e propõe aos alunos se no final do dia querem ir cantar as janeiras às restantes salas. Para tal, os alunos terão de ensaiar e aprender a letra da música.</p> <p>Para ajudar a decorar a letra, será distribuído por cada aluno uma folha com a letra da canção.</p>	
-------------------------	-----------------------------	---	---	--	--

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Matemática	14:00 – 15:00	<p>Números e Operações</p> <p>Números naturais</p> <p>Multiplicação de números naturais</p> <p>Sequências</p> <p>Resolver problemas que envolvam o raciocínio proporcional;</p> <p>Investigar regularidades em sequências e em tabelas de números.</p>	<p>- Conhecer a numeração romana;</p> <p>- Multiplicar números naturais;</p> <p>- Ler e escrever números por ordens, por classes e por extenso até à centena de milhar;</p> <p>- Identificar regularidades na obtenção de números pares e ímpares.</p>	<p>Dando continuidade ao tema do dia “Os Reis Magos”, a professora prepara para os alunos um jogo, que será organizado por 4 equipas. Tal como os três reis magos, o objetivo do jogo é conseguir chegar a Belém para ver Jesus e oferecer-lhe o seu presente. Contudo, para que possam lá chegar terão de ultrapassar algumas provas. Essas questões que serão colocadas aos alunos serão projetadas no quadro interativo.</p> <p>As regras do jogo serão as seguintes:</p> <p><u>Regras:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Todos respondem à mesma pergunta; - Só lançam o dado os grupos que acertarem; - Cada grupo ficará com um peão de cada cor; - As perguntas serão projetadas no quadro interativo e as respostas serão corrigidas no quadro; - As respostas serão registadas nos cadernos pelos discentes; - Os alunos deverão estar em silêncio durante o jogo; - Cada grupo terá um “porta-voz” e esse aluno será responsável por pedir autorização para responder às questões levantando o braço; - Se algum elemento quebrar alguma das regras anteriores o grupo recua três casas; - Ganha o grupo que chegar ao ponto de chegada. 	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tabuleiro do jogo; - Pc; - Projetor; - Quadro. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeita as regras; - Participa no jogo;
-------------------	----------------------	--	--	--	--	--

<p>Estudo do Meio</p> <p>11:00 – 12:30</p>	<p>Plantas Os seres vivos do ambiente próximo</p>	<p>- Comparar e classificar plantas de acordo com a flor; - Identificar a estrutura de uma planta; - Reconhecer a utilidade das plantas; - Conhecer novas plantas e a sua origem e utilidade.</p>	<p>Dando continuidade ao tema do dia, a professora questiona às crianças se sabem qual é a planta que se fala durante a história dos Três Reis Magos. De seguida a professora questiona aos alunos se sabem: - Como é o seu aspeto? - Qual o tipo de planta? - Qual a sua origem? - Qual a sua utilidade? A professora explica que para descobrirmos sobre essa planta, primeiro temos de conhecer o mundo das plantas. As plantas tal como nós são seres vivos e por isso têm as suas características e necessidades específicas. Após a explicação, a professora começa por explicar aos alunos a classificação das plantas: a sua constituição, o seu tamanho, as plantas que têm ou não flor. A exploração da matéria feita através de um powerpoint, onde à medida que a professora explica as crianças ouvem e participam com os seus conhecimentos, depois haverá um momento de registo da informação onde as crianças registam no caderno a informação (escrita e colagem de algumas imagens). No fim em grande grupo será feito o registo em tabela das questões anteriormente referidas à planta mirra.</p>	<p>Recursos humanos: - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular.</p> <p>Recursos materiais: - Pc; - Folhas com imagens; - Cola</p>	<p>O aluno: - Descreve a constituição das plantas; - Conhece algumas características das plantas; - Conhece algumas plantas com e sem flor; - Regista de forma organizada a informação no caderno. - Preenche uma tabela de dupla entrada.</p>
--	--	---	---	---	---

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

Expressão Musical	15:00 – 16:00	<p>Expressão e criação musical</p> <p>Desenvolvimento auditivo; Expressão e criação musical</p>	<p>Dizer e entoar rimas e cantar canções e reproduzir pequenas melodias;</p> <p>Experimentar sons vocais.</p>	<p>Nesta aula as crianças ensaiam mais uma vez a música para que possam ir cantar as janeiras às restantes salas.</p> <p>Depois de estar tudo organizado os alunos e as professoras partem para as oito salas da escola para dar um bom ano e cantar as janeiras.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Folha com a letra da música. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tem sentido musical; - Participa em atividades que envolvam cantar; - Experimenta e domina progressivamente as possibilidades do corpo e da voz através de atividades lúdicas.
--------------------------	----------------------	--	---	---	---	---

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 45 – Grelha de auto e hétero avaliação das leituras

Auto avaliação	Hétero avaliação
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)
Nome do aluno	(Avaliação da turma através da votação)

Nota: Cada aluno tem 4 lápis de cor. Cada cor equivale a uma avaliação qualitativa: vermelho – insuficiente; amarelo – suficiente; verde – bom; e azul – muito bom. No final de cada leitura de um aluno faz-se a auto e hétero avaliação. No final a estagiária dá o feedback aos alunos no sentido de incentivar a melhorar. Estas grelhas servem avaliar a evolução ou regressão do aluno relativamente à leitura.

ANEXO 46 – Horário com as áreas curriculares no 1º CEB

Ano letivo 2013/2014

Horário

Turma: 3º A Professor: Cristina Costa

Dia/Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
9h00 - 10h00	Português	Matemática	Português	Português	Matemática
10h00 - 10h30					
10h30 - 11h00 *					
11:00 - 11:30	Matemática	Apoio ao Estudo	Matemática	Estudo do Meio	Português
11h30 - 12h30					
ALMOÇO					
14h00 - 15h00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Matemática	Matemática	Português
15h00 - 16h00	Expressões	Expressões	Expressões	Apoio ao Estudo	Formação Cívica Assembleia de turma
16h00 - 16h30*					

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 47 – Planificação da área de Apoio ao Estudo

A.C	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da atividade/Estratégias	Recursos	Avaliação
Apoio ao estudo/Expressões	14:00 – 16:00	<p>Compreensão do Oral Vocabulário; Informação essencial e acessória; Ideia principal</p> <p>Leitura e Escrita Textos informativos</p> <p>Pesquisa e organização da informação: Enriquecimento o vocabular; Assunto e ideia principal</p> <p>Escrita Produção de textos diversos (panfleto)</p>	<p>Escutar para aprender e construir conhecimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; - Identificar informação essencial; - Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu. <p>Ler textos diversos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler textos informativos <p>Planificar a escrita de textos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escrever textos diversos (panfleto) 	<p>Beneficiando da interdisciplinaridade, a professora interliga a aula de apoio ao estudo (texto informativo) com a aula das expressões (construção de um panfleto) e recorda aos alunos que a importância que as plantas têm para o planeta e o quanto é importante estar atento à nossa flora.</p> <p>Tal como os animais (lince e a águia ibérica), as algumas árvores também se encontram em vias de extinção. No nosso país, o pinheiro manso é uma dessas árvores.</p> <p>Para o início da aula, a professora começa por distribuir aos alunos um texto informativo sobre o pinheiro manso e pede aos alunos que sublinhem no texto a informação que acham ser a mais importante, (características da árvore, a sua utilização, onde habita o que está a colocar em perigo). Estes temas deverão ser abordados e registados.</p> <p>Depois dos alunos registarem no caderno o mais importante, a professora questiona aos alunos se sabem o que é um panfleto e qual a sua função.</p> <p>Posto isto, é proposto à turma que individualmente elaborem um panfleto onde apelam à importância do pinheiro manso e a importância de respeitarmos todas as árvores.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professora estagiária; - Par pedagógico; - Professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Panfleto; - Texto informativo; - Imagens; - Furadores com formas. 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisa o texto informativo; - Sublinha as ideias principais do texto informativo; - Elabora o seu panfleto.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 48 – Grelha de presenças e atrasos no 1º CEB

Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo
Nomes	Registo	Nomes	Registo

Nota: nos registos são utilizadas siglas como: P- presente; F – falta. Na coluna dos atrasos era utilizado símbolos com x- atrasado e ✓ - assíduo.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 49 – Planificação de uma aula com questões a colocar à turma 1º CEB

A.C.	T	Conteúdos	Objetivos	Descrição da Atividade/Estratégia	Recursos	Avaliação
Português		<p>Escrita</p> <p>Ortografia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Registo e organização da informação; - Produção de textos diversos (publicitário) 	<p>Planificar a escrita de textos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as; <p>Redigir corretamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar uma caligrafia legível; - Usar vocabulário adequado; - Trabalhar um texto, amplificando-o através da coordenação de nomes, de adjetivos e de verbos; 	<p>No início da aula a professora começa por escrever a lição no quadro e recolhe os trabalhos de casa, e regista numa tabela quem fez e quem não fez os trabalhos pedidos. Posto isto, a professora lê e entrega a ata que foi elaborada pela turma na sexta feira anterior.</p> <p>A professora começa por pedir aos alunos que abram o manual de português na página 60 e pede para os alunos lerem.</p> <p>De seguida em grande grupo exploram em conjunto:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a quem se dirige a publicidade; - qual a mensagem que pretende transmitir; - o que será que esta publicidade espera que o leitor faça; - qual o significado da bandeira branca na imagem; - descrever pormenorizadamente a imagem do cartaz; - nas frases que estão na imagem, sublinhar os verbos e descobrir o verbo que está relacionado com a mensagem do cartaz. <p>(As respostas serão registadas nos cadernos).</p>	<p>Recursos humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - professora estagiária; - par pedagógico; - professora titular. <p>Recursos materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - imagens; - manual de português; 	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produz um texto publicitário; - Apresenta oralmente o seu trabalho à turma; - Identifica os verbos numa frase; - Identifica adjetivos;
	09h00 – 10h30					

<p>Português</p>	<p>09h00 – 10h30</p>	<p>Escrever textos diversos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Textos publicitários;	<p>De seguida, os alunos registam no livro pág. 61, o seguinte exemplo:</p> <table border="1" data-bbox="256 656 435 1512"><tr><td>Produto / ideia a publicitar</td><td></td></tr><tr><td>Anunciante</td><td></td></tr><tr><td>Destinatário</td><td></td></tr><tr><td>Texto principal</td><td></td></tr><tr><td>Descrição da imagem</td><td></td></tr></table> <p>Posto isto, a professora questiona às crianças se sabem o que é um <i>slogan</i>, e pede aos alunos alguns exemplos. A seguir, a professora explica que um <i>slogan</i> é uma frase curta, que pretende ter um grande impacto para quem lê e é muito utilizada em publicidade.</p> <p>Para finalizar, em grupo de 3 a 4 elementos, os alunos irão criar um texto publicitário. A professora distribui pelos grupos uma imagem e cada grupo irá apresentar à turma.</p>	Produto / ideia a publicitar		Anunciante		Destinatário		Texto principal		Descrição da imagem			
Produto / ideia a publicitar															
Anunciante															
Destinatário															
Texto principal															
Descrição da imagem															

ANEXO 50 – Reflexão sobre a aula improvisada no 1º CEB

Reflexão

Depois de selecionar os conteúdos as serem abordados, organizar as estratégias e as atividades para a área curricular Matemática. A planificação foi verificada pela professora cooperante para que pudesse ser aprovada.

Chegado o momento da aula, pedi aos alunos que retirassem do estojo o seu compasso e desenhassem uma circunferência (não pedindo nenhuma medida em concreto). Algumas das crianças perguntaram-me logo o que era um compasso e outras não sabiam como o manusear. É importante referir que a aula em questão abordava conteúdos como a diferença entre circunferência e círculo, calcular o raio, diâmetro. Nesse momento senti-me nervosa, pois teria de improvisar e ao mesmo tempo organizar atividades que dessem início aos conteúdos que mais tarde teriam de ser abordados. Primeiramente descobrimos o que é um compasso e para que serve, algumas delas disseram que podíamos encontrar circunferências em alguns quadros. A partir desta informação descobrimos que em alguns de artistas que utilizam figuras geométricas nas suas pinturas. De seguida a estagiária explicou que nas catedrais existem rosáceas e elas podem ser desenhadas com os compassos. Nesse momento, a estagiária apresentou um vídeo de como se manuseia o compasso e seguidamente como se desenha as rosáceas, de seguida as crianças desenharam numa folha branca rosáceas ao seu gosto. Depois de desenharem, em conjunto diferenciámos o círculo da circunferência e registámos no caderno. Na seguinte aula de expressão motora as crianças fizeram desenhos de englobassem o compasso e a régua, com o objetivo de treinarem a coordenação óculo-manual e o manuseamento de ambos os instrumentos (régua e compasso).

No final da aula em conversa com a professora cooperante, ela disse que ficou surpreendida por a grande parte das crianças não saberem manusear o compasso. Contudo ficou contente por saber que numa situação – problema, conseguiu dar a volta e

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

não bloquear. Esta experiência fez-me perceber que nem tudo o que planeámos se pode concretizar e que temos de utilizar todos os recursos e improvisos e estratégias para ultrapassar essas situações.



Legenda: Desenhos das crianças elaborados com régua e compasso.

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 51 – Imagem da construção do calendário de outono



A professora estagiária relembra aos alunos que o outono já chegou e por isso temos de festejá-lo! Com o objetivo de conhecer alguns dias comemorativos durante a época de outono, a professora estagiária propõe aos alunos que façam um calendário com os dias mais importantes que se pode festejar durante esta estação do ano. À medida que chega a data de um dos dias os alunos iram pesquisar sobre a razão da sua existência.

Primeiramente a turma será dividida em cinco grupos.

O primeiro grupo irá desenhar no papel de cenário o tronco de uma árvore e preenchê-lo com cascas de árvores e pequenos troncos e colar folhas nos ramos.

O segundo grupo vai pintar as letras **OUTONO** através da técnica de pintura “impressão”.

O terceiro grupo vai fazer o calendário, colando os números nos quadrados de tecidos e depois colam de novo numa cartolina branca. O quarto e quinto grupo escrevem os cartões com os principais dias festivos durante esta estação – outono.

Os dias festivos serão:

5 de outubro – dia da implementação da república e dia mundial do professor.

7 de outubro – dia nacional dos castelos.

9 de outubro – dia mundial dos CTT

12 de outubro – dia internacional da família e da escola.

16 de outubro – dia da alimentação.

1 de novembro – dia de todos os santos.

9 de novembro – dia mundial contra o racismo

11 de novembro – dia de Martinho

20 de novembro – dia dos direitos internacionais da criança

1 de dezembro – dia da restauração

10 de dezembro – dia da declaração dos direitos humanos

O docente com dupla habilitação:
desafios deste novo paradigma

ANEXO 52 – Imagens com as atividades do dia da alimentação



Legenda: Palestra com o enfermeiro sobre uma alimentação correta.



Legenda: lanche com espetadas de fruta.